

Vitor Lucas de Faria Pessoa

“MOÇOS DE HOJE, DIRIGENTES DA NAÇÃO AMANHÃ”:

A história do esporte universitário no Brasil de 1930 a 1941

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2018

Vitor Lucas de Faria Pessoa

“MOÇOS DE HOJE, DIRIGENTES DA NAÇÃO AMANHÃ”:

A história do esporte universitário no Brasil de 1930 a 1941

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Linha de Pesquisa: História, Memória e Lazer

Orientador: Prof. Dr. Cléber Dias

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2018

P475m Pessoa, Vitor Lucas de Faria
2018 “Moços de Hoje, Dirigentes da Nação Amanhã”: A história do esporte universitário no Brasil de 1930 a 1941. [manuscrito] / Vitor Lucas de Faria Pessoa – 2018.
120., enc.: il.

Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 106-116

1. Lazer – Teses. 2. Esportes – História – Teses. 3. I. Dias, Cleber Augusto Gonçalves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 796.332

Dissertação intitulada “Moços de Hoje, Dirigentes da Nação Amanhã”: A História do Esporte Universitário no Brasil de 1930 a 1941, de autoria do mestrando Vitor Lucas de Faria Pessoa, apresentada ao Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos do Lazer, defendida e aprovada em 17 de Julho de 2018, pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias – UFMG (Orientador)

Prof. Dra. Maria Cristina Rosa (Titular interno)

Prof. Dr. Roberto Camargos Malcher Kanitz (Titular externo)

Prof. Dr. Élcio Loureiro Cornelsen (Suplente interno)

Prof. Dr. Euclides de Freitas Couto (Suplente externo)

HOMENAGEM

Esta dissertação é uma homenagem ao meu avô Geraldino Félix Pessoa, que nos deixou quando eu ainda era criança. Um homem do campo, que criou seus filhos em meio à pobreza e fez tudo que estava ao seu alcance para dar a eles as melhores condições possíveis. Hoje nos resta a saudade, as histórias e seus poemas, talvez eu tenha herdado dele o gosto pela escrita...

DEDICATÓRIA

Esta dissertação é dedicada à memória dos estudantes brasileiros que perderam seus direitos políticos, sua liberdade e sacrificaram suas vidas ao longo do Estado Novo e da Ditadura Militar, em busca da democracia e da equidade social.

EPÍGRAFE

“A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca”

Erick Hobsbawn

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas foram responsáveis pela minha caminhada até aqui, primeiramente eu gostaria de agradecer aos meus pais, Evando e Sônia e aos meus irmãos, Bruno e Leonardo, que sempre me apoiaram na decisão de seguir a carreira acadêmica, sem eles esta dissertação seria impossível.

A minha companheira Érica, que surgiu como um raio de luz em meio às intempéries da vida, ao seu carinho e apoio incondicional fica o meu eterno agradecimento.

Ao Prof. Cleber, que muito mais do que um orientador foi e é um amigo que levarei para toda a vida.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que proporcionou com que eu pudesse me dedicar integralmente à pesquisa.

Aos membros do Grupo de Pesquisa em História do Lazer (HISLA/UFMG), que me auxiliaram no processo de construção da pesquisa.

Aos meus amigos de turma do mestrado, que fizeram deste trajeto algo muito menos solitário.

Aos amigos que a UFMG trouxe para a minha vida, André, Buba, Ludmila, Brisa, Marçal, Alexandre e para todos e todas que contribuíram para fazer da vida universitária um lugar mais agradável.

Ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG, em especial ao Prof. Silvio, Prof. Luciano, Prof. Hélder e ao Danilo.

Ao Programa de Educação Tutorial, Educação Física e Lazer, que me deu a oportunidade para que eu pudesse acreditar nos meus sonhos.

Finalmente, aos irmãos que eu escolhi pra vida, Felipe, Matheus, Dione, Vivi e Fabio, a minha eterna gratidão.

RESUMO

Este trabalho busca elucidar a trajetória do esporte universitário no Brasil de 1930 ao ano de 1941, período que corresponde à sistematização do fenômeno nas universidades brasileiras e posteriormente ao seu aparelhamento por parte do Estado Novo. Os objetivos da dissertação se constituem em buscar indícios da sistematização do esporte universitário no Brasil, procurando ressaltar quais foram as instituições e atores responsáveis pelo o seu desenvolvimento no país; Analisar o envolvimento do movimento estudantil com o esporte acadêmico; Observar como o esporte universitário foi utilizado como um espaço privilegiado para a afirmação de identidades, e por fim, compreender qual foi o seu papel nas discussões sobre amadorismo e profissionalismo no esporte a partir da década de 1930. Desse modo, para que pudéssemos atingir os objetivos propostos utilizamos documentos e periódicos datados de 1930 até o ano de 1941. O levantamento das fontes foi realizado no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, através da Hemeroteca Digital Brasileira. Constatou-se que o associativismo estudantil foi o principal fator que contribuiu para a sistematização do esporte universitário no Brasil. Os fóruns de articulação do movimento estudantil brasileiro, como os congressos da União Nacional dos Estudantes, assim como, as assembleias das entidades de base, foram fundamentais para que o esporte universitário fosse concebido enquanto um fator que contribuiria para um maior intercâmbio entre os acadêmicos de todo o Brasil. O Estado Novo utilizou o esporte universitário enquanto um veículo de propaganda dos ideais nacionalistas. Ao longo da década de 1930, Vargas se aproximaria cada vez mais das instituições acadêmicas, sendo que o definitivo aparelhamento da Confederação Brasileira de Desporto Universitário ocorreu com a promulgação do Decreto-lei nº 3.617 em 15 de setembro de 1941. Ademais, o esporte universitário foi concebido enquanto um refúgio aos defensores do amadorismo, uma espécie de contraponto ao processo de profissionalização do futebol que ocorreu no mesmo período em que o esporte universitário se consolidou no país.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte Universitário. História do Esporte. Estado Novo. Universidades. Associativismo.

ABSTRACT

This work seeks to elucidate the trajectory of university sports in Brazil from 1930 to 1941, a period that corresponds to the systematization of the phenomenon in Brazilian universities and after its rigging by the Estado Novo. The objectives of the dissertation are to seek indications of the systematization of university sports in Brazil, seeking to highlight which institutions and actors were responsible for its development in the country. Analyze the involvement of the student movement with academic sports. Observe how university sport was used as a privileged space for the affirmation of identities, and finally, to understand his role in the discussions about amateurism and professionalism in sports from the 1930s onwards. Thus, in order to achieve the proposed objectives, we used documents and periodicals dating from 1930 until 1941. The collection of the sources was done in the collection of the Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, through the Brazilian Digital Library. It was verified that student associativism was the main factor that contributed to the systematization of university sports in Brazil. The articulating forums of the Brazilian student movement, such as the União Nacional dos Estudantes congresses, as well as the assemblies of grassroots organizations, were fundamental for university sports to be conceived as a factor that would contribute to a greater exchange among Brazilian academics. The Estado Novo used university sports as a vehicle for propaganda of nationalist ideals. Throughout the decade of 1930, Vargas would approach more and more of the academic institutions, being that the definitive appropriation of the Brazilian Confederation of University Sports occurred with the promulgation of the Decree-law nº 3,617 in 15 of September of 1941. In addition, the university sport was conceived as a refuge for the defenders of amateurism, a kind of counterpoint to the process of professionalization of football that occurred during the same period in which university sports consolidated in the country.

KEY-WORDS: University Sports. History of Sport. Estado Novo. Universities. Associativity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Posse do Presidente Virgílio Pires de Sá em 1941 p. 42
- Figura 2 – Medalha de Ouro Entregue ao Presidente Getúlio Vargas e o Título honorário de Presidente da C.U.B.E p. 66
- Figura 3 – Acadêmico paulista retratado nas páginas dos jornais p. 94
- Figura 4 – Queima das Bandeiras p. 96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEA - Associação Paulista de Esportes Atléticos

C.A.F.M. - Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina

C.B.D.U. - Confederação Brasileira dos Desportos Universitários

C.U.B.E. - Confederação Universitária Brasileira de Esportes

CBD - Confederação Brasileira de Desporto

COB - Comitê Olímpico Brasileiro

D.C.E. - Diretório Central dos Estudantes

F.A.E. - Federação Atlética de Estudantes

F.C - Football Club

F.U.P.E. - Federação Universitária Paulista de Esportes

JUBS - Jogos Universitários Brasileiros

UNE – União Nacional dos Estudantes

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 – DA AUTONOMIA AO APARELHAMENTO ESTATAL	23
1.1 - Associativismo e Esporte	23
1.2 – A Sistematização do Esporte Universitário no Brasil.....	28
2 – CONJUNTURA POLÍTICA E ESPORTE UNIVERSITÁRIO	52
2.1 – A Política das Arcadas e o Desporto Acadêmico	56
3 – AMADORISMO, O <i>ETHOS</i> DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO	68
3.1 A Pureza do Desporto Acadêmico	71
3.2 O Desenvolvimento Perdido do Esporte Universitário no Brasil.....	78
4 – O ESPORTE COMO UM VEÍCULO DE AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES	82
4.1 – Os Filhos da Nação	86
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	106
ANEXOS	117

INTRODUÇÃO

Algo fundamental na historiografia do esporte é compreendermos qual a sua contribuição para as ciências humanas e sociais. Por conseguinte, há uma questão central que precisa ser problematizada, estudamos o esporte e o lazer como um fim em si mesmo, ou pelo o que eles podem nos revelar sobre questões mais amplas da história e da sociedade? Collins (2007) aponta que na verdade as razões para estudar qualquer objeto histórico repousam na combinação destes dois fatores, o autor utiliza como exemplo as regras do *Football Association* formuladas em 1863, que serviram para que os jovens das *public schools* inglesas resolvessem as disputas recorrentes sobre como jogar o *Football*. Porém estas regras só ganhariam significado durante as décadas seguintes:

Quando o *football* tornou-se uma parte do tecido das redes sociais dos jovens de classe média, e mais significativamente na década de 1870, quando os clubes de *football* que representavam municípios e cidades foram formados e, por conta da rivalidade local e das competições, tornou-se veículo para o orgulho cívico. Para ir além do antiquário, existe uma responsabilidade sobre o historiador para demonstrar o porquê e como, o esporte e o lazer são importantes para a sociedade (COLLINS, 2007, pg. 399)¹.

A partir deste pressuposto, entendemos o esporte como um fenômeno capaz de revelar nuances fundamentais para compreendermos a história da sociedade. O esporte utilizado enquanto uma janela interpretativa para problematizar o passado, possibilita importantes contribuições para a história social, política, econômica e por fim, para a história cultural, que será utilizada como ponto de partida para as discussões que se seguem.

A partir da segunda metade do século XX, vários historiadores tem se dedicado ao que se convencionou chamar de Nova História. “A base filosófica da nova história é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída” (BURKE, 1992, p. 11). Estes novos historiadores culturais buscaram dar voz aos atores que eram negligenciados no fazer da história tradicional, que tinha como foco grandes transformações na sociedade a partir da narrativa das elites. Por conseguinte, os fenômenos culturais ficaram submetidos à lógica de uma produção historiográfica que distanciava os sujeitos do protagonismo de suas próprias ações:

¹ Tradução minha.

Trata-se, portanto, por mais variadas que sejam as nuances, da vigência da metáfora base/superestrutura; da idéia, freqüentemente geradora de reducionismos grotescos, de “determinação em ultima instancia pelo econômico”. Em outras palavras, trata-se da postulação de uma espécie de exterioridade determinante dos rumos da história, demiurga de seu destino – como se houvesse um destino histórico fora das intenções e das lutas dos próprios agentes sociais. Talvez caiba recorrer aqui à intuição de um poeta: “Já se modificaram muitas noções relativas ao movimento; há de se reconhecer, aos poucos, que aquilo a que chamamos destino sai de dentro dos homens em vez de entrar neles” (CHALHOUB, 1990, pg. 18).

Neste sentido, a produção historiográfica vem se aproximando da antropologia social, por ser uma disciplina que possui uma tradição teórica sobre o conceito de cultura, o intercâmbio entre estas duas áreas do conhecimento tem sido efetivamente proveitoso para os historiadores (CHALHOUB, 1990). Portanto, esta dissertação vai ao encontro do que vem sendo discutido neste paradigma historiográfico, buscando apontar indícios e reconstruir versões sobre a participação dos sujeitos nos processo de transformação da cultura e da sociedade, aqui mais precisamente, ligado aos atores que influenciaram a história do esporte no país.

Sendo assim, buscamos revisar a produção historiográfica sobre o surgimento de iniciativas do poder público relacionadas ao esporte no Brasil, no intuito de dar voz aos atores que protagonizaram o processo de alargamento de práticas esportivas no país, e tentar compreender sua participação na estruturação das políticas públicas voltadas ao âmbito esportivo. Constatou-se que o papel do estado enquanto interventor destas políticas se deu de forma mais sistematizada a partir da década de 1930 (LINHALES, 1996). Porém, não se pode afirmar que em um país de dimensões continentais como o Brasil, este processo tenha se dado de forma simultânea em todos os estados. Para citarmos um exemplo, Rodrigues *et al.* (2014) concluíram que em solo mineiro, o estado teria criado a partir de 1927 a primeira Inspeção de Educação Física, que cumpriria o papel de elaborar as políticas públicas de esporte principalmente através da reforma do ensino primário e a formação de profissionais. Ademais, intervenções governamentais no âmbito esportivo já eram observadas desde a década de 1920, segundo Malaia (2014), o envolvimento do Estado teria se dado principalmente na realização de megaeventos esportivos, nomeadamente os Jogos Sul Americanos que aconteceram em 1922 no Brasil. De acordo com o autor, o Presidente Epitácio Pessoa, que era um entusiasta esportivo e membro honorário do Fluminense disponibilizou uma quantia

considerável de verba para a realização do evento. Isto nos mostra que a intervenção estatal naquele contexto ainda não possuía um caráter estrutural que pautasse uma agenda de políticas públicas de esporte, mas sim, iniciativas isoladas que não se configuravam como uma política, compreendida como uma intervenção sistemática do Estado. De acordo com Manhães (1986, p. 27) “A primeira proposta de Lei Orgânica para os desportos no Brasil data de abril de 1941. É o Decreto-Lei nº 3.199”, portanto, da sua chegada ao país, mais precisamente na segunda metade do século XIX, onde foram criadas as primeiras federações e competições (DIAS, 2012), até ao menos a década de 1930, o esporte teria se desenvolvido de forma autônoma, sem a intervenção direta do Estado, principalmente através do associativismo civil.

Desde meados do século XIX² e principalmente no início do século XX, o esporte seria palco de inúmeras discussões em âmbito nacional e regional sobre seu papel na sociedade, assim como aponta Linhares (2006, p. 85):

Diante da apreciação dessas práticas discursivas, desses vários olhares e apropriações produzidas no clima cultural da década de 1920, foi possível constatar um repertório diversificado de construções argumentativas: dos conhecimentos científicos e pedagógicos exaltando as virtudes esportivas até os que destroem a “sporterréia”; do debate entre o modelo anglo-americano de sociedade até a caracterização da rusticidade brasileira; da expectativa formadora do *men sans in corpore sano* até a constatação de que não se educavam nem mentes nem corpos; da compreensão do esporte como uma experiência já popularizada até a constatação de que este não passava de prática de elites; da polêmica entre a mentalidade esportiva e a mentalidade clínico-pedagógica; dos riscos esportivos na infância; do debate sobre as condições sociais e dos fatores de ordem higiênica e eugênicas, dentre outros.

Paralelamente às discussões que se desenvolveram no Brasil, o esporte norte-americano no início do século XX fomentou diversos embates acadêmicos, políticos e sociais sobre sua função para educar os jovens americanos. O'Hanlon (1982) aponta que estas competições escolares nas primeiras décadas do século XX estruturaram o que o autor chama de “Treinamento Social”, uma espécie de paradigma educativo que buscava através do esporte refletir os valores da sociedade norte-americana. Notadamente, as duas principais pautas que compunham o rol de discussões sobre a função do esporte, diziam respeito ao seu

² Assim como aponta Victor Melo sobre os primórdios do esporte no Rio de Janeiro, para mais informações ver: MELO, Victor Andrade. **Cidadesportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2001, p. 233.

papel para a preparação dos jovens em servir à pátria na Primeira Guerra Mundial, assim como, uma possibilidade de desenvolver valores para o mundo do trabalho industrial, como a cooperação, a ética, a determinação, autocontrole e o trabalho em equipe, valores que de acordo com a retórica dos educadores eram indispensáveis para uma sociedade moderna.

No Brasil, o esporte além de ter sido alvo de investimentos e debates por parte de diversos âmbitos sociais, posteriormente se tornaria um dos principais meios de veiculação ideológica e propaganda por parte do Estado, assim como afirma Drumond (2011, p. 11), ao estudar o esporte no Estado Novo:

A política utilizaria então o esporte através da mobilização de seu potencial simbólico, tendo em vista uma associação direta entre o campo esportivo, o regime vigente e a nação. O esporte seria assim um dos elementos a serem apropriados pelo estado a fim de estabelecer sua hegemonia cultural, como também o foram a educação, o cinema, a música, as artes plásticas e a religião, por exemplo.

A partir da década de 1930 e principalmente no Estado Novo, várias ações seriam tomadas por parte do Regime em prol de aparelhar as instituições esportivas, que até então se desenvolviam de forma autônoma (LINHALES, 1996; DRUMOND, 2011; MELO, 2008; BUENO, 2008; MANHÃES, 1986). Algumas destas ações foram direcionadas ao controle estatal de instituições consolidadas ou a criação de novas propostas para regular o esporte em diferentes esferas, como o Esporte Universitário, o Serviço de Recreação Operária, o Esporte Classista, a Educação Física Escolar e a Juventude Brasileira (LINHALES, 1996). Após recorrer à historiografia buscando cada uma destas manifestações, constatou-se que excetuando-se a educação física escolar, pouco havia se discutido sobre estas outras instituições. Ademais, a historiografia do esporte no Brasil a partir da década de 1930, em larga medida enfatiza o papel do Estado no processo de desenvolvimento do esporte no país, em detrimento da participação dos sujeitos que compunham as entidades esportivas como atores responsáveis pela sua consolidação.

Ao realizar um levantamento sobre a produção acerca do esporte universitário observamos que não foi encontrado na historiografia nenhum trabalho que houvesse de fato se dedicado ao estudo do seu desenvolvimento histórico no país. Por se

tratar de uma organização estudantil, algo que poderia ser um terreno fértil para compreender o papel do associativismo civil no desenvolvimento do esporte no país, este fenômeno foi escolhido para ser tema central desta investigação. Neste sentido, algumas questões norteadoras foram levantadas: Quem eram estes sujeitos? Quais suas motivações para um engajamento na organização de associações e competições esportivas? Como se deu a sua relação com o Estado? E de fato, o que foi o esporte universitário no Brasil? Outra questão fundamental talvez seja nos perguntar, o porquê de o esporte universitário não ter se desenvolvido a ponto de ser uma etapa importante na constituição de categorias de base para o esporte de alto nível nacional, assim como aconteceu em outros países como é o caso do esporte universitário norte-americano³. Neste sentido, podemos utilizar temas do presente para instigar retornos ao passado, assim como sugere Marc Bloch:

Com efeito, seria um erro grave acreditar que a ordem adotada pelos historiadores em suas investigações deva necessariamente modelar-se por aquela dos acontecimentos. Livres para em seguida restituir à história seu movimento verdadeiro, eles frequentemente têm proveito em começar a lê-la, como dizia Maitland, “às avessas” (2001, p. 66-67).

Portando os objetivos desta pesquisa se constituem em buscar indícios da sistematização do esporte universitário no Brasil, procurando ressaltar quais foram as instituições e atores responsáveis pelo o seu desenvolvimento no país, a partir da década de 1930 até o ano de 1941; Analisar o envolvimento do movimento estudantil e de suas entidades com a estruturação do esporte universitário, assim como, suas relações com Estado e com a sociedade; Observar como o discurso veiculado pela mídia impressa utilizou-se do esporte universitário como espaço privilegiado para a afirmação de identidades de classe, região e da construção de um ideário de nação; Compreender qual foi o papel do esporte universitário nas discussões sobre amadorismo e profissionalismo no esporte a partir da década de 1930.

Durante as últimas décadas o esporte vem ganhado espaço no meio acadêmico e está sendo cada vez mais estudado pelos cientistas sociais e historiadores, contudo, no caso do Brasil, o mesmo não aconteceu com o esporte

³ Com relação à história do esporte universitário Norte Americano ver: WASHINGTON, M. Field Approaches to Institutional Change: The Evolution of the National Collegiate Athletic Association 1906–1995. **Organization Studies**, v. 25, n. 3, p. 393–414, 2004.

universitário. Nos trabalhos aos quais tivemos acesso, o tema é tratado de forma secundária e em poucos, foi tema central de investigação. Com relação aos estudos historiográficos, não foi localizado nenhum trabalho que tivesse como objetivo elucidar a trajetória do esporte universitário no país, principalmente no recorte temporal proposto por esta pesquisa. Talvez o que tenha mais se aproximado de uma análise histórica acerca do tema, tenha sido a dissertação de mestrado de Starepravo (2006), intitulada, “O Esporte Universitário Paranaense e Sua Relação Com o Poder Público”. O Autor traça de forma longitudinal como o esporte universitário teria surgido no Brasil. Além do mais, seu diagnóstico é feito partir de fontes escassas. Todavia, vale ressaltar que o objetivo de sua dissertação não é fazer uma análise historiográfica sobre o surgimento deste fenômeno no país. Desta forma, para que possamos avançar no sentido de preencher esta lacuna, é preciso expor a necessidade de explorarmos arquivos, fontes e documentos, para responder perguntas até então sem respostas e contribuir para o acúmulo acadêmico acerca deste tema.

Com relação ao surgimento do esporte universitário no Brasil, existem alguns fatores importantes que precisam ser problematizados. O que podemos chamar de esporte universitário? Seria qualquer manifestação do esporte que tenha ocorrido no interior das escolas superiores? De acordo com Starepravo (2005, p. 42):

As primeiras manifestações do esporte universitário no Brasil datam do final do século XIX, no *College Mackenzie* em São Paulo, na Faculdade de Medicina e Cirurgia, localizada na Praia Vermelha (Rio de Janeiro), e na antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em 1900, o *College Mackenzie* veio a disputar o campeonato de futebol e outros esportes. Clubes como Botafogo, Flamengo, Fluminense, na época, contribuíram para o início do esporte universitário, já que detinham em suas fileiras numerosos universitários. As primeiras competições universitárias realizavam-se dentro de seus próprios Estados. Em 1916 estas disputas saíram para níveis interestaduais, sendo que São Paulo e Rio de Janeiro foram os primeiros a se defrontarem.

Ao buscar fontes no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foram encontradas ocorrências onde os cronistas utilizavam a palavra “esporte universitário” e seus sinônimos, a partir da década de 1930. Anteriormente, só se encontrou de 1920 ao ano de 1929, notícias sobre o esporte universitário norte-americano e francês, portanto, o entendimento sobre o que seria o fenômeno já existia naquele contexto, porém, só se tem notícias de sua ocorrência no Brasil a partir da década de 1930.

Todavia, isto não significa que o marco temporal para o surgimento do esporte no interior das escolas superiores tenha sido na década de 1930. Anteriormente, alunos destas instituições se envolviam em práticas esportivas e em alguns casos, até protagonizando sua organização a despeito de qualquer intencionalidade, seja do Estado ou das próprias instituições. A primeira ocorrência presente no acervo pesquisado⁴, que trata sobre o esporte no interior das escolas superiores, data de 5 de agosto de 1905, onde alunos da Escola Politécnica do Rio de Janeiro enviaram uma comissão para Faculdade de Medicina, no intuito de que seus alunos formassem um time de futebol para oferecerem um “*match*” ao Congresso Latino Americano que ocorria na cidade. Posteriormente a comissão da Faculdade de Medicina foi à escola Politécnica dizendo que “apresentariam no domingo o seu *team* de futebol no *ground* do Fluminense para ser efetuada a festa em honra aos ilustres visitantes”⁵. O jogo se iniciou às 15h30min da tarde, e mesmo com o time recém-formado, a faculdade de Medicina venceu o jogo por 3 gols a 0⁶. Contudo, mesmo que este certame do início do século XX sirva para ilustrar os seus primórdios, isto não seria a rigor esporte universitário, se não apenas, esporte praticado por estudantes de escolas superiores, visto que não existiam universidades naquele momento no país, nem tão pouco federações que organizassem o deporte acadêmico enquanto um fenômeno esportivo autônomo.

Para compreender melhor a relação entre o desenvolvimento das universidades no Brasil e o período ao qual o esporte universitário tenha se consolidado, torna-se necessário saber como se deu a criação das universidades brasileiras. A partir daí, será possível elaborar hipóteses de como, quando e onde, os estudantes brasileiros iniciaram o que viria a ser chamado de esporte universitário no país. De acordo com Durham (2003, p. 2-3):

Nesta história, podemos distinguir períodos que, em grande parte, acompanham as transformações políticas que ocorrem no país. O primeiro, que coincide com o período monárquico, vai de 1808 até o início da República, em 1889. É caracterizado pela implantação de um modelo de escolas autônomas para formação de profissionais liberais, de exclusiva iniciativa da Coroa. No segundo período, que abrange toda a Primeira República, de 1889 a 1930, o sistema se descentraliza e, ao lado das escolas federais, surgem outras, tanto públicas (estaduais ou municipais), quanto privadas. Até o final deste período, não há universidades no Brasil, apenas escolas superiores autônomas centradas em um curso. O período

⁴ Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁵ FOOT-Ball. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 5 ago. 1905, p. 4.

⁶ FOOT Ball. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 ago. 1905, p.4.

subsequente é gestado na década de 20 do século passado, mas se implanta em 1930 e coincide com o final da Primeira República e a instalação do governo autoritário de Getúlio Vargas, o Estado Novo. É nesta época que são criadas as primeiras universidades do país. Este período se encerra em 1945, com a queda de Vargas e a redemocratização do país, iniciando um novo período que se estende até 1964 e é caracterizado pela ampliação do número de universidades públicas.

Fazendo um paralelo entre a criação das universidades brasileiras e entre o que ocorreu nos demais países da América Latina, Schwartzman (2006), aponta que:

Em outros países da região, as universidades datam do século XVI ou, no máximo, do século XIX, ao passo que as tardias universidades brasileiras só surgiram nos anos 1930 e 1940. Com isso, o ensino superior brasileiro permaneceu por muito tempo imune ao movimento de “reforma universitária” que, começando em Córdoba, Argentina, em 1918, espalhou-se por muitos países da região – Argentina, Peru, Uruguai, Venezuela, México – e engendrou não só uma mescla peculiar de autonomia e politização da universidade, mas também padrões acadêmicos que deixaram bastante a desejar (p. 126).

Segundo o mesmo autor, a primeira Universidade criada no Brasil teria sido a Universidade de São Paulo (USP) na década de 1930, sendo que a legislação universitária brasileira data de 1931. Porém, de acordo com Fávero (2006), desde a década de 1920 já existiam iniciativas para a criação de um modelo de universidade no país, que teria sido iniciada com a Universidade do Rio de Janeiro na mesma década, entretanto como aponta a autora:

Essa visão de universidade não chega a ser concretizada nos anos de 1920, nem na esfera federal, com a Universidade do Rio de Janeiro, nem na estadual, com a criação, em 1927, da Universidade de Minas Gerais, instituída, também, segundo o modelo da primeira (FÁVERO, 2006, p. 23).

Neste sentido, utilizarei o termo “esporte universitário”, a partir de sua inserção na realidade concreta do contexto pesquisado, ou seja, desde o momento em que os interlocutores da pesquisa (as fontes), se apropriam e o utilizam cotidianamente em sua rede de significados, desta forma, podemos compreender através dos sujeitos, quais sentidos eram atribuídos para determinados fenômenos na história, buscando não incorrer ao anacronismo, porque de fato, “uma nomenclatura imposta ao passado acarretará sempre uma deformação, caso tenha por proposta ou apenas por resultado pespegar suas categorias às nossas, alçadas, para a ocasião, à eternidade (BLOCH, 2001, p. 145)”. Portanto, somente partir de uma análise holística do contexto em que o país estava inserido, principalmente

pautado pela reorganização das instituições de ensino superior e o fortalecimento do movimento estudantil, é que podemos criar hipóteses de como se deu a sistematização do esporte universitário no país.

Com relação aos aspectos metodológicos, a pesquisa utilizará documentos e periódicos datados de 1930 até o ano de 1941. O levantamento das fontes foi realizado no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro através da Hemeroteca Digital Brasileira. As fontes foram mapeadas utilizando os descritores “Esporte Universitário”, “Federação Atlética de Estudantes (F.A.E)”, “Federação Universitária Paulista de Esportes (F.U.P.E)” e “Campeonato Universitário”. Estas ocorrências foram oriundas de jornais e revistas de vários estados brasileiros, dentre eles, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Pernambuco, Maranhão e Distrito Federal. Os periódicos consultados foram: O Imparcial (MA), Correio de São Paulo (SP), Correio do Paraná (PR), Correio Paulistano (SP), Diário da Noite (RJ), Diário de Pernambuco (PE), Revista Diretrizes (RJ), Jornal do Brasil (RJ), Jornal do Commercio (RJ), O Dia Esportivo (PR), O Estado (PR), O Fluminense (RJ), Diário de Notícias (RJ), Correio da Manhã (RJ), A Manhã (RJ), Jornal dos Sports (RJ), Diário Carioca (RJ), O Jornal (RJ), A Batalha (RJ) e O Imparcial (RJ).

É necessário ressaltar que tais fontes não serão tomadas como verdades *a priori*, mas sim, como fatos que foram selecionados e descritos de forma parcial e interessada. Assim como ressalta Luca (2005, p. 123):

E importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada tem de natural [...]. Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. É obvio que as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século XX não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: as funções sociais desses impressos.

Utilizar os periódicos enquanto recurso para a realização da pesquisa nos expõe a riscos, mas também nos abrem a possibilidade de acessar informações, acontecimentos e fatos, que ainda não foram explorados. Além dos cuidados que foram citados, deve-se ressaltar que o recorte temporal da pesquisa passa pela vigência do Estado Novo, que foi caracterizado como um regime autoritário, desta forma:

Não há como deixar de lado o espectro da censura. Em vários momentos, a imprensa foi silenciada, ainda que por vezes sua própria voz tenha

colaborado para criar as condições que levaram ao amordaçamento. O papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, seja na condição difusor de propaganda política favorável ao regime ou espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos, tem encontrado eco nas preocupações contemporâneas, inspiradas na renovação da abordagem do político (LUCA, 2005, p. 129).

Ao selecionar o período em tela, alguns fatores foram preponderantes para que o recorte temporal estivesse diretamente relacionado com o início de uma transformação importante no sistema político e econômico brasileiro. A partir da década de 1930 o Estado passa a intervir de forma mais sistemática no planejamento e execução de políticas públicas voltadas ao setor esportivo, neste mesmo período, surgiram as primeiras universidades no país e com elas as federações de esporte universitário. Esta pesquisa pretende investigar a história do esporte universitário brasileiro buscando acima de tudo evidenciar o protagonismo dos atores que contribuíram para a sistematização do desporto acadêmico ao longo da década de 1930 até o ano de 1941, que marca o aparelhamento do Estado Novo na instituição esportiva com a promulgação do Decreto-lei nº 3.617, de 15 de setembro de 1941⁷, instituindo a Confederação Brasileira dos Desportos Universitários, tirando da mão dos estudantes o controle dos rumos do esporte universitário no país.

O recorte temporal da pesquisa passa pela vigência do Governo Provisório e do Estado Novo, portanto serão analisadas as relações de tensão e consenso entre os acadêmicos e o Estado, no intuito de buscar indícios sobre participação de cada instância na consolidação do desporto acadêmico em âmbito nacional. A escolha do recorte temporal e geográfico das investigações históricas, por vezes é atrelada de forma equivocada a fatores que erroneamente são apontados como variáveis indispensáveis para a compreensão do fenômeno pesquisado, dessa forma, partimos do pressuposto que cada objeto possui sua particularidade e sua dinâmica temporal, sendo assim:

O recorte mais exato não é forçosamente o que faz o uso da menor unidade de tempo – se assim fosse, seria preciso então preferir não apenas o ano à década, mas também o segundo ao dia. A verdadeira exatidão consiste em se adequar, a cada vez, à natureza do fenômeno considerado. Pois cada tipo tem sua densidade de medida particular e, por assim dizer, seu decimal específico. As transformações da estrutura social, da economia, das crenças, do comportamento mental não seriam capazes, sem um

⁷ O Decreto se encontra na seção de anexos, Anexo I.

desagradável artifício, de se dobrar a uma cronometragem muito rígida (BLOCH, 2001, p.150).

Com relação à organização da dissertação, ela foi dividida em quatro capítulos, o primeiro onde discutimos o esporte universitário do início de sua sistematização na década de 1930 à criação de uma entidade nacional aparelhada pelo Estado em 1941, buscando ressaltar a importância do associativismo estudantil na consolidação do esporte universitário no país. No capítulo seguinte, o tema central gira em torno do movimento estudantil e sua relação com a política em âmbito nacional e o desporto acadêmico. No terceiro capítulo discutimos o amadorismo como uma chave interpretativa fundamental para compreendermos como ocorreu a elaboração de uma retórica que elegeu o esporte universitário como um expoente da juventude nacional, além do mais, apresentamos um paralelo entre as discussões sobre o profissionalismo no futebol na década de 1920 e 1930, com a defesa das “formas puras do esporte” que era proclamada pelos defensores do esporte acadêmico. No quarto e último capítulo, buscamos apresentar como o esporte universitário foi utilizado como um veículo de afirmação de identidades regionais e como um meio para o Estado Novo difundir entre a elite intelectual do país, um sentimento de brasilidade em torno de um projeto de coesão nacional.

1 – DA AUTONOMIA AO APARELHAMENTO ESTATAL

1.1 - Associativismo e Esporte

Na historiografia do esporte não há um consenso de como ocorreu o processo de desenvolvimento dos esportes modernos, assim como, se houve uma ruptura ou uma continuidade histórica entre as diversões pré-modernas e o que conhecemos como esporte na contemporaneidade. Vários historiadores buscaram atrelar variáveis que seriam diretamente responsáveis pelo seu desenvolvimento, como a industrialização, a urbanização e a comercialização, porém pouca atenção foi dada ao associativismo como uma variável determinante para gênese do esporte na modernidade, de acordo com Stefan Szymanski (2006, p. 2):

Talvez seja surpreendente que tenha sido dada relativamente pouca relevância aos conceitos de associativismo no desenvolvimento dos esportes modernos. Embora exista um acordo geral que o conceito de esporte moderno nasceu na Inglaterra em algum momento em torno do início da revolução industrial, os historiadores e os sociólogos estão mais preocupados com fatores como a industrialização, o processo civilizador, a comercialização e assim por diante. É verdade que alguns acadêmicos notaram o surgimento da cultura do clube, ao mesmo tempo em que muitos esportes modernos, mas essas observações quase não se elevam acima do nível da nota de rodapé. Raramente é observado que todos os esportes modernos são organizados em hierarquia, sistemas de clubes e federações, que não existiam antes do surgimento dos esportes modernos. De fato, embora seja plausível definir a modernidade no esporte como a adoção desta estrutura hierárquica construída em torno de clubes, geralmente não há historiografia dedicada a documentar o processo pelo qual essas organizações surgiram⁸.

Szymanski defende que a constituição da “esfera pública” e de novas formas de sociabilidade que emergiram durante o século XVII na Europa, estruturaram as bases para o surgimento dos esportes modernos, principalmente relacionadas à liberdade de discurso, de imprensa e de associação, que se materializaram a partir das concepções iluministas. A historiografia do esporte no Brasil em consonância com que é discutido internacionalmente utiliza a industrialização, a urbanização e a comercialização como axiomas para compreender o surgimento e desenvolvimento do esporte no país. Dias (2012), aponta que grande parte da historiografia nacional relacionada aos esportes, se concentra nas regiões sul e sudeste, que

⁸ Tradução minha.

apresentavam no contexto do surgimento dos esportes no Brasil, os maiores índices de industrialização e urbanização, fazendo com que estes fatores fossem tomados como o ponto fulcral para o desenvolvimento esportivo da nação. Por conseguinte, estes axiomas podem nos impedir de compreender como o fenômeno esportivo se deu em diferentes regiões, contextos e formas. Portanto o associativismo civil se constitui como um fenômeno que nos permite conceber o desenvolvimento do esporte moderno a partir de novas interpretações, principalmente no Brasil onde o processo de industrialização não acompanhou *pari passu* o que acontecia na Europa, dando ainda mais importância ao surgimento de movimentos associativos na “esfera pública” para compreendermos a dinâmica do desenvolvimento dos esportes em terras brasileiras. De acordo com Szymanski (2006, p. 2):

Muitos esportes que chamamos de modernos surgiram dessa forma de associativismo. O desenvolvimento de esportes associativos na Inglaterra durante esse período foi paralelo ao desenvolvimento de cafés, sociedades públicas e a imprensa, instituições que simbolizaram esta nova esfera pública. A unidade organizacional básica deste ramo do esporte moderno era o clube, uma associação voluntária de indivíduos concordando em cumprir um padrão de políticas, autônomo dentro do estado. Durante o século XVIII, o desenvolvimento do críquete, golfe e corrida de cavalos, *inter alia*, criou os modelos de que mais tarde os esportes modernos, como beisebol, futebol (em todas suas variações), Basquetebol e tênis se desenvolveram⁹.

A “Teoria da Evolução dos Esportes Modernos” elaborada por Szymanski foi criticada por vários historiadores. Podemos utilizar como exemplo o trabalho de Steven A. Riess (2008), onde o autor faz uma série de críticas a Szymanski em um artigo intitulado “*Associativity and the Evolution of Modern Sport*”, de acordo com a concepção de Riess, Szymanski tem razão em vários pontos sobre a importância do associativismo no desenvolvimento dos esportes modernos, porém, ele apresenta poucas evidências de como ocorreu esse processo. O autor afirma que certamente o surgimento dos esportes está ligado aos clubes, algo que facilitou seu desenvolvimento de várias formas, mas que também este desenvolvimento se deu a partir de outras forças sociais como a industrialização, a urbanização e a comercialização, “Talvez seja mais seguro dizer que os clubes eram essenciais para facilitar o desenvolvimento do esporte moderno, mas não o criaram de forma independente” (RIESS, 2008 p. 35). Compartilho da opinião de Riess, que talvez

⁹ Tradução minha.

seja reducionismo atrelar o surgimento dos esportes modernos somente a uma variável, porém corroboro com Szymanski que o associativismo tenha sido o elemento mais importante neste processo, mesmo que não tenha sido o único. Em resposta as críticas, Szymanski (2008) afirma que nunca foi sua intenção elaborar uma teoria “monocausal” a respeito do desenvolvimento dos esportes modernos, o que ele faz é destacar que as formas de associativismo que surgiram na cultura inglesa a partir do século XVII, foram fundamentais para que o esporte se desenvolvesse como um fim em si mesmo, e não para a preparação militar dos cidadãos, assim como ocorreu na Europa continental. O autor afirma que a industrialização e a urbanização contribuíram para o alargamento do fenômeno esportivo na modernidade, com as linhas de trem, facilitando a locomoção dos times entre as cidades, assim como a maior circulação de notícias sobre os jogos na imprensa diária, que faziam com que a população soubesse os resultados dos jogos com mais celeridade. Todavia, mesmo que estes fatores tenham contribuído para o desenvolvimento dos esportes, não foram responsáveis pelo sua gênese, mas sim pela massificação do fenômeno.

Além de receber várias críticas, a teoria de Szymanski foi precursora de importantes estudos sobre o desenvolvimento histórico dos esportes, Malcolm MacLean (2013), chama a atenção para que os acadêmicos entendam os clubes esportivos não somente em sua dimensão esportiva, mas também enquanto parte da sociedade civil, dessa forma, teríamos mais elementos para definir como ocorreu o surgimento dos esportes modernos. De acordo com o autor os clubes esportivos se relacionavam com problemas comunitários, com a vida política, com as festas e a igreja. Por conseguinte, a formação dos clubes estaria no centro das discussões sobre o desenvolvimento dos esportes modernos na chamada “esfera pública”. MacLean critica a falta de estudos sobre a formação dos clubes esportivos, principalmente em termos provincianos, de acordo com o autor a maioria dos estudos se concentra em histórias de times bem sucedidos em escala nacional, dificultando assim uma compreensão sobre a participação dos clubes esportivos nas comunidades:

A ausência do clube não é apenas uma lacuna intelectual, um buraco em nosso corpo de conhecimento: Deixando de sublinhar a sua importância no nosso trabalho, estamos perdendo a oportunidade de afirmar a nossa

importância como acadêmicos [...] para a importância da história do esporte como uma vertente da história social (MACLEAN, 2013, p. 1693)¹⁰.

Portanto a “unidade institucional básica”¹¹ do esporte é o clube, instituição que precede a Revolução Industrial, sendo assim, a industrialização que é um ponto de ruptura canônico na historiografia do esporte para explicar o desenvolvimento dos esportes modernos, não seria o único, tão pouco o principal fator que contribuiu para o desenvolvimento e massificação do fenômeno esportivo tal como o conhecemos hoje.

Szymanski (2006) utiliza os estudos de Habermas¹², para fazer uma relação entre o associativismo e a comercialização dos esportes modernos, de acordo com o autor em mais de cem anos de liberalismo onde o capitalismo de fato se organizou, a relação original entre a esfera privada e a pública se dissolveu, e isso coincide precisamente com os debates no mundo esportivo entre o amadorismo e a profissionalização dos esportes no final do século XIX. Dessa forma, sua concepção se embasa em uma cronologia onde o surgimento dos clubes e, por conseguinte, dos esportes modernos, levou a comercialização deste fenômeno cultural e não o contrário.

Seguindo os trilhos de Szymanski e MacLean sobre a importância dos clubes no desenvolvimento do esporte moderno, Wray Vamplew (2013) traça um estudo sobre as teorias e tipologias dos clubes britânicos a partir de uma perspectiva histórica. De acordo com o autor:

Os jogos informais não precisavam de clubes, mas uma vez que era necessário um nível formal de organização, então os clubes se desenvolveram. Eles permitiram que pessoas com um propósito comum se reunissem, forneceu uma base para o acordo de regras e regulamentos comuns, criou uma estrutura para a interação competitiva e assegurou um local de participação e sociabilidade. O clube tornou-se a unidade básica do esporte, uma instituição chave e onipresente no desenvolvimento do esporte britânico. Tem um papel distintivo na história do esporte (VAMPLEW, 2013, p. 1569)¹³.

¹⁰ Tradução minha.

¹¹ Termo usado por MacLean (2013) para se referir aos clubes esportivos.

¹² Jurgen Habermas, *the structural transformation of the public sphere*, Polity Press, 1989.

¹³ Tradução minha.

Vamplew (2013) se apropria do conceito de Tipo-ideal, a partir do que foi postulado por Max Weber¹⁴, para criar modelos de identificação de clubes esportivos de acordo com seu grau de associativismo, buscando compreender como ocorreu o desenvolvimento dos clubes *pari passo* à gênese do esporte moderno. Segundo o autor, o aspecto fundamental de um clube esportivo é seu caráter coletivo, a partir desta premissa, ele traça um comparativo entre diferentes níveis de associativismo criando três categorias, que foram denominadas de “Primeiro Nível de Associativismo”, “Segundo Nível de Associativismo” e “Terceiro Nível de Associativismo”.

Sobre o primeiro nível o autor aponta que os membros podem ingressar em um clube por várias motivações, incluindo criar capital social, desfrutar do convívio ou em busca do voluntariado, mas “todos eles compartilham o desejo de praticar esportes, e isto constitui a base do primeiro nível de tipologia” (VAMPLEW, 2013, p. 1576). Com relação ao segundo nível, o autor afirma que os membros podem se juntar para praticar esportes, mas os clubes esportivos são ligados a outras formas de “coletividades institucionais”, como o local de trabalho (*Workplace Clubs*), afiliação política (*Politically-Based Clubs*), a fé religiosa (*Faith-Based Clubs*) e ao mercado de venda de álcool (*Drink-Place-Based Clubs*). Dessa forma, o esporte ainda ocupa um papel central no clube, porém o que influencia a afiliação dos membros não é somente o gosto pela prática esportiva, o sentimento de comunidade e a solidariedade de grupo, tem um papel fundamental na constituição desta tipologia estabelecida pelo autor. Um exemplo que podemos citar de *Workplace Clubs*, são os times de futebol operário que se constituíram no Brasil durante o final do século XIX e o início do século XX¹⁵. De acordo com Vamplew, subsetores do segundo nível, podem ser nomeados de terceiro nível de associativismo, como por exemplo, clubes universitários, escolas de esporte, clubes de vizinhos, clubes restritos a alguma profissão, deficiência, entre outros. O que podemos perceber é que os níveis de associativismo propostos pelo autor se diferenciam basicamente pela sua rede de sociabilidade e motivação.

¹⁴ Para mais informações sobre o conceito de tipo-ideal ver: QUINTANEIRO, Tânia. Um toque de clássicos-Marx| Durkheim| Weber. Tânia Quintaneiro, Maria Lígia de Oliveira Barbosa, Márcia Gardênia de Oliveira. 2 ed, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002, 159 p.

¹⁵ Para maior aprofundamento sobre o assunto recomendo a leitura da Tese de Roberto Kanitz, que trata sobre a criação do Villa Nova Athletic Club em Minas Gerais: KANITZ, Roberto. VILLA NOVA ATHLETIC CLUB: FUTEBOL OPERÁRIO E EDUCAÇÃO DOS CORPOS (1908 - 1952), Tese. Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

Podemos utilizar o modelo proposto por Vamplew (2013), não para engessar o objeto deste trabalho em um quadro teórico previamente elaborado, buscando uma simples justaposição de um pelo outro, mas sim para valer-se da relação profícua entre a teoria social e a história¹⁶. Dessa forma, ao entender o esporte universitário enquanto um fenômeno que se desenvolveu a partir do associativismo estudantil no interior dos clubes universitários, podemos partir da premissa que o desporto acadêmico carrega singularidades que estão relacionadas à sua própria “unidade institucional básica”, ou seja, o centro acadêmico no interior das universidades. Portanto, o associativismo é uma chave interpretativa fundamental para compreendermos como ocorreu o desenvolvimento do esporte universitário no Brasil, visto que seu caráter amador fez com que não se constituísse um mercado em torno de sua prática, dessa forma a comercialização, que é um dos fatores preponderantes para explicar o desenvolvimento do esporte moderno, não seria, ao menos no caso do esporte universitário, responsável pelo alargamento da prática esportiva nas universidades brasileiras. Fenômenos como a industrialização e a urbanização têm uma relação secundária com o desenvolvimento do desporto acadêmico, mais precisamente relacionada ao surgimento das universidades, que tinham nas grandes cidades da década de 1930 seu *locus* privilegiado. Dessa forma, o associativismo estudantil foi o principal fator responsável pelo desenvolvimento do esporte universitário no país, de sua sistematização nos clubes e federações ao aparelhamento estatal no início da década de 1940, assim como será detalhado a seguir.

1.2 – A Sistematização do Esporte Universitário no Brasil

Antes de discutirmos os aspectos políticos que envolviam a prática do esporte no interior das universidades brasileiras, algo que será detalhado no decorrer dos próximos capítulos, torna-se necessária uma análise holística de como ocorreu seu desenvolvimento do início da década de 1930, ao seu apogeu materializado na oficialização de uma entidade nacional, que congregaria todas as federações estaduais criadas ao longo de uma década de protagonismo estudantil. Ademais,

¹⁶ Com relação ao assunto recomendo a leitura do livro: BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, pg. 275.

quais eram as modalidades esportivas que estavam no bojo do desporto acadêmico? Qual foi o papel dos centros acadêmicos no desenvolvimento do esporte universitário? Não obstante, como os estudantes se organizaram no intuito de criar um circuito nacional de disputas universitárias? Sendo assim, buscarei discutir neste capítulo os aspectos de organicidade do esporte universitário e principalmente as questões materiais que acarretaram no desenvolvimento de um circuito universitário desportivo em âmbito nacional.

A primeira federação de esporte universitário no Brasil foi criada em 1933 no Rio de Janeiro¹⁷, a Federação Atlética de Estudantes, mais conhecida como FAE, foi responsável por organizar os certames atléticos disputados pelos centros acadêmicos e grêmios estudantis ao longo de toda década de 1930 no Rio de Janeiro, assim como campeonatos nacionais e internacionais, sua sede era situada na Casa do Estudante do Brasil¹⁸ onde eram organizadas as reuniões da entidade, homenagens a personalidades importantes que contribuía com o desenvolvimento do desporto acadêmico, assim como festas no intuito de arrecadar capital para a instituição¹⁹, sendo que a entidade não contava com apoio financeiro para manter suas atividades. Em 1934 foi criada na Paulicéia, a Federação Universitária Paulista de Esportes, que assim como no Rio de Janeiro, foi a instituição responsável por gerir e fomentar o esporte universitário no estado, sua sede era situada na Praça da Sé, número 53 no quinto andar²⁰. O Correio Paulistano realizou uma entrevista com Cid Navajas, que foi secretário geral da FUPE em 1939, ao discutir sobre a história da entidade o estudante ressaltou que:

Quando em 1934, - iniciou Cid - graças aos abnegados esforços de Bandoca, Raimo, Constâncio, Rocco e outros companheiros, foi fundada a Fupe, pouca gente deu a importância devida, ao facto. Começando por promover timidamente um campeonato universitário de futebol e outro de atletismo, ampliou, num ritmo crescente, suas atividades até atingirmos, hoje a situação invejável de promotora de torneios das diversas modalidades esportivas mais em voga entre nós²¹

¹⁷ No acervo consultado não foi encontrada nenhuma fonte que discorria sobre a fundação da entidade, porém a partir de 1933 os periódicos passam paulatinamente a citar a Federação Atlética de Estudantes como principal organizadora dos certames atléticos que ocorriam na Capital Federal, além disso, os estudos de Starepravo (2008) apontam na mesma direção. ver: Um grande torneio colegial de Basket-ball promovido pela Federação Atlética de Estudantes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 ago. 1933, p. 14.

¹⁸ Mesma entidade que organizaria o primeiro Conselho Nacional de Estudantes em 1937.

¹⁹ FESTAS. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jun. 1939, p. 12.

²⁰ MAIS uma sessão semanal da Federação Universitária Paulista de Esportes. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 4 jul. 1935, p. 3.

²¹ "O tão decantado espirito universitario só póde baserar-se nesta convivencia". **Correio Paulistano**, São Paulo, 10 nov. 1939, p. 10.

Assim como a Federação Atlética de Estudantes, a Federação Universitária Paulista de Esportes não contava com nenhum auxílio financeiro oriundo do Estado ou das próprias universidades onde foram criadas. De acordo com um relato feito no *Correio Paulistano* em 1936, o cronista ressalta que, “O esporte universitário não conta com o menor apoio financeiro para se manter em condições dignas de representar S. Paulo”²², por conseguinte, a FUPE criou um departamento social que era responsável por organizar as festas no intuito de arrecadar verba para a manutenção da entidade, uma destas festas era o Baile Universitário Carnavalesco:

A Alta sociedade paulistana terá oportunidade de, no dia 1º de fevereiro próximo, apreciar um das mais interessantes festas universitárias: O Baile Universitário Carnavalesco de 1936, que naquele dia se realizará, nos amplos e alegres salões do A. Paulistano, no Jardim América. Ideada esta festa pelo departamento social da Federação Universitária Paulista de Esporte, imediatamente se formou uma ala de senhoritas da nossa melhor sociedade, para patrocina-lo. E os preparativos decorrem animados, prometendo levar ao local da festa uma multidão de alegres puxadores de cordões, que já sabem mostrar ser o carnaval paulista o melhor do mundo²³.

O associativismo civil foi o principal fator que acarretou no alargamento da prática esportiva dentro das universidades brasileiras, a sistematização do esporte universitário que ocorreu nos primeiros anos da década de 1930, aconteceu sem a intervenção direta do Estado no tocante à organização das instituições. Todavia, não podemos afirmar que o financiamento público não cumpriu um papel fundamental no desenvolvimento do esporte universitário, principalmente no que diz respeito ao subsídio aos certames acadêmicos.

O esporte universitário era organizado a partir dos centros acadêmicos e grêmios estudantis, no interior destas instituições foram criados os times das diversas modalidades que compunham o repertório esportivo das disputas acadêmicas, as federações estaduais seriam criadas *a posteriori*, no intuito de organizar os certames que aconteciam entre as entidades de base. Este desenvolvimento não ocorreu de forma linear em todo o território nacional, principalmente devido às proporções do país e as discrepâncias econômicas de cada região, ao levarmos em conta que a primeira universidade brasileira foi criada no início da década de 1930 em São Paulo, que representava naquele contexto o

²² BAILE Universitário Carnavalesco. *Correio Paulistano*, São Paulo, 22 Jan. 1936, p. 4

²³ *Idem*.

maior polo econômico do país²⁴, podemos inferir que o desenvolvimento das universidades em regiões economicamente mais desfavorecidas tenha acontecido de forma tardia, fazendo assim com que o esporte universitário se manifestasse de diferentes formas ao longo do território brasileiro.

O surgimento das federações universitárias estaduais proporcionou o alargamento da prática esportiva universitária no país, e facilitou o intercâmbio entre as equipes de diferentes estados, todavia, mesmo antes deste processo, os acadêmicos já se organizavam a partir das entidades de base, assim como é o caso de São Paulo, que no intuito de seguir o que seria uma tendência das principais universidades ocidentais, os estudantes paulistas organizaram em 1933, seu primeiro campeonato universitário de regatas, antes mesmo de ter sido criada a Federação Universitária Paulista de Esportes:

Nos centros universitários da Europa, da América do Norte e, também, das mais importantes capitais sul americanas, o esporte goza de uma popularidade admirável. As competições esportivas são realizadas com assiduidade e sucesso. Uma das provas náuticas mais interessantes que se realizam no mundo é a competição anual entre as Universidades de Oxford e Cambridge, que já se tornou clássica e famosa mundialmente, Agora, os universitários paulistas dispõem-se a imitar esse bom exemplo, dedicando ao esporte, em seus diversos ramos. Vai ser instituído, sob o patrocínio da Apea, um campeonato Acadêmico de futebol. E na semana passada realizaram-se as regatas universitárias, na Represa de Santo Amaro. Pela descrição que a "Gazeta" deu das provas e que transcrevemos abaixo, pode-se avaliar o êxito das provas.²⁵

De acordo com o cronista, "As primeiras regatas universitárias de São Paulo arrastou para Santa Amaro numeroso e entusiástico público, transcorrendo a sua disputa dentro de boa organização técnica, apesar do mau tempo reinante". Os grêmios e centros acadêmicos do Estado de São Paulo que participaram do certame foram: Grêmio Politécnico, Centro Acadêmico Osvaldo Cruz, Centro Acadêmico XI de Agosto e Centro Acadêmico de Medicina Veterinária²⁶. Outro fator importante é

²⁴ De acordo com dados do Recenseamento de 1920, São Paulo teve um crescimento industrial de 900% de 1907 a 1920 em diferentes setores da indústria. O número de estabelecimentos industriais passou de 314 em 1917 para 4.145 em 1920, sendo que o estado com o segundo maior número de estabelecimentos era o Rio Grande do Sul com 1.773 indústrias. Em 1920 o valor da produção do estado representava um terço do valor total produzido pela indústria na União. Ver: Recenseamento do Brasil. Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio. Directoria Geral de Estatística. Realizado em 1 de Set. de 1920, Republica dos Estados-Unidos do Brazil. Rio de Janeiro, Typ. Da Estatística, 1927. p. 696.

²⁵ O ESPORTE Universitário. **Correio do Paraná**, Curitiba, 11 Set. 1933, p.6

²⁶ *Idem*.

ressaltar que o campeonato acadêmico de futebol organizado pelos acadêmicos paulistas, seria instituído “sob o patrocínio da Apea”, ou seja, da Associação Paulista de Esportes Atléticos, que naquele contexto organizava as partidas de futebol dos times que compunham as ligas principais, dessa forma, esta entidade que foi fundamental para o desenvolvimento histórico dos esportes em São Paulo, também teria participado da gênese do esporte universitário paulista.

Assim como os acadêmicos bandeirantes, os pernambucanos organizaram em 1933 seu primeiro Campeonato Acadêmico de Atletismo, organizado pelos centros acadêmicos das escolas superiores do estado²⁷. Em 1934 realiza-se a segunda edição deste evento, que foi noticiado com bastante entusiasmo por parte da mídia:

A movimentação que se está observando no seio dos centros atléticos autoriza a mais otimista das expectativas do mais amplo sucesso para competição atlética-acadêmica. Os boatos de resultados recordes, obtidos pelos atletas em treinamento, começam a circular, como indício primeiro, do entusiasmo e animação reinantes. Na faculdade de medicina por exemplo, é cada vez maior afluência de alunos filiados ao C.A.F.M [Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina].²⁸

Neste contexto ainda não havia sido constituída em Pernambuco uma federação que congregasse os centros acadêmicos e organizasse de forma mais centralizada as competições estudantis. Para realizar o Campeonato Acadêmico de Atletismo os centros acadêmicos estruturaram um Comitê Organizador, composto por membros da Faculdade de Medicina, Direito, Engenharia, Comércio e Agronomia²⁹. A participação de estados do nordeste no cenário nacional do esporte universitário contraria a tese de que os centros irradiadores do desporto acadêmico fossem unicamente os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, visto que no início da década de 1930 já se organizavam, ao menos em Pernambuco, campeonatos acadêmicos onde os cronistas intitulavam o fenômeno como “esporte universitário”. Neste sentido, Dias (2012, p. 3) aponta que:

Além de ausente ou sub-representada na literatura especializada, a história do esporte nas regiões mais pobres e afastadas dos centros de poder político e econômico, tende a reproduzir uma estrutura narrativa presente na historiografia brasileira, de modo geral. Trata-se do ponto de vista que

²⁷ ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 8 jul. 1934, p. 7.

²⁸ ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15 jul. 1934, p. 10

²⁹ ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15 jul. 1934, p. 10

reforça a suposta centralidade e influência dos acontecimentos das maiores cidades brasileiras, nomeadamente do Rio de Janeiro e de São Paulo, sobre as demais regiões do país.

Todavia, ao se tratar especificamente sobre o esporte universitário, não podemos ignorar o fato de que a Federação Universitária Paulista de Esportes cumpriu um papel fundamental ao longo da década de 1930, principalmente no que tange ao desenvolvimento do desporto acadêmico em nível nacional. Provavelmente a centralidade que os paulistas ocuparam com relação ao esporte universitário, pode ser atribuída principalmente a dois fatores, em primeiro lugar, ao próprio desenvolvimento esportivo que já estava em curso no estado com a criação de vários clubes que disputavam as ligas principais desde o início do século XX, consolidando um cenário propício para o desenvolvimento do esporte universitário, e em segundo lugar, por ter sido em São Paulo a criação da primeira universidade do país.

Dentre uma das principais contribuições dos acadêmicos paulistas na consolidação do esporte universitário, está a organização da Primeira Olimpíada Universitária Brasileira, que ocorreu em 1935 e foi organizada pela Federação Universitária Paulista de Esportes, o evento contou com os auspícios do Governo do Estado³⁰. Participaram do certame cerca de 800 universitários “do Rio de Janeiro, Estado do Rio, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná e Pernambuco”³¹, as modalidades disputadas foram: Tênis, Polo Aquático, Basquetebol, Esgrima, Remo, Natação, Atletismo e Futebol³². Com a consolidação da Primeira Olimpíada Universitária Brasileira em 1935 que é inaugurado o que denominamos neste trabalho como, *circuito nacional do esporte universitário*, por conseguinte, é a partir deste momento que o esporte acadêmico toma proporções nacionais, levando a um alargamento das práticas esportivas dentro das universidades brasileiras.

Os finalistas do confronto futebolístico da Primeira Olimpíada Universitária Brasileira foram os paulistas e os paranaenses, “O quadro Fupeano não desmereceu da confiança que dele era depositado. Venceu nitidamente o quadro

³⁰ A 1.A Olympiada Universitária Será realizada em fins de Abril próximo. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 12 dez. 1934, p. 4.

³¹ PEDRITO. **Correio do Paraná**, Curitiba, 18 ago. 1939, p. 5.

³² OS FLUMINENSES são campeões universitários de natação. **Correios São Paulo**, São Paulo, 2 mai. 1935, p. 5.

Paranaense”³³, de acordo com o cronista do Correio de São Paulo, “a defesa Paulista esteve sempre alerta impedindo que Pedrosa tivesse seu posto em grande perigo. Pedrosa teve poucas oportunidades de mostrar sua alta classe”³⁴. Mesmo com jogadores importantes conhecidos em São Paulo como, Borba, Borges e Pizzatinho, a equipe paranaense não conseguiu marcar nenhum gol contra o selecionado paulista, o jogo aconteceu no dia 1 de maio de 1935 e foi encerrado com o placar de 3 a 0 para o time bandeirante.

A vitória dos paulistas no que seria a modalidade mais disputada durante as olimpíadas universitárias fez com que a equipe Fupena obtivesse o status de melhor quadro futebolístico universitário do país, algo que não significava pouco, principalmente porque vários universitários compunham as fileiras das seleções estaduais e dos times que disputavam as ligas principais. Em maio de 1935 a FUPE foi convidada pela Escola Agrícola de Piracicaba para que seu selecionado de futebol, que havia se consagrado campeão olímpico, enfrentasse o time da instituição. Naquele dia ocorreu uma comemoração na cidade, “a inauguração da arma do grande homem que foi Luiz de Queiroz” e neste sentido, o embate esportivo faria parte das atrações do evento. Este confronto foi visto com grande entusiasmo por parte da mídia, que ao se referir sobre o jogo, se dirigiu aos moradores da cidade da seguinte forma: “Que se prepare, pois o povo de Piracicaba, para assistir a maior pugna futebolística que se tem travado na sua correta cidade”³⁵. O triunfo nas olimpíadas universitárias fez com que os estudantes bandeirantes iniciassem uma trajetória de disputas com times de outras cidades, para “não perder o ritmo”, neste mesmo mês, o quadro Fupeano iria para Ribeirão Preto jogar contra o Taubaté F.C³⁶, porém não se tem notícias sobre os resultados destes jogos que ocorreram com outras cidades do Estado de São Paulo.

A Federação Universitária Paulista de Esportes não buscava com a realização destes jogos somente a manutenção do rendimento dos seus atletas, naquele mesmo ano a entidade planejava “levar uma caravana a alguns estados do norte, não só para o ligeiro estudo sobre o esporte naquela parte do Brasil, como ainda

³³ OS PAULISTAS são campeões olímpicos universitários de futebol. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 2 mai. 1935, p. 4.

³⁴ *Idem*.

³⁵ A F.U.P.E irá à Piracicaba. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 23 mai. 1935, p. 4.

³⁶ A FEDERAÇÃO Universitária Paulista esportes homenageia o senhor secretário da Educação. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 25 mai. 1935, p. 3.

para atender aos pedidos que neste sentido lhe foram feitos³⁷”. Desta forma, os certames esportivos universitários, além de ser um espaço privilegiado para construção de um intenso intercâmbio entre os estudantes brasileiros, também serviu como um veículo de disseminação esportiva nos meios acadêmicos, algo que a FUPE vislumbrava como um dos seus principais objetivos, sendo que ela teria sido a entidade responsável pela concepção e organização dos primeiros jogos universitários do país.

Para além da congregação esportiva em âmbito nacional, alguns atletas universitários foram fundamentais no processo de fomento à participação dos estudantes brasileiros em torneios internacionais:

Constâncio Vaz Guimarães, que sempre foi o animador do nosso Esporte universitário, está tratando da realização anual de um grande certame atlético, que reunirá os estudantes argentinos e brasileiros. Essa competição será patrocinada, não somente pela federação Universitária Argentina, como também pela federação Universitária Paulista de esportes veremos se, com essa iniciativa de Constâncio, os nossos universitários se interessaram mais pelos esportes³⁸.

Constâncio Vaz Guimarães era conhecido como “esportista entusiasta, chefe várias vezes de delegações brasileiras em terras estrangeiras”³⁹, foi também presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto em 1934, quando juntamente com representantes do Grêmio Politécnico, Instituto de Educação, Faculdade de Medicina Veterinária, Grêmio Oswaldo Cruz, Centro Acadêmico Luiz de Queiroz e o Centro acadêmico da Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Paulo, se uniram para fundar a Federação Universitária Paulista de Esportes⁴⁰. O Estudante foi um decatleta, “profundo conhecedor do atletismo”, entre uma de suas notáveis contribuições para o desenvolvimento do esporte nacional foi presidente da delegação Olímpica brasileira nos jogos de Berlim em 1936⁴¹. Alguns problemas ocorreram devido ao conflito entre a Confederação Brasileira de Desporto (CBD) e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), com relação a qual entidade seria responsável pela representatividade dos atletas nos jogos internacionais, os desportistas

³⁷ MAIS uma sessão semanal da Federação Universitária Paulista de Esportes. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 4 jul. 1935, p. 3.

³⁸ TÓPICOS esportivos. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 1 jun. 1937, p. 4.

³⁹ ASSOCIAÇÃO Athletica Guanabara. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 de mar. de 1938, p. 16.

⁴⁰ HATZIDAKIS, Georgios. Esporte universitário. DACOSTA, Lamartine (ORG.). **Atlas do Esporte No Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

⁴¹ Conjunto Desportivo Constâncio Vaz Guimarães – História. Disponível em: < http://www.selj.sp.gov.br/?page_id=987> Acesso em: 27 de Junho de 2017.

brasileiros por pouco não foram impedidos de participar dos jogos pelo Comitê Olímpico Alemão. De acordo com o enviado especial do Correio Paulistano, Estevam Strata, que acompanhou a delegação brasileira nos jogos olímpicos, ao se deparar com Constâncio, ele estava com uma cara “não ri, não chora” devido à situação pela que passava a delegação brasileira⁴². A presença de um atleta universitário a frente da delegação do Brasil nas olimpíadas de 1936, demonstra a importância da classe universitária no desenvolvimento do desporto nacional.

A Olimpíada Universitária Brasileira consolidou o Estado de São Paulo como a capital do esporte universitário no país em 1935, de acordo com uma matéria publicada pelo Correio de São Paulo, o certame teria sido um “fato virgem em toda América do Sul e rara no mundo todo⁴³”. Além do mais, o evento contava com o apoio de importantes figuras do Governo, como o Secretário da Educação Cantídio de Moura Campos, que reconhecendo o valor do esporte universitário decretou feriado olímpico até o dia 5 de maio, onde aconteceria o encerramento da Primeira Olimpíada Universitária Brasileira⁴⁴, em retribuição aos auspícios do Secretário da Educação:

Estiveram ontem à tarde na Secretaria da Educação os senhores Hildebrando Teixeira de Freitas, Constâncio R. Vaz Guimarães e Roberto Queiroz Telles, respectivamente, presidente, secretário e segundo tesoureiro da federação universitária Paulista de esporte, a fim de levar a sua excelência, o senhor Cantídio de Moura Campos, Uma recordação da primeira Olimpíadas universitária brasileira, na qual foi aquele secretário o vice-presidente de honra. Em rápidas palavras fez o Sr. Hidebrando T. de Freiras a entrega da lembrança, uma rica medalha de prata, em cuja frente está a figura da Glória, ao lado do distintivo em esmalte da Federação Universitária Paulista de esporte e mais as palavras: “Primeira olimpíada Universitária brasileira”. No verso, a dedicatória ao Senhor secretário da Educação. O senhor Cantídio de Moura Campos, comovido, agradeceu a homenagem da Federação Universitária Paulista de esportes, prometendo trabalhar para o seu engrandecimento, nesta linda campanha de difusão do esporte universitário⁴⁵.

A União Nacional dos Estudantes (UNE) foi fundamental para que se criasse uma confederação nacional que fosse responsável pela gestão do esporte universitário em âmbito nacional. No dia 10 de agosto de 1939, durante a realização

⁴² STRATA. Estevam. Os Brasileiros em Berlim. **Correio Paulistano**, São Paulo, 30 jul. 1936, p. 10.

⁴³ A 1.a Olympiada Universitária Será realizada em fins de Abril próximo. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 12 dez. 1934, p. 4.

⁴⁴ OS FLUMINENSES são campeões universitários de natação. **Correios São Paulo**, São Paulo, 2 mai. 1935, p. 5.

⁴⁵ A FEDERAÇÃO Universitária Paulista esportes homenageia o senhor secretário da Educação. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 25 mai. 1935, p. 3.

do Segundo Conselho Nacional de Estudantes, órgão deliberativo da UNE, foram realizadas duas plenárias, uma com o intuito de eleger a nova diretoria da entidade, e a segunda com o objetivo de debater as questões referentes ao esporte universitário, estavam presentes nas discussões referentes ao desporto acadêmico:

Os representantes da Federação Universitária Paulista de esportes, Da Federação Universitária Mineira de esportes, da Federação Atlética de estudantes, da Federação de estudantes universitários de Porto Alegre, do centro estudantil cearense e das delegações estudantis do Pará, Santa Catarina, Pernambuco, Bahia e Paraná, apresentaram a plenário as conclusões a que chegaram Reuniões especiais. Encarregou-se de levá-las a Plenário, O Estudante José Gomes Talarico. Estas resoluções acentuam a necessidade eminente da fundação de uma entidade Nacional de esportes que congregue todas as federações universitárias de esportes já existentes e as que venham a ser fundadas. Ficou também deliberado que se fundaria uma Confederação Nacional Das federações esportivas, cuja as bases serão acertadas no Congresso Universitário esportivo, a ser realizado na cidade de São Paulo, uma semana antes da segunda Olimpíadas universitárias brasileiras em outubro⁴⁶.

A Segunda Olimpíada Universitária Brasileira foi realizada em dezembro de 1939⁴⁷, mesmo que a Federação Universitária Paulista de Esportes tenha recorrido a outras federações para que assumissem os encargos de organizar a competição, a responsabilidade por realizar a maior competição acadêmica do país ficaria novamente a cargo dos bandeirantes⁴⁸. Às 20h35min do dia 29 de setembro de 1939, no Palácio Campos Elyseos seria solenemente inaugurado o “Congresso Universitário de Esportes e os trabalhos da 2ª Olimpíada Universitária Brasileira, cuja realização é patrocinada pelo sr. Presidente da República e pelo dr. Adhemar de Barros, interventor Federal do Estado”⁴⁹.

Esse conclave, que contará com a presença das representações esportivas de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Estado do Rio, Paraná e Rio Grande do Sul, regulamentará definitivamente o esporte universitário, assim como a fundação da Confederação Universitária Brasileira de Esportes, que

⁴⁶ ELEITA a nova Diretoria da União Nacional dos Estudantes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 ago. 1939, p. 15.

⁴⁷ Mesmo que a fonte anterior aponte que o certame seria organizado em outubro, após discussões realizadas no Congresso Universitário de Esportes a data da Segunda Olimpíada Universitária Brasileira seria marcada entre os dias 10 e 17 de dezembro de 1939. Ver: “O tão decantado espírito universitário só póde baserar-se nesta convivencia”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 10 nov. 1939, p. 10.

⁴⁸ ESPORTE Universitário. **O Estado**, Curitiba, 24 abri. 1937, p. 5.

⁴⁹ INSTALLA-SE, hoje, o Congresso Universitario de Esportes. **Correio Paulistano**, São Paulo, 29 set. 1939, p. 8.

passará a dirigir, daí por diante, como entidade suprema, a prática dos esportes entre os estudantes de todo o território do Brasil⁵⁰.

Além dos que estavam presentes na realização do Congresso Universitário de Esportes, os estados do Paraná, Bahia, Pernambuco e Ceará aprovaram por cartas e telegramas suas resoluções. Segundo as palavras de Cid Navajas, “a 2ª Olimpíada Universitária Brasileira será, por certo, o maior acontecimento esportivo que nossa pátria assistirá em 1939”⁵¹, demonstrando a expectativa que os estudantes que estavam presentes naquele congresso criaram em torno da realização deste certame, que seria de fato, ao menos do ponto de vista do esporte universitário, o maior acontecimento daquele ano.

A criação de um circuito nacional de disputas universitárias se daria devido à concatenação de vários certames que ocorreram desde o início da década de 1930. Um dos principais fatores que contribuíram para o desenvolvimento de uma rede de disputas acadêmicas pode ser atribuído à criação das federações estaduais, que inauguraram dentro de cada estado, um intenso intercâmbio esportivo entre os grêmios e centros acadêmicos das universidades, por conseguinte, levando aos confrontos interestaduais que ocorriam paralelamente à consolidação destas federações. Ademais a Federação Universitária Paulista de Esportes teve um papel fundamental no tocante a concepção da Primeira Olimpíada Universitária Brasileira, que sistematizou as disputas acadêmicas em âmbito nacional. A partir daí o esporte universitário estaria rumo à sua consolidação no país enquanto uma esfera esportiva autônoma.

O associativismo estudantil estava no âmago da consolidação do desporto acadêmico, todos os campeonatos universitários, assim como a criação das federações estaduais, foram única e exclusivamente iniciativa dos próprios estudantes, bem como a gestão destas entidades que não contavam com nenhum apoio financeiro para sua manutenção. A realização do Congresso Universitário de Esportes em 1939 foi um dos momentos mais significativos na história do esporte universitário brasileiro, neste espaço foi fundada a Confederação Universitária Brasileira de Esportes, que daquele momento em diante, seria responsável por fomentar e gerir o desporto acadêmico em âmbito nacional.

⁵⁰ *Idem.*

⁵¹ “O tão decantado espírito universitario só póde baser-se nesta convivencia”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 10 nov. 1939, p. 10.

Do início da década de 1930 ao ano de 1939, o esporte universitário se desenvolveu no interior dos grêmios e centros acadêmicos levando a criação de uma entidade nacional que seria gerida pelos próprios estudantes. A partir do Decreto-lei nº 3.617, de 15 de setembro de 1941, onde foi instituída a Confederação Brasileira dos Desportos Universitários, o Estado passaria a participar organicamente dos assuntos relacionados ao desporto acadêmico, inaugurando o que podemos chamar de um aparelhamento por parte do Estado Novo à instituição acadêmica esportiva.

A partir do início da década de 1940, os acadêmicos brasileiros se mobilizariam no intuito de regulamentar o esporte universitário no país, algo que aconteceu *pari passu* com a crise em uma das maiores instituições esportivas universitárias do Brasil, que levou a Federação Atlética de Estudantes (F.A.E), a se desligar da Confederação Universitária Brasileira de Esportes. Acusados de utilizar a instituição para o favorecimento de seus membros, a diretoria da F.A.E em 1940, mais especificamente o acadêmico Virgílio Pires de Sá, então presidente da entidade, se prontificou em responder todas às “falsas declarações pela imprensa”, em uma longa matéria publicada no Jornal do Brasil:

A Federação Atlética de Estudantes, entidade que desde 1933 trabalha para o desenvolvimento do esporte universitário, sempre cumpriu a sua missão com orgulho, enfrentando várias vezes dificuldades bem sérias que não lhe conseguiram diminuir o brilho, antes até pelo contrário, deram-lhe força e prestígio. Há vários anos que o nosso labor desinteressado e modesto, sem contar com auxílio financeiro algum, tem subsistido a todas as intempéries. Os sucessivos dirigentes têm procurado com toda a honestidade conservar as tradições brilhantes desta Federação, por onde têm passado os maiores vultos do esporte nacional.

A F.A.E. orgulha-se em poder afirmar que nunca foi uma entidade feita às pressas e de “cavação”. A sua existência assenta-se nos mais nobres princípios idealistas. Todos os seus dirigentes foram sempre verdadeiros estudantes e jamais algum deles se apegou na direção de qualquer cargo para satisfazer interesses pessoais, antes ou depois de formados, ou de terem abandonado as fileiras estudantis. Nunca serviu para apoiar pretensas organizações onde os interesses pessoais de seus dirigentes se delineiam, nitidamente, em detrimento da classe⁵².

Os dirigentes da F.A.E se mobilizaram para que essas declarações não fossem tidas como algo trivial, na verdade esta crise daria repercussões nacionais e como veremos adiante, envolveria o Ministro da Educação e o próprio Ditador

⁵² INJUSTAS as acusações feitas à Federação Atlética de Estudantes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 abr. 1940, p. 12.

Getúlio Vargas. Ademais, esta discussão sobre o futuro do esporte universitário Carioca, estava diretamente relacionada com a regulamentação do desporto acadêmico, que era uma discussão que estava em voga em todos os estados que faziam parte do circuito nacional do esporte universitário:

Não contentes com as injustiças praticadas esses elementos envolveram o nome da Casa do Estudante do Brasil, instituição benemérita que há longos anos vem batalhando para o conagraçamento dos estudantes e cuja idoneidade está acima de qualquer acusação que possa ser feita por parte desses elementos destruidores da ordem e da disciplina. Confiantes portanto, no trabalho que há muito viemos empreendendo pelo desenvolvimento do espírito universitário e na justiça serena dos poderes constituídos do País, aguardamos a decisão final da regulamentação do esporte brasileiro! Respondemos aqui, sem citar nomes a todos aqueles que desejam destruir o que não foram capazes de edificar!...⁵³

Para superar esta crise, os acadêmicos do Distrito Federal se organizariam no intuito de realizar novas eleições para a diretoria da entidade máxima do esporte universitário Carioca. Neste sentido, foram eleitos seis novos representantes que ficariam a frente dos assuntos relacionados à vida esportiva dos acadêmicos do Rio de Janeiro, tendo como presidente o estudante de engenharia Roberto Petis Fernandes. Além disso, a Escola Nacional de Educação Física, assim como outras entidades que participaram do que foi chamado de “reerguimento do esporte universitário” no Rio de Janeiro, se prontificaram em disponibilizar seus representantes para auxiliar a F.A.E a resgatar seu status como uma das principais instituições desportivas acadêmicas do país⁵⁴.

No dia 24 de Abril de 1940, o Presidente da Confederação Universitária Brasileira de Esportes, o acadêmico José Gomes Talarico, publica uma nota no Jornal Do Brasil intitulada “Pacificação dos Esportes Universitários”, de acordo com a matéria:

A presidência da Confederação Universitária Brasileira de Esportes, com plenos poderes, outorgados pelas Federações Universitárias de Esportes dos Estados, atento aos nobres apelos do dr. Luís Aranha, presidente da C.B.D. para a perfeita harmonia do esporte universitário e levando em consideração o esclarecimento da situação da Federação Atlética dos Estudantes e dos compromissos assumidos pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade do Brasil, perante esta entidade, resolveu reintegrar nesta Confederação, a Federação Atlética dos Estudantes, uma das suas fundadoras⁵⁵.

⁵³ Idem.

⁵⁴ ELEITA a Nova Diretoria. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 04 out. 1940, p. 6.

⁵⁵ PACIFICAÇÃO dos Esportes Universitários. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 abr. 1940, p. 12.

Ademais, para celebrar o reinício das relações entre as duas entidades, a C.U.B.E se prontificou em patrocinar um certame entre o selecionado argentino e o *five* da Federação Atlética de Estudantes, em um jogo de Basquetebol que aconteceria na inauguração do Estádio Municipal de Pacaembu⁵⁶. A F.A.E. sendo a primeira federação de esporte universitário fundada no país em 1933, era de fundamental importância para decidir os rumos do esporte universitário brasileiro, sendo assim o Presidente Getúlio Vargas, juntamente com o Ministro da Educação Gustavo Capanema e o Presidente da C.B.D, Dr. Luiz Aranha, se envolveram pessoalmente para que a “Pacificação dos Esportes Universitários”⁵⁷ ocorresse no sentido de estreitar os laços entre os acadêmicos de todo país.

A gestão do Presidente da F.A.E., Roberto Petis Fernandes, que iniciou o processo de reerguimento do esporte universitário carioca em 1940, não teve continuidade em 1941, visto que o estudante apresentou sua demissão poucos meses depois se reeleger no cargo. Após uma reunião do conselho deliberativo da entidade, formado por representantes de todas as universidades da capital, o nome do acadêmico Virgílio Pires de Sá foi ventilado para assumir o cargo de presidente da federação, defensor do esporte universitário e preocupado com o destino dos atletas do Distrito Federal, o estudante prontamente aceitou sua indicação:

Logo após a minha eleição, realizei um estudo minucioso nos relatórios apresentados pela antiga diretoria. O ex-presidente da F.A.E. o acadêmico de engenharia, Roberto Petiz Fernandes, iniciou durante o ano passado, um grande movimento em prol do reerguimento do esporte universitário no Distrito Federal. Naquela época o esporte nas faculdades achava-se praticamente paralisado. [...] Realizando campeonatos, organizando jogos, dando enfim movimento ao esporte universitário, a F.A.E. trabalhando de comum acordo com o D.C.E. procura na forma do possível, elevar o nível eugênico da nossa raça⁵⁸.

⁵⁶ *Idem.*

⁵⁷ *Ibidem.*

⁵⁸ TEM NOVA direção o Sport Universitário do Distrito Federal. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 14 ago. 1941, p. 8.

Figura 1 – Posse do Presidente Virgílio Pires de Sá em 1941



Fonte: A Manhã, Rio de Janeiro, 14 ago. 1941, p. 8.

A partir desta nova etapa do desporto acadêmico carioca, o caminho estava aberto para que os universitários brasileiros se unissem no sentido de buscar a regulamentação do esporte universitário, que pode ser entendida como uma espécie de oficialização da Confederação Universitária Brasileira de Esportes. Como veremos a seguir não só os estudantes, mas a mídia impressa e vários outros atores, seriam fundamentais para o processo que desencadeou o decreto presidencial que regulamentou o esporte universitário em 1941. A retórica que corroborava com a oficialização da entidade não estava isolada das teleologias do Estado Novo, muito pelo contrário, o que podemos observar principalmente a partir de 1940, é uma disseminação do discurso que buscava a partir do esporte constituir uma brasilidade, um pertencimento patriótico, fazendo do desporto a ponte para o futuro, onde os universitários seriam peças fundamentais para alcançar o aperfeiçoamento da raça brasileira, por conseguinte, os propósitos da Confederação

Universitária Brasileira de Esportes, se alinhariam cada vez mais às pretensões do Presidente Vargas de formar uma juventude que coadunasse com os princípios do Estado.

O associativismo civil é de fato, um ponto fulcral para compreendermos como o esporte universitário se sistematizou e ocupou seu espaço no centro das universidades brasileiras. Desde a criação da primeira federação estadual no início da década de 1930, até o debate que estava movimentado a classe acadêmica nos anos de 1940, os estudantes buscaram superar todas as barreiras que lhes foram empostas, os cronistas esportivos entendiam a importância do que os acadêmicos haviam construído, e se engajaram em prol do que seria a solução definitiva dos problemas do esporte universitário brasileiro:

Ainda estão bem vivos na memória de todos os esportistas brasileiros os ecos vibrantes da “Primeira Olimpíada Universitária Brasileira”, realizada em São Paulo. Em 1935; dos “jogos Universitários de Minas Gerais”, em 1938, e da “Segunda Olimpíada Universitária em Brasileira”, também realizada em São Paulo. Os três interessantes certames revelaram ao país uma mocidade que soube aliar ao preparo do espírito o aperfeiçoamento dos músculos, fazendo lembrar a lenda – Alma sã em corpo sã. [...] É certo, muitas falhas são apontadas na atualidade desportiva universitária do Brasil. E nem poderia deixar de ser assim, quando se sabe que o surto do seu progresso recente, advém de iniciativas espontâneas da própria mocidade⁵⁹.

No dia cinco de novembro de 1941, na Escola Nacional de Música, sob o patrocínio do então Prefeito do Distrito Federal, Henrique Dodsworth, as federações atléticas de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Estado do Rio, Distrito Federal, Bahia, Pernambuco, Ceará e Pará, se uniram para dar início aos trabalhos do Terceiro Congresso Universitário de Esportes. Foram tratados vários assuntos referentes ao esporte universitário em âmbito nacional, dentre eles a realização dos 4ª Jogos Universitários Brasileiros⁶⁰ e acima de tudo, o “anteprojeto da regulamentação dos esportes nacionais, para que, ao ser assinado esse decreto-lei, o esporte universitário esteja perfeitamente organizado dentro das diretrizes

⁵⁹ A MOCIDADE Universitária e sua nova organização esportiva. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 19 set. 1941, p. 14.

⁶⁰ Durante o Terceiro Congresso Universitário de Esportes os estudantes decidiram por alterar a nomenclatura de Olimpíadas Universitárias Brasileiras, para Jogos Universitários Brasileiros (JUBS). Ademais foi estatuído denominar a 1ª e 2ª Olimpíadas Universitárias Brasileiras e os Primeiros Jogos Universitários de Minas Gerais, respectivamente de 1ª, 2ª e 3ª Jogos Universitários Brasileiros. Além do mais, os estudantes decidiram por organizar os JUBS anualmente a partir de 1941. Ver: COM A MESMA solenidade da abertura encerra-se hoje a II Olympiada Universitaria Brasileira. **Correio Paulistano**, São Paulo, 07 abr. 1940, p. 14-15.

traçadas pelo Governo”⁶¹. O processo de regulamentação do esporte universitário não foi somente apoiado pelo Estado Novo, o próprio Ditador Getúlio Vargas, assim como o Ministro do Esporte Gustavo Capanema participaram organicamente no desenrolar desta empreitada, visto que o Ministro esteve à frente dos trabalhos do conclave:

Executando o Hino Nacional pela banda de música da Polícia Militar o Ministro Capanema declarou aberta a sessão dando a palavra ao presidente da Confederação Universitária Brasileira de Esportes. Este, em breve oração, encareceu a presença do Ministro da Educação na presidência do Congresso, transmitindo-se em bine de todos os seus colegas, os melhores agradecimentos pelo seu inestimável amparo à Confederação, instituição essa que, surgida há anos, se agiganta agora revigorada pela assistência que lhe presta o governo. Seguiu-se com a palavra o presidente do Diretório Central da Confederação o qual agradeceu ao Ministro da Educação e ao prefeito do Distrito Federal a realização da desse do Diretório. Encerrando a sessão falou o Ministro Gustavo Capanema, que fez votos para que desse Congresso resultasse uma verdadeira organização do nosso esporte universitário uma das mais belas expressões da energia da mocidade das universidades do Brasil⁶².

Ao analisar as fontes sobre o processo de regulamentação do esporte universitário, nos questionamos se não havia em algum momento, um movimento por parte dos acadêmicos que seria contrário ao aparelhamento desta instituição, que havia sido construída a custos da abnegação de vários estudantes das federações que compunham o circuito nacional do esporte universitário. Porém, não podemos nos esquecer de que durante a vigência do Estado Novo, os órgãos de imprensa sofriam censura pelo Departamento de Imprensa e Propaganda desde o final da década de 1930. Por conseguinte, manifestações contrárias aos ditames do regime, são dificilmente encontradas nos periódicos de grande circulação da época, que constituem a principal fonte primária desta pesquisa. Todavia, assim como será apresentado no próximo capítulo, não havia um consenso entre os estudantes no sentido de apoiar o Estado Novo, várias entraves foram estabelecidos desde a Revolução de 1930, fazendo assim com que exista a possibilidade de que este processo não tenha seguido da forma como está sendo apresentada pelos periódicos. Entretanto, devemos nos ater aos fatos, e a partir deles os estudantes que protagonizaram o esporte universitário desde meados da década de 1930 estavam em comum acordo com o processo que se desenrolavam no Terceiro

⁶¹ TERCEIRO Congresso Universitário de Esportes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 05 nov. 1940, p. 12.

⁶² III CONGRESSO Universitário Brasileiro de Esportes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 06 nov. 1940, p. 12.

Congresso de Esportes Universitários, podemos utilizar como exemplo o acadêmico Cid Navajas, que será citado várias vezes ao longo do texto, de acordo com o estudante:

Dentre os principais pontos da regulamentação, que interessam a nós universitários, destacamos: - a necessidade de licença para o universitário disputar campeonatos em outras entidades, pois em princípio o universitário só pode disputar torneios entre universitários; o governo auxiliará moral e materialmente os esportes universitários, devendo as entidades solicitar ao Ministério da Educação o que precisarem; a mudança de denominação da Cube, passará a chamar-se Confederação Brasileira de Desportos Universitários, (CBDU); em virtude da necessidade de uniformização quanto ao emprego da palavra “desporto” preferindo “esporte”; a mudança da sede da Cube para o Rio, pois não há mais motivo para permanecer fora de lá⁶³.

Algo que é bastante simbólico com relação à regulamentação da Confederação Brasileira de Esportes Universitários é a mudança de sua sede para o Distrito Federal, assim como foi exposto no início do capítulo, ao fundar a C.U.B.E. em 1939 no Segundo Congresso Universitário de Esportes, a F.U.P.E. foi responsável em larga medida por protagonizar o processo de constituição da entidade, dessa forma, a sede da C.U.B.E. *a priori* havia sido estabelecida em São Paulo, assunto que será tratado com maiores detalhes no capítulo três.

Estabelecer a sede da entidade na capital do país, próximo ao Palácio do Catete, nos mostra acima de tudo, que o esporte universitário sofreu um processo de centralização nacional, assim como diversas manifestações da cultura popular que foram aparelhadas pelo Regime, a fim de se criar uma hegemonia cultural a partir dos ideais Estadonovistas (DRUMOND, 2011). Todavia, não afirmo que os estudantes durante o processo de regulamentação do esporte universitário no país, não tiveram um protagonismo importante ao longo das várias etapas que culminaram no Decreto Presidencial de 1941, mas ao analisarmos todos os pontos da história do desporto acadêmico no país, que remonta ao início da década de 1930, podemos perceber que o fio condutor que levou ao processo de constituição da entidade nacional estava se esvaindo, o associativismo da lugar à organização estatal, e com isso, os estudantes abrem mão, mesmo que voluntariamente, dos desígnios do esporte universitário nacional, por conseguinte, a entidade passa a representar os valores veiculados pelo Estado Novo, que por vezes flertava com os regimes totalitários da Alemanha Nazista e da Itália Fascista, que também utilizavam

⁶³ SERÁ preciso licença para o universitário disputar campeonato em outras entidades. **Correio Paulistano**, São Paulo, 17 nov. 1940, p. 15.

o esporte como um meio veicular os valores que se pretendiam para estas sociedades.

Apresento aqui alguns comentários que foram tecidos na imprensa, que representam a forma como vários setores da sociedade reagiram ao Decreto presidencial que tratava sobre a definitiva regulamentação do esporte universitário no Brasil. De acordo com o cronista do jornal *O Dia Esportivo*:

O Ministério da Educação acaba de apresentar ao Presidente da República um decreto regulamentando o esporte universitário no Brasil. A medida tomada por iniciativa do Sr. Gustavo Capanema é das que estão fadadas a ter a mais benéfica repercussão em todo o país. Na verdade, não era possível que perdurasse a situação que até então existia. O Decreto que já foi assinado e publicado é para entrar em vigor imediatamente. Por mais de uma vez temos batido em tal tecla: o esporte precisa ter na vida do acadêmico brasileiro o seu merecido lugar. Em todas as nações mais adiantadas do mundo o esporte é encarado como um veículo magnífico para a educação e não pode ser praticado apenas como uma coisa inteiramente à parte da vida do estudante, praticado apenas pelos que querem praticá-lo, sem qualquer ligação com a marcha dos estudos. Não, o exemplo mais impressionante que podemos encontrar é o da América do Norte em que o esporte ocupa nas universidades um lugar dos mais destacados. [...] Que o exemplo dos Estados Unidos seja imitado em toda linha e que os educadores compreendam bem o alcance da grande medida que o Ministério da Educação acaba de tomar, são os nossos votos sinceros. Sentimo-nos bem no nosso aplauso porque de há muito que, nesta mesma coluna por nós assinada duas vezes por semana, estamos nos batendo pelo reconhecimento do esporte como um poderoso veículo de educação moderna⁶⁴.

Mais do que os benefícios materiais que a regulamentação traria para a classe estudantil, o que era de fato celebrado pela imprensa, se constituía em uma retórica que busca através do esporte universitário, a “necessária” educação e adestramento dos acadêmicos brasileiros. Ligados à ideia de modernidade e eugenia, os cronistas foram às páginas dos jornais em um frenesi que mais parecia a conquista de um título nacional, e ovacionaram com diversas congratulações, o ato patriótico e acertado por parte do Presidente Getúlio Vargas e do Ministro Gustavo Capanema, como se tivessem sido os únicos responsáveis pelo processo, que de fato não protagonizaram, constituindo o que chamo neste trabalho de aparelhamento estatal.

A repercussão do decreto do presidente Getúlio Vargas regulamentando o desporto universitário, não ficou adstrita aos meios estudantis, mas invadiu e empolgou todos os setores da cidade e do país. Os benefícios que a nova regulamentação veio trazer aos centros de desporto nos estabelecimentos de ensino superior são do conhecimento de todos, uma vez que o decreto-

⁶⁴ COMENTÁRIOS. *O Dia Esportivo*, Curitiba, 01 out. 1941, p. 2.

lei estabelece obrigações, mas facilita sob todos os pontos de vista o desenvolvimento e o melhor adestramento dos atletas acadêmicos, tornando as suas competições mais interessantes e, forçosamente, com perspectivas mais otimistas⁶⁵.

No mesmo sentido de acordo com o General Newton Cavalcanti:

A criação da Confederação dos Desportos Universitários, interessando a juventude acadêmica brasileira, define os propósitos do governo no setor educacional, proporcionando-lhe os meios para o equilíbrio do corpo e do espírito tão necessários a essa mocidade que, no dia de amanhã, terá a responsabilidade dos destinos da Pátria. Os excessos da vida cerebral, os hábitos sedentários, a excitação febril e estonteante das grandes cidades e outras atividades, que vem processando o divórcio secular entre o corpo e o espírito, com todo o seu cortejo de malefícios, serão, finalmente, corrigidos por essa medida de alta expressão educativa e social⁶⁶.

Neste sentido, de acordo com as palavras do General Newton Cavalcanti, que dirigia o Centro de Educação Física do Exército, o referido decreto seria a definitiva salvação da juventude brasileira, está que desde o início da década de 1930, era tida como o principal motor de uma transformação patriótica em âmbito nacional. A elaboração de um projeto de brasilidade através do esporte, mesmo que nunca estivesse oficialmente descrita nos documentos do governo, perpassa a retórica dos principais porta-vozes do Estado Novo, em busca de construir um pertencimento identitário a partir da prática esportiva, como se os atletas acadêmicos fossem imbuídos de uma missão sacra com os desígnios de defender a pátria e guia-la para o progresso. Porém, este discurso não ficaria restrito aos Generais, Interventores, Ministros e ao próprio Presidente Getúlio Vargas. Os acadêmicos do país logo se apressaram em expressar nos periódicos de maior circulação, a sua impressão com relação ao decreto recém assinado:

Os comentários, os aplausos e o contentamento nas rodas universitárias da Capital da Republica repercutem por toda cidade. Não existe outro assunto nas rodas acadêmicas, tendo-se a impressão nítida de que o decreto presidencial veio justamente no momento esperado pela grande legião de esportistas universitários. O repórter teve então um primeiro e ligeiro contato com acadêmicos de uma instituição que reúne uma grande maioria de desportistas e que através brilhantes campanhas tem se distinguido nos vários certames organizados⁶⁷.

⁶⁵ PALAVRA das Mais Autorizadas Como o general Newton Cavalcanti falou sobre o amparo do governo ao esporte universitário. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 20 set. 1941, p. 8.

⁶⁶ *Idem*.

⁶⁷ O OFICIALIZAÇÃO dos Esportes Universitários. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 set. 1941, p. 12.

Para ouvir dos estudantes qual era a sua impressão sobre a promulgação do decreto-lei, o cronista foi à Escola Nacional de Educação Física, que reunia uma gama diversificada de entusiastas do desporto acadêmico. Ao entrevistar três estudantes do Diretório Acadêmico, o jornalista transcreveu suas falas nas páginas do Jornal do Brasil, que são de extrema importância para compreendermos o processo que foi se desenrolando até aqui, de acordo com o estudante José Neder:

Estamos no início de uma jornada das mais promissoras. Todos os estudantes encontravam dificuldades tremendas na realização dos seus desejos com relação aos esportes. Tínhamos sempre obstáculos para a conquista do nosso objetivo, mas encontrávamos os nossos companheiros com o maior otimismo possível, aguardando dias melhores que felizmente, graças ao homem que hoje dirige o nosso País, chegaram finalmente. Todas as dificuldades serão postas ao serviço da nossa grande causa, e creio que agora os esportes universitários atingirão o clímax desejado⁶⁸.

De acordo com uma das representantes do esporte universitário feminino, a estudante Glória Futuro:

Depois que o meu colega falou com todo o seu entusiasmo, eu não poderia deixar de aproveitar a oportunidade para manifestar, como representante da estudante feminina do Brasil, o meu aplauso vibrante pelo ato do Chefe da Nação. Foi o coroamento de uma obra que começou pela criação da Juventude Brasileira e que encerra a sua benéfica atividade em nosso setor. O meu aplauso à oficialização dos esportes universitários, e espero resultados brilhantes e proveitosos para essa grande legião de praticante dos esportes universitários, que até agora viveu entregue apenas do seu interminável entusiasmo⁶⁹.

Conforme a fala da acadêmica, existia uma correlação quase que linear entre a criação da Juventude Brasileira e o processo de regulamentação do esporte universitário, como se fossem parte de um mesmo projeto. Desde o início das discussões sobre a oficialização da Confederação Universitária Brasileira de Esportes, o discurso eugênico e nacionalista do Estado Novo começaria a ser veiculado como solução dos problemas enfrentados pelas entidades esportivas universitárias. De modo que de 1939 a 1941, a entidade máxima do esporte universitário brasileiro estaria absolutamente aparelhada pelas diretrizes do Governo.

Podemos utilizar a fala da estudante Glória Futuro, para fazermos uma relação entre o processo que levou a criação da Juventude Brasileira e as

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

intervenções do Governo no âmbito do esporte universitário. A Juventude Brasileira foi originalmente concebida como uma proposta do Ministério da Justiça, denominada de “Organização Nacional da Juventude”, ela surgiu com o propósito de criar uma espécie de milícia civil no país, algo que havia sido importado de outras experiências totalitárias, como o caso da Alemanha Nazista e da Itália de Benito Mussolini. Porém, preocupados com a autonomia que esta organização poderia alcançar criando correntes dentro do Regime, as Forças Armadas, assim como o Ministro da Educação Gustavo Capanema se mobilizou no sentido de desmilitarizar o projeto que havia sido proposto *a priori* por Francisco Campos, sendo assim, “Em 2 de março de 1940 estava formalizado o Decreto-lei nº 2.072, que instituiu a “Juventude Brasileira”, deixando para trás todo o ímpeto militarizante e mobilizador que a conjuntura de 1938 tanto cultivou” (BOMENY, 1999, p. 151). A Educação seria, portanto, um espaço fundamental para que o Estado Novo constituísse uma juventude que coadunasse com os princípios que sustentavam sua base:

No projeto político de construção do Estado Nacional há um lugar de destaque para a pedagogia que deverá ter como meta primordial a juventude. Ao Estado caberia a responsabilidade de tutelar a juventude, modelando seu pensamento, ajustando-a ao novo ambiente político, preparando-a, enfim, para a convivência a ser estimulada no Estado totalitário. Não faltariam nesse plano símbolos a serem difundidos e cultuados; mitos a serem exaltados e programas a serem cumpridos. O que interessa mais de perto é a sua transformação no grande projeto cívico a ser implementado no Estado Novo. Dentro desse grande projeto inclui-se, entre outras, a iniciativa do governo de arregimentar a juventude em torno de uma organização nacional (BOMENY, 1999, p. 147).

E de fato o esporte universitário, assim como Juventude Brasileira, seria parte do processo de adestramento da classe estudantil do país, em torno dos princípios nacionalistas em busca da constituição de um “Homem novo para um Estado Novo”⁷⁰. O relato da estudante Glória Futuro nos dá um exemplo de como este ímpeto nacionalista do Estado Novo gerou um léxico simbólico, que se reproduz em diversos discursos veiculados pela mídia impressa ao longo das discursões acerca da importância do esporte na constituição de uma raça forte e coesa que se alinharia aos princípios da pátria. De acordo com o estudante Clovis Roxo, em um discurso perfeitamente alinhado aos de seus colegas acadêmicos:

⁷⁰ Expressão utilizada por Helena Bomeny (1999) para se referir ao processo educativo desencadeado pelo Estado Novo em escala nacional.

Vivemos até o presente momento fazendo alarde do nosso entusiasmo e vivendo como podíamos, lutando contra tudo e todos os obstáculos. Um dia, o Governo prometeu o auxílio oficial na regulamentação. Redobramos os nossos esforços para que o Chefe da Nação visse que o seu auxílio se tornara necessário, e agora veio o auxílio prometido. Caminharemos agora, unidos e organizados para a realização do nosso sonho dourado: aprimorar o quanto possível a mocidade estudantil do Brasil⁷¹.

Mesmo apoiando o decreto presidencial, fica evidente que os estudantes buscavam afirmar que a história do esporte universitário no Brasil até o momento de promulgação da lei, foi construída através da abnegação dos acadêmicos perante todas as dificuldades “morais e materiais” que lhes foram impostas, algo que é fundamental para compreendermos o alargamento da prática esportiva nas universidades brasileiras, principalmente devido à tradição da historiografia do esporte no Brasil, que tende a eleger o prisma do Estado como ponto de partida para as investigações históricas. Por conseguinte, o associativismo se torna um elemento fundamental para compreendermos como o esporte, e diversas manifestações culturais, se desenvolveram no país sem que houvesse de fato uma intervenção sistemática por parte do Estado.

A partir de um viés holístico sobre o desencadeamento de fatores que levaram a promulgação do decreto assinado pelo Presidente Getúlio Vargas, estas fontes evidenciam que não há *a priori* uma simples justaposição entre o processo que se iniciou com estudantes e levou ao aparelhamento estatal da entidade acadêmica, este percurso se constituiu ao longo de uma década, e se não houvesse o protagonismo estudantil, o esporte universitário não teria se desenvolvido a ponto de ser uma pauta importante na agenda do Governo. Por conseguinte, não podemos suplantarmos a história do esporte no Brasil somente à ótica do Estado, ao fazê-lo corremos o risco de silenciar, talvez para sempre, atores que foram fundamentais para o seu desenvolvimento no país. Dessa forma, o associativismo se constitui como uma chave interpretativa fundamental para compreendermos o desenvolvimento do esporte no Brasil.

Neste primeiro capítulo o objetivo foi apresentar de forma mais concreta como ocorreu o desenvolvimento do esporte universitário no Brasil a partir da década de 1930, tendo como mote central o associativismo estudantil, que levou a criação do que chamei de *circuito nacional de esporte universitário*. No próximo

⁷¹A OFICIALIZAÇÃO dos Esportes Universitários. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 set. 1941, p. 12.

capítulo trataremos mais detalhadamente sobre as questões políticas que envolveram a história do desporto acadêmico no país, assim como os discursos que fomentaram seu desenvolvimento.

2 – CONJUNTURA POLÍTICA E ESPORTE UNIVERSITÁRIO

O Brasil passou por inúmeras transformações ao longo das primeiras décadas do século XX. O fim da Primeira República, com a chamada Revolução de 1930, teve um impacto não somente no modelo econômico e político do país, mas também na esfera cultural. Para que possamos compreender o que foi o esporte universitário naquele contexto, é necessário tomarmos enquanto posição epistemológica, que não há produção histográfica coerente sem que compreendamos a historiografia do que se pretende investigar e de seu contexto, por conseguinte só é possível interrogar o passado quando já se está “pre-ocupado” com ele (CATROGA, 2010). Portanto, torna-se necessária uma breve contextualização do cenário político nacional e de seus entraves, para que seja possível a elaboração de uma análise mais holística sobre o tema desta pesquisa.

O processo que levou ao golpe de 1937 que instituiu o governo autoritário de Getúlio Vargas, não se consolidou de forma linear, sem que houvesse alas opositoras ao processo que se iniciou na Revolução de 1930. Vargas precisou ao longo de quase uma década, apaziguar tensões políticas entre as oligarquias que detinham o poder econômico do país e a ala “tenentista”, que foi parte fundamental do processo que desencadeou o fim da República Velha. De acordo com Pandolfi e Grynszpan (1997, p. 10):

Pressionado tanto pelos “tenentes” quanto pelas oligarquias estaduais, insatisfeitas nos seus respectivos estados com seus governantes, o Governo Provisório promoveu diversas substituições, ora conciliando com as oligarquias, ora com as facções “tenentistas”. Em São Paulo, por exemplo, ao nomear interventor federal, em novembro de 1930, o tenente João Alberto, Vargas tomou evidente sua intenção de diminuir o poder político da elite econômica mais forte do País. As crises se sucederam a partir de então, levando a que, em um período de menos de dois anos, fossem efetuadas cinco substituições na interventoria paulista. Rotatividade semelhante ocorreu em diversos estados da federação. Os únicos interventores nomeados em 1930 que permaneceram no cargo durante os dois primeiros anos do período discricionário foram Punaro Bley (Espírito Santo), Pedro Ludovico (Goiás), Olegário Maciel (Minas Gerais), Joaquim Magalhães Barata (Pará), Carlos de Lima Cavalcanti (Pernambuco) e Flores da Cunha (Rio Grande do Sul).

Os Tenentistas apoiavam as reformas que foram o mote central para Revolução de 1930, por outro lado, as elites buscavam a implantação de um projeto liberal no país. Este acirramento levou a Revolução Constitucionalista em julho de 1932 na capital paulista (PANDOLFI E GRYSZPAN, 1997). Mostrando de fato, que a construção de uma identidade nacional na década de 1930, seria um ponto fundamental para assegurar a permanência política do Governo Provisório e posteriormente do Estado Novo. Vargas buscou através de vários fenômenos culturais, principalmente o esporte, edificar o que seria um sentimento de pertencimento nacional através do patriotismo, estas retóricas perpassavam o fenômeno esportivo nos comunicados oficiais, assim como na mídia impressa de grande circulação. Mesmo que não houvesse um programa que estabelecesse as formas como o Estado Novo utilizaria o esporte enquanto veículo de propaganda, a capacidade de congregar multidões, inerente ao espetáculo esportivo fez com que ele se transformasse em um fenômeno privilegiado para veiculação dos ideais do regime (COSTA, 2013). Portanto, a ideia de pátria seria o fio condutor pelo qual Vargas e seus correligionários, construiriam seus discursos em prol do projeto de união do povo brasileiro em torno dos ideais Estadonovistas. Ao discutir o conceito de pátria, Catroga (2008, p. 10), aponta que:

Será a partir da ideia e do sentimento de pátria que comunidades e grupos narram a história que os identifica (e os constrói) como famílias alargadas e como comunidades étnico-culturais. Compreende-se. É que, se estas implicam a compartilha de características comuns (os mesmos mitos de origem, a mesma língua, um mesmo território, a mesma memória coletiva), é indiscutível que a sua pedra de toque se situa na ancestralidade. Bem vistas as coisas, como “terra dos pais” (e os seus respectivos mitos) a “pátria” é a *origem* de todas as *origens*, húmus sacralizado que, se gera, também *filia* e se impõe, quase holisticamente, como uma *herança* e como um dever de *transmissibilidade*, ou melhor, como um *destino*, ou mesmo como uma *vocação*.

Por conseguinte, seria através da estruturação de um ideário de brasilidade que o discurso oficial buscava cooptar politicamente as classes que compunham o espectro social brasileiro. Em larga medida os bancos universitários eram ocupados pela elite nacional⁷², dessa forma, a influência da classe estudantil afetava

⁷² Durante as eleições do Centro Acadêmico XI de Agosto em 1935, Roberto Whately, também conhecido como Vatéli, um dos candidatos ao cargo de presidente, tem como proposta reduzir a taxa de matrícula para o ingresso na Universidade de São Paulo, visto que somente os sujeitos que tinham “posses” segundo o estudante, poderiam efetuar o pagamento deste valor, sua proposta buscava incluir pessoas das camadas populares nos bancos universitários. Para mais

sobremaneira os rumos políticos do país. Sendo assim, compreender o papel dos universitários enquanto agentes que podem ter sido fundamentais neste processo faz com que a história do movimento estudantil, contribua para compreendermos melhor a história política do país.

Ao longo da década de 1930 a Faculdade de Direito de São Paulo, notadamente a de maior projeção nacional naquele contexto, possuía em média mil alunos por ano, geralmente as turmas eram compostas por cerca de duzentos acadêmicos, dentre eles “poderiam talvez ser encontrados seis jovens mulheres e um ou dois negros”, “embora muito poucos estudantes de Direito viessem das chamadas famílias de classe operaria, mais da metade dos alunos tinham empregos para ajuda-los nas despesas e nos duzentos mil réis da taxa de matrícula anual. (DULLES, 1984, p. 80)”. O exemplo da Faculdade do Largo de São Francisco serve para que possamos ter uma ideia de como se configurava o corpo discentes das instituições de ensino superior no início da década de 1930.

Sendo o esporte um fenômeno capaz de interpelar em sua essência questões políticas, econômicas e culturais, sua manifestação no interior das universidades pode ter sido usada enquanto um instrumento para congregar a elite em torno de um ideário de nação? No sentido de que fossem dissipadas as iniciativas contra o centralismo nacional como ocorreu em 1932?

Com a criação da Aliança Nacional Libertadora em 1935, que era liderada por setores da esquerda brasileira, após a deflagração de varias greves e movimentos contrários ao Governo Provisório, assim como, levantes comunistas que ocorreram no Nordeste e no Distrito Federal, o legislativo tomou algumas ações que acarretariam no próprio tolhimento do poder parlamentar, instituindo estado de sítio no país durante 30 dias, que posteriormente seria prorrogado por mais 90 dias (PANDOLFI E GRYSZPAN, 1997). Este foi o início do que seria o processo de repressão direta aos movimentos sociais no Brasil. O primeiro Congresso Nacional de Estudantes aconteceu no ano de 1937, onde ocorreu a fundação da União Nacional dos Estudantes. Segundo matéria publicada no Jornal do Brasil, que relata as discussões ao longo do congresso, antes mesmo de que fossem discutidas as pautas:

aprofundamento ver: A política das Arcadas em plena effervescência. Correio Paulistano, São Paulo, 4 set. 1935, p. 12.

Foi encaminhada à mesa, pelo Conselheiro Mário Ribeiro, uma proposta subscrita pela quase totalidade dos Delegados no sentido de que seja expressamente proibida a discussão de temas políticos. Posta a referida proposta em votação recebeu aprovação do Plenário⁷³.

Não sabemos ao certo qual a intencionalidade destes estudantes em não pautar a conjuntura política do país, que de fato passava por um processo de embate em vários níveis da esfera política desde o início da década de 1930. Com o processo de repressão sendo paulatinamente institucionalizado, teriam os acadêmicos se furtado deste debate por temerem as consequências vindouras? Ou simplesmente não interessava a classe estudantil discutir a disputa política que estava sendo travada no país?

A União Nacional dos Estudantes (UNE) fundada em agosto de 1937, foi provavelmente o marco mais importante na história da organização do movimento estudantil nacional. A entidade teve um papel fundamental na luta contra o Estado Novo e a Ditadura Militar. Vários grêmios acadêmicos participaram de sua fundação, assim como das discussões sobre o papel da instituição, dentre eles estava o Centro Acadêmico XI de Agosto, composto pelos bacharéis em direito da Universidade de São Paulo (USP), reconhecidamente a associação estudantil mais antiga do país. O Centro Acadêmico XI de Agosto foi protagonista em várias manifestações contra o Governo Provisório e posteriormente ao Estado Novo. Foi responsável pela organização do ato conhecido como “Passeata do Silêncio”, que envolveu a morte de duas pessoas devido à repressão da Polícia Especial (LOPES, 2004). O acirramento da luta entre a classe estudantil e o Estado foi responsável por vários confrontos, talvez um dos episódios mais significativos deste embate seja a invasão da sede do Centro Acadêmico XI de Agosto:

A Polícia Especial invadiu o Centro e com metralhadoras e tiros de revólveres depredou paredes, mobílias, manuscritos e relíquias como uma pintura de Pedro II. Os estudantes que ali estavam foram espancados e presos, a medida em que eram colocados em carros de polícia, levavam mais coronhadas de fuzil e cacetadas. Os carros também percorreram as ruas do centro da cidade, parando em bares e restaurantes, aprisionando quaisquer estudantes (LOPES, 2004, p. 35).

A ênfase dada ao Centro Acadêmico XI de Agosto, não significa de forma alguma que outros grêmios, centros acadêmicos e associações atléticas não tiveram

⁷³ CONSELHO Nacional de Estudantes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 ago. 1937, p. 6.

um papel importante nas denúncias contra o autoritarismo do Estado Novo. O esporte universitário cumpriu um papel fundamental nas relações que se estabeleceram entre a política nacional e os centros acadêmicos, sendo que ele foi um dos principais veículos de cooptação ideológica por parte do Estado.

2.1 – A Política das Arcadas e o Desporto Acadêmico

Notadamente o Centro Acadêmico XI de Agosto foi uma das principais entidades de base que compuseram o cenário do esporte universitário Paulista, assim como o nacional, foram consagrados na Paulicéia campeões de Futebol em 1935⁷⁴, além de participarem de vários certames ao longo década de 1930. Em 1936 o presidente da entidade Roberto Whately nomeou como diretor geral de esportes da Faculdade de Direito, o acadêmico Hidelbrando Teixeira de Freitas⁷⁵, que também ocupava o cargo de presidente da Federação Universitária Paulista de Esportes (F.U.P.E)⁷⁶, sendo algo sintomático para compreendermos como o Centro Acadêmico estava intimamente ligado ao âmago do esporte universitário nacional, visto que a F.U.P.E. representava a principal entidade esportiva nos meios universitários na década de 1930.

Levando em conta a relação entre o Centro Acadêmico XI de Agosto e o esporte universitário, algumas questões precisam ser equacionadas no sentido de esclarecer a influência que a política das Arcadas⁷⁷ exercia sobre o cenário esportivo acadêmico Paulista, assim como, em âmbito nacional, principalmente devido a grande influência política que dispunha esta instituição na União Nacional dos Estudantes (UNE).

De acordo com o historiador brasileiro John Dulles (1984), a Revolução de 1930 pode ter sido em larga medida acarretada pelo confronto que ocorreu na Faculdade de Direito de São Paulo, entre a polícia e os acadêmicos, que manifestavam devido ao assassinato de João Pessoa, que era companheiro de chapa de Vargas, “na malograda tentativa de derrocar o sistema vigente nas urnas

⁷⁴ ESPORTE Universitário. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 17 de dez. de 1935, p. 4.

⁷⁵ ESPORTE Universitário. **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 de abr. de 1936, p. 8.

⁷⁶ OS NOSSOS universitários também criaram um “caso”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 18 set. 1935, p. 8

⁷⁷ “Arcadas” era a forma como era conhecida a Faculdade de Direito da USP.

eleitorais de março” (DULLES, 1984, p. 58). Portanto, o Centro Acadêmico XI de Agosto teve uma participação fundamental no processo que solapou as bases da Primeira República, assim como, na Revolução Constitucionalista que ocorreu em São Paulo em 1932, onde professores e alunos da Faculdade do Largo de São Francisco clamando por uma Assembleia Nacional Constituinte,⁷⁸ se uniram em torno de um ideal comum que buscava o que seria o fim do Governo Provisório.

Imediatamente após o estouro da Revolução Constitucionalista, Roberto Victor Cordeiro, como presidente da Liga Paulista pró-Constituinte, redigiu uma proclamação pedindo a todos “os paulistas válidos que verdadeiramente amam São Paulo” que fossem até as arcadas para receberem armas e serem incorporados nas forças combatentes. A 11 de julho, as arcadas tornaram-se uma movimentada, às vezes confusa, sede de recrutamento. O ensino do Direito foi suspenso (DULLES, 1984, p. 71).

O Centro Acadêmico XI de Agosto foi disputado enquanto um espaço fundamental de articulação política nacional desde sua fundação em 1903. Vários partidos foram constituídos em seu interior ao longo da primeira metade do século XX. Personalidades importantes como Rui Barbosa, Ulisses Guimarães, Jânio Quadros, Monteiro Lobato dentre vários outros políticos e artistas compuseram as fileiras da instituição, sendo que paulatinamente egressos do Centro ocupavam cargos públicos importantes, como Secretários de Estado, Ministros, Juizes, Interventores Federais e o próprio Poder Executivo.

O esporte universitário foi em larga medida, fator que conferia um capital simbólico aos acadêmicos, dando legitimidade aos atletas universitários para a prática política:

Três partidos estudantis da Faculdade de Direito, um deles patrocinado por Roberto Victor Cordeiro, apresentaram candidatos à eleição de novembro de 1935 para a diretoria do Centro. Entretanto a presidência foi conquistada naquele ano por um independente, Roberto Whately, filho de um líder do PRP em Ribeirão Preto, que sentia profundo ódio contra Vargas. Os independentes perdiam habitualmente; a eleição de Whately pode ser atribuída à popularidade decorrente de sua fama como atleta – Whately era campeão brasileiro de tênis em meados da década de 30. Um dos cabos eleitorais que trabalharam para a eleição de Whately foi Jânio Quadros, estudante do primeiro ano de Direito (DULLES, 1984, p. 81).

Algo que deve ser ressaltado, além obviamente do presidente eleito das Arcadas ser um atleta universitário, é o fato de que ele vinha de uma formação política contrária ao governo de Getúlio Vargas, algo que influenciaria sobremaneira

⁷⁸ Assim como era conhecida a Faculdade de Direito da USP.

os posicionamentos do Centro ao longo de sua gestão. O exemplo de Whately, talvez seja um dos mais profícuos para que possamos compreender de fato a relação que vem sendo tecida ao longo deste capítulo entre esporte universitário e política. As eleições nas Arcadas eram paulatinamente disputadas pelos partidos que compunham as bases políticas da Faculdade do Largo de São Francisco, a vitória de um candidato independente não era algo habitual e o fato de ser um atleta, foi fundamental para sua vitória. Em um cenário onde várias discussões sobre o Governo Provisório e ataques aos estudantes por parte da Polícia Especial eram realizadas cotidianamente em assembleias nas Arcadas, seria o prestígio esportivo fator definitivo em 1935 na escolha do Presidente da mais importante entidade estudantil do país. Em uma matéria publicada no *Correio Paulistano*, que apresentava os candidatos à presidência do Centro Acadêmico XI de Agosto, Roberto Whately deu uma entrevista que foi transcrita pelo periódico descrevendo suas propostas para gestão da entidade:

Vatéli goza de grande popularidade entre os acadêmicos de Direito mercê dos seus dotes de coração e espírito e também por ser um esportista [ilegível], já tendo defendido a Faculdade em vários encontros tenísticos. Nessa modalidade esportiva Vatéli conquistou, também, nítidos triunfos para São Paulo, tendo, em 1933, conquistado o campeonato brasileiro de tênis, após belíssimo encontros. Encontramos Roberto Whately disputando, na sede do Centro, um dos encontros do campeonato de xadrez entre acadêmicos. Depois de um lance magistral, colocando seu adversário fora de combate com um “xeque-mate”. [...] “Como esportistas em atividade é minha intenção, caso seja eleito, intensificar o esporte universitário. A faculdade de Direito possui uma pleidade (sic.) de rapazes esforçados que têm brilhado em vários torneios universitários. Bem organizados e melhor orientados, poderão melhor defender as cores da Faculdade de Direito”. Depois, desenvolvendo o esporte - terminou Roberto Whately - os acadêmicos ficarão melhor preparados para o estudo. E, nesse caso, aplico a velha frase latina “Mens sana in corpore sano”⁷⁹.

A relação entre esporte universitário e o contexto político do país não se restringiria a gestão de Whately no Centro Acadêmico XI de Agosto entre 1936 e 1937. Em setembro de 1941 alguns alunos da Universidade de São Paulo se posicionaram no sentido de conferir à Vargas o título de doutor *honoris causa*. Este fato gerou uma crise na Faculdade de Direito, onde os bacharéis se posicionaram veementemente contrários à titulação que seria conferida ao Presidente, porém um

⁷⁹ A POLÍTICA das Arcadas em plena effervescência. *Correio Paulistano*, São Paulo, 4 set. 1935, p. 12.

influyente entusiasta do esporte universitário foi favorável a concessão do título ao ditador:

A ideia foi fortemente defendida por José Gomes Talarico e duas organizações de desportos universitários dirigidas por ele; a Confederação Brasileira dos Desportos Universitários (CBDU, sucessora da CUBE) e a Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE). Talarico amigo chegado do ministro da Educação Capanema, bem como de Vargas, ficou satisfeito com as medidas tomadas pela administração federal para reconhecer a UNE e a CBDU e financiar viagens de estudantes (DULLES, 1984, p. 174).

Este posicionamento foi durante criticado pelos estudantes da Faculdade de Direito que convocaram uma assembleia extraordinária para discutir o pronunciamento de Talarico. “Rodrigo Barjas Filo [...] propôs greve de um dia e a proibição da presença de Talarico nas arcadas sob quaisquer circunstâncias” (DULLES, 1984, p. 166-167), sendo que esta proposta foi aprovada de forma unânime. Porém, a posição dos atletas universitários não era uníssona com relação a esta questão, Roberto Whately, um dos ex-presidentes do Centro e “astro do tênis, forte fisicamente” participou do movimento que buscava boicotar o título concedido a Vargas.

Tentativas de deprender a sede da CBDU, na rua dom José de Barros, trouxeram Talarico, indivíduo corajoso, do Rio de volta pra São Paulo. Em uma briga no bar Ponto Chic, Talarico foi espancado pelos estudantes e a surra poderia ter sido pior não fosse pela intervenção de Roberto Whately e outros desportistas (DULLES, 1984, p. 182).

Em meio a esta conjuntura o esporte universitário foi um fator de sociabilidade fundamental para o alargamento do intercâmbio entre a classe estudantil brasileira. A mídia impressa veicularia este discurso como principal proposito pelo qual o desporto acadêmico serviria à pátria, unindo os acadêmicos em torno de uma coesão nacional, porém, não podemos afirmar que esta retórica era de fato o que acontecia nas praças esportivas onde eram travadas as disputas estudantis. As associações atléticas não possuíam um espectro político homogêneo e os atletas universitários em sua maioria eram ligados aos centros acadêmicos, que por sua vez, eram compostos por partidos políticos, sendo alguns liberais, integralistas, conservadores, progressistas, socialistas ou comunistas. Por conseguinte, não é plausível afirmar que os atletas universitários possam ter assimilado em sua totalidade, o discurso da construção de um ideário patriótico no intuito de apoiar a manutenção do Estado Novo, porém, Vargas não pouparia esforços para que isso

ocorresse. Em 1939 quem estava à frente da Confederação Brasileira de Desporto Universitário (CBDU) era Jose Gomes Talarico, amigo do Presidente, assim como do Ministro Gustavo Capanema, algo que contribuiria sobremaneira para que as teleologias do Estado Novo fossem assimiladas pelas diretrizes do esporte acadêmico nacional. Sintomaticamente, o convite para participar da segunda Olimpíada Universitária Brasileira, foi publicado da seguinte forma:

Colegas do imenso e querido Brasil! São Paulo vos espera de braços abertos. Participem da 2ª Olimpíada Universitária Brasileira para a verdadeira confraternização de nossa raça. A Felicidade de nossa pátria está na união dos seus filhos, moços de hoje, dirigentes da Nação amanhã. Assim, a Federação Universitária Paulista de Esportes, norteada no elevado objetivo de reunir pela segunda vez, em campos esportivos, a mocidade de que hoje passa pelas escolas superiores nacionais e ao mesmo tempo, intensificar o intercâmbio universitário, propugnando por um Brasil unido, dentro dos sagrados princípios da pátria, promoverá no mês de dezembro próximo, em São Paulo, a 2ª Olimpíada Universitária Brasileira⁸⁰.

Em um contexto onde o país passava por uma convulsão social, devido aos embates travados na arena política e econômica desde a Revolução de 1930, o esporte universitário seria um espaço pelo qual o Estado tentaria dissipar parte destas tensões, no intuito de se emular a congregação dos universitários brasileiros. Notadamente, os acadêmicos naquele período eram em sua maioria oriundos das elites que faziam parte das oligarquias dos principais polos econômicos do país, além do mais, a classe estudantil tinha um acesso facilitado a importantes figuras do poder público, como ministros, interventores federais e o próprio Presidente da República, “concedendo aos atletas universitários brasileiros um tratamento especial e diferenciado em relação aos demais setores esportivos organizados” (LINHALES, 1996, p. 94).

O processo de criação das federações universitárias foi acompanhado por uma retórica que buscava acima de tudo a união entre os acadêmicos do país, algo que principalmente em São Paulo, seria sintomático devido ao levante que ocorreu em 1932. Dois anos após a Revolução Constitucionalista, foi criada a Federação Universitária Paulista de Esportes:

Há pouco mais de dois meses era fundada nesta capital por um esforçado grupo esportistas acadêmicos com vistas para um melhor futuro ao esporte universitário a Federação Universitária Paulista de esportes. Seus ideais muitos e belos tinha um único fito: aproximação mais intensas dos

⁸⁰ “Collegas de todo Brasil, S. Paulo vos espera de braços abertos”. **Correio Paulistano**, São Paulo, de out. 1939, p. 8.

Estudantes dos cursos superiores e futuramente de todos os estudantes do Estado de São Paulo. Apoiado imediatamente por todos quantos tinham a oportunidade de conhecê-la viu-se a Federação Universitária Paulista de esportes encorajada e pronta para entrar em ação. Se intelectualmente tornava-se, como ainda se torna, difícil uma união perfeita entre os moços estudantes de nossas faculdades, ela iria mostrar o quanto vale o esporte, ainda neste ponto de vista: amizade⁸¹.

Através desta retórica de aproximação da classe estudantil, ao longo da década de 1930 seriam realizados vários certames que tinham como objetivo principal a união dos estudantes brasileiros, algo que ocorreria não somente em São Paulo, mas em todo país. Desde o primeiro Conselho Nacional de Estudantes realizado em agosto de 1937 na Casa do Estudante do Brasil, o esporte universitário foi uma das principais pautas do congresso⁸², além disso, contava com a presença de representantes das federações esportivas universitárias como integrantes da mesa dirigente⁸³. Durante o segundo Conselho Nacional de Estudantes, que ocorreu em 1939, o esporte universitário seria novamente pautado, porém, desta vez, um dos temas que seriam discutidos acerca do desporto acadêmico seria, o “esporte como meio de intercâmbio universitário”⁸⁴, demonstrando como o fator de sociabilidade do esporte universitário foi debatido nos principais fóruns de discussão do movimento estudantil ao longo da década de 1930.

O que contribuiu sobremaneira para estreitar os laços entre os estudantes brasileiros foi a realização de certames esportivos interestaduais e nacionais, que oportunizavam um embate entre os quadros esportivos de cada estado, assim como, um intenso intercâmbio entre os universitários. Nomeadamente de forma mais expressiva, os certames que colaboraram para este processo foram as Olimpíadas Universitárias que ocorreram respectivamente em 1935 e 1939. De acordo com matéria publicada no Correio Paulistano:

A 1ª Olimpíada Universitária Brasileira, realizada também em S. Paulo, em 1935, sob os auspícios desta entidade [F.U.P.E.], alcançou o mais completo êxito, não só no terreno esportivo, como também e principalmente, nas relações entre os estudantes de todos os recantos do Brasil. Reuniu naquela ocasião na capital paulista, cerca de 500 universitários do Rio

⁸¹ A 1.a Olympiada Universitária Será realizada em fins de Abril próximo. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 12 dez. de 1934, p. 4.

⁸² ENTRE Estudantes Conselho Nacional de Estudantes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 abr. 1938, p. 10.

⁸³ CONSELHO Nacional de Estudantes Primeira reunião desse foi ocorrida ontem a novo órgão. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 ago. 1937, p. 6.

⁸⁴ O 2.º Congresso Nacional de Estudantes Preparativos para a instalação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2 dez. 1938, p. 15.

Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Estado do Rio, Distrito Federal, Bahia e Pernambuco. Na organização da 2ª Olimpíada Universitária Brasileira, será imprimida a orientação dos Estatutos do Comité Olímpico Internacional e aplicados os regulamentos das federações de esportes de São Paulo. Os universitários de São Paulo esperam contar com a presença de todos os seus irmãos do Brasil. Os exmos. srs. Getúlio Vargas, dd. Presidente da República e dr. Adhemar de Barros, dd. Interventor Federal no Estado de São Paulo, demonstrando o alto interesse que possuem pela elevação do esporte universitário, resolveram auxiliar a organização da Olimpíada. Para a cerimônia de inauguração da 2ª Olimpíada Universitária Brasileira, a F.U.P.E. convidou o sr. Presidente da República, que proclamará solenemente a abertura dos jogos. Esta cerimônia será realizada com todo o ritual das olimpíadas internacionais. A instalação dos trabalhos da Olimpíada Universitária Brasileira, realizou-se no Palácio dos Campos Elyseos, sob a presidência do dr. Adhemar de Barros, dd. Interventor Federal no Estado de São Paulo⁸⁵.

Além de deixar claro que o principal mérito do certame seria o intercâmbio entre estudantes de todas as regiões do país, os auspícios do Estado se materializavam tanto pela presença do interventor federal de São Paulo, quanto do Presidente Getúlio Vargas, que além de apoiar os estudantes para a realização do evento, proclamou oficialmente sua abertura. É importante ressaltar que a Segunda Olimpíada Universitária Brasileira que ocorreu em 1939, já estava submetida aos ditames do Estado Novo, momentos solenes como a abertura de jogos esportivos, serviam como um espaço privilegiado de propaganda para o Regime, que em larga medida buscava uma aproximação com a classe estudantil, por ela representar a maior ameaça ao *status quo* que estava instituído no país, sendo que a classe trabalhadora, assim como parte dos próprios comunistas, se alinhou ao Estado Novo, no intuito de apoiar as reformas trabalhistas que foram empreendidas por Getúlio Vargas, por conseguinte, restava a classe estudantil através de suas entidades, como os centros acadêmicos e a União Nacional dos Estudantes, buscar uma alternativa democrática para o país (DULLES, 1984).

A retórica que fomentava a união entre os estudantes brasileiros repercutiria em vários estados do Brasil, principalmente dos que participavam do circuito esportivo universitário, em matéria publicada no Correio do Paraná:

A Federação Universitária Paulista de Esportes, com o elevado objetivo de, mais uma vez, reunir nos campos esportivos a mocidade que hoje passa pelas escolas superiores de todo o Brasil, intensificando o intercâmbio universitário Brasileiro, promovera entre 20 de Setembro e 12 de Outubro próximos, na capital paulista, a 2ª Olimpíada Universitária brasileira⁸⁶.

⁸⁵ "Collegas de todo Brasil, S. Paulo vos espera de braços abertos". **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 out. 1939, p. 8.

⁸⁶ PEDRITO. **Correio do Paraná**, Curitiba, 18 ago. 1939, p. 5

Neste mesmo sentido, ao relatar o resultado dos primeiros Jogos Universitários de Minas Gerais:

A imprensa de todo o Estado vem destacando com o devido relevo a preciosa colaboração dos universitários brasileiros, não só pelo seu reconhecido valor esportivo, como também pelo fato de, dessa forma, contribuírem para um maior entrelaçamento de amizades entre os estudantes de todo o Brasil. Com efeito, no que diz respeito à parte esportiva, a presença dos estudantes das escolas superiores de São Paulo, Distrito Federal e Estado do Rio, em muito virá favorecer um mais acentuado intercâmbio, tão necessário e produtivo ao ambiente cultural brasileiro⁸⁷.

Em larga medida a retórica dos cronistas buscava ressaltar a ideia de os universitários faziam parte de uma mesma família, que significava ser parte de uma mesma pátria. A genealogia do vocábulo pátria e de seus derivados, “remetem para a “terra dos pais” (hê patris) e possuem uma semântica que engloba, tanto o enraizamento natálico, como a fidelidade a uma terra e a um grupo humano identificado por uma herança comum, real ou fictícia” (CATROGA, 2010, p. 13), dessa forma, seria através desta ideia de pertencimento que seria constituído um discurso, que buscaria a coesão necessária para que os acadêmicos se identificassem como parte da vanguarda, que incentivados pelos “sagrados princípios da pátria”⁸⁸ unir-se-iam em torno de um bem comum. Os paranaenses rumo à São Paulo, reforçam a ideia de que este intercâmbio seria um abraço fraternal:

Com destino a São Paulo, via terrestre, segue hoje a embaixada paranaense á primeira Olimpíada Brasileira que se realiza na metrópole bandeirante. É notável o interesse que vêm despertando as competições dos universitários brasileiros, que num amplexo fraternal se reunirão na linda Paulicéia⁸⁹.

A partir da década de 1940, com o definitivo aparelhamento das instituições esportivas universitárias, o propósito de vários agentes do governo, assim como da sociedade civil, de utilizar o esporte universitário enquanto veículo de cooptação dos jovens brasileiros se mostra mais objetivo nas páginas dos jornais. A noção de uma

⁸⁷ VINTE e duas escolas superiores participarão dos jogos universitários de Minas Geraes. **Correio Paulistano**, São Paulo, 9 jul. 1938, p. 10.

⁸⁸ “Collegas de todo Brasil, S. Paulo vos espera de braços abertos”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 out. 1939, p. 8.

⁸⁹ A PRIMEIRA olympiada universitaria brasileira. **O Dia Esportivo**, Curitiba, 25 abr. 1935, p. 5.

raça que precisava ser unida em torno dos princípios da pátria torna-se o discurso hegemônico destes atores em torno do desporto acadêmico.

No dia 19 de julho de 1940 no Rio de Janeiro, foi instalado o IV Congresso Nacional dos Estudantes, como em todas as edições anteriores o esporte universitário estava entre um dos pontos que seriam discutidos no conclave, ele seria uma das estratégias para alcançar o que o acadêmico Marcelo Coimbra, presidente do Centro Acadêmico Castro Alves, vislumbrou como o principal objetivo do congresso: “numa cooperação maior de todos os estudantes do Brasil, visando unificar o pensamento acadêmico, sob normas essencialmente democráticas⁹⁰.” O general Newton Cavalcanti, grande entusiasta do desporto acadêmico, afirmou que o esporte universitário:

Proporcionou à mocidade acadêmica a oportunidade de conhecer-se mutuamente, a amar a sua pátria, a estreitar os laços de camaradagem e sobretudo, inculcou-lhe o espírito associativo e de cooperação, por meio de competições universitárias, realizáveis nas diversas capitais, preparando bases sólidas nas quais serão exercitadas as diversas atividades dessa juventude nos destinos do Brasil . Revidenciou (sic.) as Olimpíadas Nacionais, fazendo reviver os áureos tempos gregos em que os atletas do pensamento se exibiam nos estádios, lendo as mais belas páginas de literatura e de ciência. E dando aos poetas, pintores e escultores motivos para cantarem, em versos, as suas impressões e reproduzirem as imagens dos atletas que mais se destacavam nas pugnas desportivas⁹¹.

Paulatinamente, assim como ocorreu com o aparelhamento orgânico das instituições acadêmicas, descrito detalhadamente no primeiro capítulo, houve um alinhamento das teleologias do Estado Novo com estas instituições, e o discurso veiculado abertamente pelo regime é de que o esporte universitário era um instrumento de coesão da juventude necessário para o futuro da nação. Durante o início da década de 1940 vários certames seriam patrocinados pelo Ministério da Educação como parte do “programa de aproximação da juventude universitária⁹²”. Desde o início da sistematização do desporto acadêmico no país, as autoridades do governo estiveram presentes nos certames, porém a partir da regulamentação do esporte universitário, os interventores federais, ministros e o próprio Presidente estavam organicamente articulados com os conclaves.

⁹⁰ INSTALA-SE, hoje, o IV Congresso Nacional de Estudantes. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 jul. 1940, p. 3.

⁹¹ PALAVRA das Mais Autorizadas Como o general Newton Cavalcanti falou sobre o amparo do governo ao esporte universitário. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 20 set. 1941, p. 8.

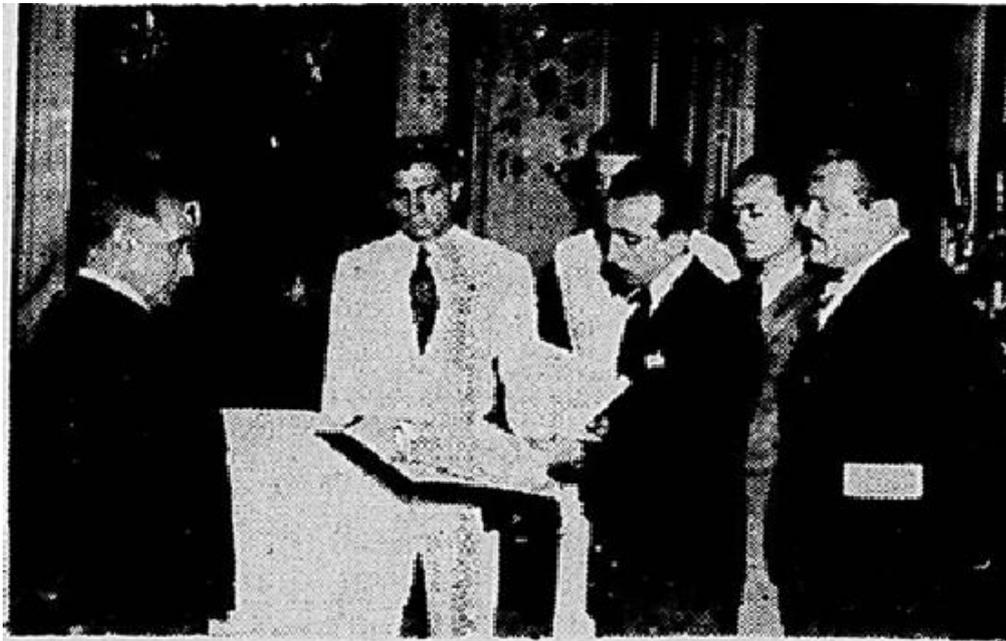
⁹² INICIADO o Campeonato de Bola ao Cesto. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 out. 1940, p. 6.

As pugnas esportivas se transformavam cada vez mais em um espaço de investimento do Estado. Os desfiles, discursos de abertura e encerramento cumpriam um papel simbólico fundamental na construção de um *ethos* que deveria ser incorporado pelos acadêmicos. Ao analisarmos a relação entre o esporte universitário e a conjuntura política do Estado Novo, percebemos que existiu um processo gradual de centralização por parte do Regime, que em um determinado momento, mais precisamente no início da década de 1940, se apropriou das instituições e, por conseguinte de seus desígnios. Todavia, este processo não ocorreu de forma abrupta, e assim como discutimos anteriormente, os estudantes não estavam alheios a ele. O controle exercido pelo Estado nas instituições esportivas acadêmicas aconteceu de forma sutil, os acadêmicos precisavam de apoio financeiro, e os auspícios do Estado eram necessários para a realização dos certames acadêmicos, além do mais, algumas figuras importantes como Jose Gomes Talarico, estudante e amigo pessoal de Vargas, foram fundamentais para que ocorresse um processo de controle interno das instituições, como se a Confederação Brasileira de Desporto Universitário fosse de fato, uma sucursal do Ministério da Educação. Sintomaticamente, após o encerramento da segunda Olimpíada Universitária Brasileira:

O chefe do governo recebeu à tarde, em audiência, uma comissão de estudantes que, em nome da Confederação Universitária de Esportes, entregou a s. exc. O título de presidente honorário daquela entidade, que superintende o esporte universitário brasileiro. O diploma é uma medalha de ouro comemorativa da 2ª Olimpíada Universitária, foram entregues ao sr. Presidente Getúlio Vargas pelo acadêmico José Gomes Talarico, que falou ao Chefe do governo em nome de todos os seus colegas nacionais⁹³.

⁹³ CONFEDERAÇÃO Universitária de Esportes. Correio Paulistano, São Paulo, 16 de Jul. 1940, p. 4.

Figura 2 – Medalha de Ouro Entregue ao Presidente Getúlio Vargas e o Título honorário de Presidente da C.U.B.E



Fonte: A Batalha, Rio de Janeiro, 16 Jul. 1940, p. 1.

A nomeação de Vargas como Presidente honorário da Confederação Universitária Brasileira de Esportes foi o ato definitivo de alinhamento político entre o Estado e a entidade estudantil, algo que nos remete aos entraves que ocorreriam um ano depois na Universidade de São Paulo em 1941, quando na tentativa de conceder o título de doutor *honoris causa* ao Ditador, os estudantes de direito se mobilizariam fazendo greves para impedir que o título fosse concedido. Não há como afirmar que houve algum tipo de protesto contrário à titulação de Vargas como presidente honorário da C.U.B.E., todavia, também não é possível afirmar que não houve, o que sabemos a partir das fontes, é que o título foi concedido, diferente do que aconteceu na Universidade de São Paulo devido à atuação do Centro Acadêmico XII de Agosto.

Podemos concluir que de fato o esporte universitário foi utilizado como uma ferramenta de propaganda pelo Estado Novo, além do mais, foi um espaço onde a retórica eugênica ganhava força devido às características singulares inerentes ao fenômeno esportivo. Nos certames acadêmicos o nacionalismo seria construído em torno de um sentimento de brasilidade, buscando a coesão da raça, assim como da classe estudantil. O fato dos estudantes constituírem a elite econômica e intelectual do país contribuiu sobremaneira para que importantes agentes do Governo e o

próprio Presidente Vargas fizessem parte desse processo que ocupou um lugar importante no cenário esportivo durante a década de 1930 e o início da década de 1940.

As tentativas de elaborar representações sobre os traços do passado, não podem abdicar de uma compreensão sobre o contexto histórico ao qual se investiga, mormente se tratando de um período ditatorial onde os meios de comunicação estavam sobre o jugo da arbitrariedade. Em um país onde vários setores sociais estavam em confronto em um amplo e dinâmico espectro político, a tentativa do Estado de utilizar-se da instituição esportiva universitária com o intuito de se criar uma hegemonia ideológica, não poderia permitir que este espaço fosse abrigo de discussões sobre política, conjuntura nacional e posicionamentos que fossem contrários ao Estado Novo, talvez este tenha sido o motivo de em 1937 o primeiro Congresso Nacional de Estudantes ter se sido iniciado com uma pauta que proibia quaisquer discussões sobre política.

Os esportes, e de certa forma todas as manifestações culturais, foram ao longo dos séculos espaços pelos quais governos, oligarquias, intelectuais e partidos de toda sorte, buscaram utilizar-se enquanto *locus* privilegiado para afirmações de identidades e valores⁹⁴. A tentativa do Estado Novo de aparelhar as instituições esportivas com o intuito de unir a classe estudantil em torno de uma ideia de pertencimento comum, não necessariamente surtiu efeito como o esperado, os estudantes foram ao longo da década de 1930 e 1940, a vanguarda que lutou em busca dos ideais democráticos, mesmo que muitas vezes eles discordassem entre si, o objetivo principal ainda era comum, derrubar toda forma de opressão e tirania, neste percurso vários estudantes perderam suas vidas, seus direitos políticos e sua liberdade. O esporte universitário cumpriu um papel fundamental no que tange ao alargamento de um intenso intercâmbio entre os estudantes brasileiros. Apesar de qualquer intencionalidade seja do Estado ou das organizações estudantis, as disputas universitárias mobilizaram um grande contingente de estudantes brasileiros em caravanas pelo país⁹⁵, se tornando um aspecto fundamental na história do desenvolvimento do esporte no Brasil.

⁹⁴ CORBIN, Alain (org.). **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 1995.

⁹⁵ PEDRITO. **Correio do Paraná**, Curitiba, 18 ago. 1939, p. 5.

3 – AMADORISMO, O *ETHOS* DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO

Para que possamos compreender as relações entre o amadorismo e o esporte universitário, torna-se necessária uma análise de como se deu o desenvolvimento histórico dos esportes no Brasil, mais precisamente, compreender o processo que levou as discussões sobre o amadorismo e profissionalismo que ocorreram ao longo das primeiras décadas do século XX:

O desenvolvimento histórico do esporte no Brasil está cronologicamente situado ao longo da segunda metade do século XIX, aproximadamente. Nessa época, clubes foram inaugurados, federações foram fundadas e um grande número de competições passou a ser realizado. Novas concepções de uso do corpo progressivamente orientaram práticas e pedagogias. Geralmente, esse processo se fez acompanhar por um conjunto de outras transformações mais amplas, nas quais os esportes tomam parte. Basicamente, os esportes se integram e se articulam a edificação de um ideário de progresso urbanístico e modernização dos costumes (DIAS, 2012, p. 6).

O futebol se consolidou no Brasil ao decorrer da década de 1890, e a partir daí se tornou o esporte mais difundido no território brasileiro. As discussões sobre o amadorismo e profissionalismo tiveram como ponto fulcral o esporte bretão, sendo que os clubes de futebol seriam o pontapé inicial para o debate acerca da profissionalização do esporte no Brasil. Dessa forma, utilizaremos o seu exemplo para equacionar o debate acerca do amadorismo no esporte universitário, todavia, compreendemos que o processo de profissionalização dos demais esportes não aconteceu *pari passu* ao do futebol, que se configurou como a vanguarda deste movimento, todavia, foi coetâneo à consolidação do desporto universitário no Brasil, ademais, o futebol foi o esporte de maior relevância nos meios acadêmicos⁹⁶.

Grande parte da historiografia sobre o surgimento do futebol no país se apoia na concepção dos “mitos fundadores”, nas palavras de Franzini (2003, p. 18), “graças aos pés de jovens filhos da elite educados na Europa ou dos ingleses que aqui vieram trabalhar e residir”, assim o futebol teria sido difundido pelos quatro cantos do país, principalmente a partir do Rio de Janeiro e São Paulo. Mesmo já sendo praticado pela classe operária na Inglaterra naquele contexto, o futebol se tornaria no Brasil uma prática que seria principalmente apropriada pelas elites econômicas do país (PEREIRA, 1998). Todavia, esta interpretação sobre a forma

⁹⁶ CAMPEONATO Universitário de Football da F.A.E. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 09 set. 1941, p. 3.

como o futebol se desenvolveu no Brasil não ocupa uma posição unívoca na historiografia:

De fato, na historiografia do futebol brasileiro são poucas as referências que não às regiões Sul e Sudeste, sobretudo as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Tudo se passa como se apenas essas regiões tivessem importância histórica para o desenvolvimento do futebol no país, tal o nível da invisibilidade das outras. Para além do futebol, poderíamos dizer que é esse também o caso das práticas esportivas em geral (DIAS, 2012, p. 3).

Dessa forma não podemos ignorar os esforços que vem sendo feitos na historiografia brasileira no intuito de lançar novas interpretações sobre o surgimento e o desenvolvimento não só dos esportes, mas também como das diversões no país⁹⁷, que também em larga medida seguem o paradigma de que o Rio de Janeiro e São Paulo seriam os centros irradiadores da cultura do entretenimento em âmbito nacional. Porém, com relação ao futebol, é inegável a participação das elites cariocas e paulistas na criação dos primeiros clubes do país, dessa forma, o esporte seria um espaço privilegiado de apropriação das elites enquanto capital simbólico que representava uma superioridade de classe e de raça, servindo como signo de distinção que pertencia somente aos brancos oriundos das camadas mais abastadas destas metrópoles (FRANZINI, 2003). Em busca de defender os valores puros do esporte estes jovens buscavam se aproximar dos ideais da aristocracia inglesa, a partir daí o amadorismo se configurou como o *ethos* da instituição esportiva, a maneira pela qual estes *sportsmen* se relacionariam com o fenômeno esportivo. De acordo com Bourdieu:

A teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes: o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de "formar o caráter" e inculcar a vontade de vencer ("will to win"), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras é o *fair play*, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço (BOURDIEU, 2003, p. 187).

A distinção de classe então seria um dos principais fatores para que o amadorismo estivesse presente no âmago do desporto acadêmico. Sobretudo no esporte universitário, o desporto serviria como parte do processo formativo dos futuros líderes da nação, sendo um fenômeno que conferia aos atletas capital

⁹⁷ Alguns estudos que apontam nesta direção: SANTOS, Marcela Ariete dos. (2017); OLIVEIRA, Renata Cristina Simões de. (2016); SOUZA, Eliza Salgado de. (2017); DIAS, Cleber. (2017).

político e cultural. Ademais nas fontes pesquisadas, em nenhum momento houve um debate acerca da profissionalização do desporto universitário durante o recorte temporal estabelecido na pesquisa, sendo que seu caráter amador também poderia reforçar uma ideia de imobilidade social⁹⁸, mesmo porque, o esporte universitário se restringia aos estudantes que ocupavam as cadeiras das escolas superiores do país, que notadamente nas primeiras décadas do século XX eram constituídas em grande parte por setores das elites econômicas.

O primeiro time de futebol das principais ligas do Rio de Janeiro e São Paulo que incluiria membros das camadas populares em suas fileiras seria o Club de Regatas Vasco da Gama, ocasionando o que seria chamado por Malaia de “Revolução Vascaína”. Porém, isto não culminou imediatamente na monetarização declarada aos atletas que compunham estas equipes, sendo que o processo de profissionalização dos clubes de futebol só ocorreria oficialmente em 1933, já sobre o Governo Provisório de Getúlio Vargas (MALAIA, 2008). Ao estudar a dinâmica de profissionalização do futebol paulista entre as décadas de 1920 e 1930, Yamandu e Góis Junior (2012, p. 9), ressaltam que:

Em 1926, o *Club Athletico Paulistano* foi o pivô da discussão sobre amadorismo e profissionalismo “marrom” em São Paulo. O Clube tornou-se dissidente da Apea, com o mote de defesa do amadorismo puro, e da elitização dos clubes nas disputas futebolísticas. Dessa forma, o Paulistano torna-se fundador da LAF (Liga de Amadores de Futebol). Entre os anos de 1926 e 1929, o campeonato paulista teve duas versões, uma de cada entidade. Em 1930, o torneio foi re-unificado, mas com a eminente profissionalização, o Paulistano fechou seu departamento de Futebol. Nos anos de 1920, a imprensa paulista ficou ao lado dos princípios do amadorismo, denunciando casos de profissionalismo, defendendo os princípios do esporte. Exatamente como a imprensa atual critica o *dopping*. Contudo a imprensa percebia que o amadorismo tornava-se um ideal que estava distante da realidade do futebol paulista nos anos de 1920.

Ao se referirem sobre o profissionalismo “marrom”, os autores dizem respeito ao pagamento de jogadores da classe popular para que pudessem compor os quadros nomeadamente amadores, que eram em sua maioria compostos por membros da elite paulista. A profissionalização do futebol foi fundamental para que as classes populares tivessem acesso ao que era *a priori* um privilégio das elites,

⁹⁸ Utilizo a ideia de imobilidade social em contraponto ao conceito de mobilidade social estabelecido na sociologia, ou seja, o esporte universitário seria um fenômeno que não favoreceria uma emancipação de classe, assim como foi, por exemplo, o processo de profissionalização do futebol no Brasil. Para um maior aprofundamento ver: BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, pg. 275.

ocasionando de fato, um processo de mobilidade social que deu origem a um alargamento da prática esportiva, principalmente devido a uma mudança de paradigma, desse modo, a eficiência tornou-se, em um determinado momento, uma variável mais importante do que o status de distinção que era conferido ao amadorismo. Este debate não se deu de forma linear e passiva, a imprensa ocupou um papel fundamental nas discussões sobre os princípios e valores do esporte, algo que refletiria sobremaneira nas concepções acerca do processo de transição entre o amadorismo e o profissionalismo:

Embora atenta aos fatos ocorridos nas principais cidades ao redor de São Paulo, o discurso moral em relação aos princípios do esporte não se perdia nos periódicos do final da década de 1930. A posição unívoca em defesa do amadorismo, entretanto, perdia espaço para a polêmica e do debate sobre amadorismo e profissionalismo (YAMANDU; GÓIS JUNIOR, 2012, p. 10).

A sistematização de uma indústria do entretenimento com a criação de um mercado rentável em torno da prática esportiva foi um dos principais fatores responsáveis pelo processo que culminou na profissionalização do esporte bretão ao longo das primeiras décadas do século XX no Brasil. Os valores em torno de uma ideia de entrega gratuita a prática desportiva, algo que era defendido pela lógica do amadorismo, seriam substituídos pela competitividade e eficiência, fazendo com que a habilidade fosse um fator mais importante do que a origem social, porém no caso do esporte universitário, não houve um processo de comercialização deste fenômeno, por conseguinte, ele se caracteriza como um objeto privilegiado de análise da relação entre o amadorismo e o profissionalismo no esporte, visto que o momento de sua sistematização no país é coetâneo ao processo de oficialização do profissionalismo do futebol brasileiro. Dessa forma, podemos estabelecer paralelos entre os discursos que constituíam a nova realidade profissional do futebol, ao mesmo tempo em que o esporte universitário era visto enquanto um expoente dos valores puros do esporte amador.

3.1 A Pureza do Desporto Acadêmico

A relação entre o amadorismo e o esporte universitário se deu de forma paradoxal ao longo da década de 1930, não havia renumeração aos atletas que compunham as equipes universitárias, porém, os mesmos desportistas que

figuravam em equipes profissionais participavam dos campeonatos acadêmicos, sendo que a única condição é que ocupassem bancos universitários. Como naquele contexto as universidades em larga medida eram ocupadas em grande parte por camadas mais abastadas da sociedade, o esporte acadêmico se tornou um símbolo de distinção que carregava os valores e a essência do esporte amador. Em uma disputa sobre a posse de um campo de futebol na capital paulista, o *Correio de São Paulo* relata detalhadamente os motivos pelos quais cada time deveria ou não reclamar pra si o espaço, o cronista ao discuti-los faz uma comparação entre o futebol profissional e o futebol universitário, notadamente entendido como amador:

É apenas um clube de futebol profissional, que quer para si uma área de terreno, onde 11 elementos de um lado, mais 11 de outro façam as “delícias” de um povo que se desinteressa, cada vez mais, pelo futebol profissional, em nome dos estudantes Bandeirantes.⁹⁹

Além disso, por diversas vezes a mídia se refere ao caráter “puro” do esporte acadêmico, apontando as potencialidades da “mocidade estudantil”. Podemos supor que na conjuntura da década de 1930, onde a discussão sobre o profissionalismo estava em voga nas principais metrópoles do país, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo (YAMANDU; GÓIS JUNIOR, 2012), o esporte universitário possa ter sido o refúgio dos defensores do amadorismo:

E mais do que uma vez temos chamado a atenção para a pureza dos princípios que norteiam esta atividade e para a visão larga dos seus orientadores. Restringindo o campo desta nossa observação, acentuámos ainda que no terreno do esporte base, no campo das formas clássicas e puras da atividade esportiva, este nível superior do nosso esporte universitário manifesta-se com deslumbrante nitidez.¹⁰⁰

Em um campeonato de atletismo universitário organizado em 1935 pela F.U.P.E., houve uma polêmica com relação a uma possível desclassificação do Centro Acadêmico XI de agosto, devido à participação de “Hidelbrando T. Freitas, um dos mais destacados batalhadores do esporte universitário no Brasil¹⁰¹”. Segundo os estudantes do Grêmio Politécnico, o referido atleta não se encontrava regularmente matriculado na Faculdade do Largo do São Francisco (Faculdade de

⁹⁹ COMO será resolvida a pendência do campo São Paulo? *Correio de São Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1935, p. 5.

¹⁰⁰ ATLETISMO. *Diário de Pernambuco*, Recife, 21 out. 1934, p. 6.

¹⁰¹ OS NOSSOS universitários também criaram um “caso”... *Correio Paulistano*, São Paulo, 18 set. 1935, p. 8.

Direito da USP), este embate gerou um desentendimento entre os estudantes paulistas, de acordo com o cronista do Correio Paulistano, o atleta teria perdido sua matrícula devido à participação na “Olympiada Universitária Brasileira” e “impulsionado pelo entusiasmo de ver realizado um dos maiores certames do Brasil, emprestou todas as suas energias em prol do grande feito¹⁰²”. Ao concluir o relato o cronista expõe sua opinião acerca do que deveria ser feito com relação ao ocorrido:

Para este caso achamos que os que comparecerem à assembleia deverão estudar atenciosamente todos os detalhes deste assunto, para que não seja tomada uma deliberação errônea, contribuindo para o desmoronamento do que foi construído com tanto carinho e perseverança. Já é tempo de evitar maiores prejuízos morais e materiais para o nosso esporte, mormente tratando-se de uma entidade de amadores¹⁰³.

Quando as primeiras federações de esporte universitário surgiram a partir de 1933 e 1934, o debate acerca do amadorismo no esporte ainda não havia se esgotado, em larga medida, os mesmos cronistas que se ocupavam em discutir os esportes, no que poderia ser chamado de liga principal, também discutiam o esporte universitário, mesmo porque, materialmente as notícias se encontravam no mesmo espaço no interior dos periódicos, ou seja, o desporto acadêmico não era um fenômeno esportivo apartado das discussões que envolviam o esporte de uma forma geral. Afirmar que o esporte universitário era composto exclusivamente por instituições e ligas amadoras, não significa dizer que ele não era voltado ao alto rendimento, pelo contrário, até porque vários atletas universitários atuavam em clubes profissionais:

Está em foco a iniciativa da C.U.B.E. de pretender representar o Brasil no próximo campeonato sul americano, no Chile. A entidade máxima do esporte universitário, que na regulamentação federal desempenhará importante papel, vai demonstrar que possui grandes possibilidades para assumir a missão de levar o futebol brasileiro ao torneio do Chile. Naturalmente, deve em primeiro lugar contar com uma direção técnica apurada. A organização também merece muito carinho. A C.U.B.E. espera, porém, o apoio oficial de modo que seu comparecimento, caso for autorizado pela C.B.D. terá todas as garantias de serenidade. Que assim seja. O principal passo é tornar a participação cercada de todas as garantias econômicas, técnicas e disciplinares. Os futebolistas universitários espalhados pelo país são em número elevado e daria para formar não um e sim dois e até três quadros. Muitos são “azes” não só de clubes principais, como das próprias seleções estaduais. Se não nos enganamos, os regulamentos do esporte internacional universitário permitem que um elemento seja considerado “universitário”, dois anos depois de formado.

¹⁰² *Idem.*

¹⁰³ *Ibidem.*

Assim a C.U.B.E. poderia aproveitar outros “azes” formados nas escolas superiores, nestes últimos dois anos¹⁰⁴.

O fato de jogadores profissionais participarem dos certames acadêmicos, nos leva a entender que havia um status distintivo que conferia as competições universitárias valor simbólico, além do mais, o fator de sociabilidade que era acarretado pelo intercâmbio entre os acadêmicos de todo o país, pode ter sido outro elemento que contribuiu sobremaneira para a participação destes jogadores nos certames amadores, ademais a relação de identidade com as “cores” da Faculdade assim como foi descrito por Roberto Whately¹⁰⁵, pode também ser outra variável que corroborava para que estes sujeitos participassem ao lado dos atletas amadores nas competições acadêmicas.

Algo que nos chama atenção com relação aos atletas universitários são suas marcas e pontuações nas competições, principalmente se tomarmos como exemplo o esporte base. Ao longo da década de 1930 vários recordes de acadêmicos seriam próximos ou até mesmo superariam marcas de atletas que disputavam os campeonatos das ligas principais realizados pelas federações esportivas, em uma matéria publicada no Diário de Pernambuco, o cronista faz uma síntese do atletismo universitário nos certames que ocorriam pelo país em 1934, elaborando uma comparação com os atletas que disputavam as ligas principais, diga-se de passagem, uma citação que pedimos licença ao leitor por ser demasiadamente extensa, mas que contribui sobremaneira para compreendermos o contexto ao qual estamos nos referindo:

A Realização, com um sucesso quase surpreendente, no último domingo, do Campeonato de Atletismo da F.P.D., ao mesmo tempo que no Rio de Janeiro, era levado a efeito mais um Campeonato de Atletismo, pela Federação Atlética de Estudantes, veio pantear de modo irretorquível a destacada posição da classe estudantina no cenário atlético nacional. Assim é que enquanto, no campeonato pernambucano, uma percentagem enorme dos triunfos pertenceu a atléticas estudantes, na competição estudantina do sul, os resultados técnicos assinalados elevaram o certame a um nível bastante animador. Quatro recordes marcados durante a competição de que há dias demos o resultado geral, dizem bem alto do preparo dos atletas estudantes. Heitor Medira, por exemplo, da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro obteve no lançamento de dardo: 59,24 mts. Este resultado, marcado pelo jovem atleta que há poucos anos dava os primeiros passos no esporte no C. R. Tieté de S. Paulo, difere apenas em

¹⁰⁴ OS UNIVERSITÁRIOS e o Sul-Americano de Futebol. **O Dia Esportivo**, Curitiba, 17 dez. 1940, p. 10.

¹⁰⁵ A POLÍTICA das Arcadas em plena effervescência. **Correio Paulistano**, São Paulo, 4 set. 1935, p. 12.

425 milímetros do recorde sul-americano e brasileiro assinado há anos pelo inominável Joaquim Duque da Silva. Tarcísio Soriano, colega de Faculdade de Medicina, cobriu os 100 metros rasos, em 10" e 8, resultado notável para a classe da competição. Coube a Faculdade de Direito de São Paulo por intermédio de Carlos Afonso dos Santos, uma outra performance notável. Foram os 35 mts. e 15 assinalados no arremesso do disco. Alvariano da Fonseca, da Politécnica do Rio, correu os 800 metros em 2',7"8/10 outro recorde da classe. Uma estatística interessante mostra que o certame da F.P.D pertenceu aos atletas dos Centros Atlético das Escolas Superiores, a primeira das vitórias. Com efeito, durante a realização das 13 provas do torneio, 44 atletas obtiveram colocação, sendo 16 em 1º lugar. (No revezamento 4x100, ha 4 1as. colocados), 16 em 2º e 12 em 3º. Destas 44 colocações 22 (exatamente 50%) pertenceram a estudantes superiores, elementos dos centros das respectivas escolas. Na distribuição das colocações atendendo aos pontos marcados a vantagem dos universitários é manifesta. De fato os elementos acadêmicos tiveram 11 das 16 1as. colocações; 8 das 16 2as. e 3 das 12 3as. colocações. Marcaram por consequência 82 pontos, num total de 140. Todos estes fatos atestam de modo insofismável a eficiência da atuação dos Centros Atlético Acadêmicos no seio da classe universitária¹⁰⁶.

Um dado interessante que podemos notar é que o esporte universitário não se restringia unicamente aos circuitos acadêmicos, os atletas universitários disputavam lado a lado com os membros dos clubes esportivos, além disso, notadamente assim como foi exposto pelo cronista, é provável que grande parte dos estudantes constituísse as fileiras de algum clube, porém carregavam as "cores" dos centros acadêmicos, mostrando de fato a relevância que era dada ao pertencimento à classe universitária. Paulatinamente nas páginas dos jornais os cronistas exaltavam os atletas universitários que superavam marcas importantes nos certames atléticos. Durante o segundo campeonato acadêmico de atletismo realizado em Recife em 1934, no Diário de Pernambuco foi ressaltado que: "Como prova da excelência dos resultados obtidos basta dizer que todos os nossos recordes acadêmicos foram superados e estabelecidos também nada menos de nove, novos recordes pernambucanos¹⁰⁷", nas modalidades de "dardo, disco, altura, distancia, tríplice, vara, 400, 800 e 1.500 metros rasos¹⁰⁸", durante o mesmo certame, Falcão um atleta universitário, igualaria o recorde da Marinha Brasileira na eliminatória de 400 metros¹⁰⁹. Não obstante, em um campeonato acadêmico de atletismo realizado pela Federação Universitária Paulista de Esportes em 1936, quatro recordes universitários foram quebrados, inclusive um deles o recorde sul-americano de salto

¹⁰⁶ ESPORTE Universitário - os últimos Sucessos do Atletismo Acadêmico Brasileiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 19 set. 1934, p. 2

¹⁰⁷ ESPORTE Universitário, **Diário de Pernambuco**, Recife, 23 out. 1934, p. 6

¹⁰⁸ *Idem*.

¹⁰⁹ ATLETISMO. **Diário de Pernambuco**, Recife, 21 out. 1934, p. 6

em altura, com Icaro Castro Mello e Alfredo Mendes, ultrapassando o sarrafo com 1,93 metros¹¹⁰. Não somente no atletismo, mas em várias modalidades esportivas os atletas universitários se destacavam entre os principais quadros do país:

Como se sabe, é nas escolas superiores que se encontram alguns dos elementos de maior destaque do nosso basket, como De Vincenzi, Simões, Pelado, Carlito, Rui, Armando, Ratinho e muitos outros que figuram com relevo no cenário esportivo da cidade. Assim é de esperar que o campeonato da F.A.E. marque esplendidas performances¹¹¹.

Acima de tudo, estas fontes evidenciam o alto rendimento em que competiam os atletas universitários, o próprio Roberto Whately, várias vezes citado ao longo do trabalho, foi campeão brasileiro de tênis no início da década de 1930 (DULLES, 1984). Neste contexto, o esporte universitário pode ter sido um alento aos que defendiam os princípios morais do esporte, que viam no profissionalismo o fim do que seria a tradição da cultura esportiva, em troca dos valores considerados puros do esporte amador, a eficiência e a competitividade ganhavam espaço, e é neste mesmo período em que surgem as primeiras federações de esporte universitário em São Paulo e no Rio de Janeiro, sintomaticamente o profissionalismo foi oficializado no país no mesmo ano em que seria fundada a primeira federação de esporte universitário em 1933 no Distrito Federal, sendo assim, podemos supor que um dos fatores que contribuíram para o alargamento da prática esportiva nas universidades brasileiras, tenha sido o paulatino esvaziamento do amadorismo no esporte, sendo o desporto acadêmico a última fronteira, esta que seria responsável por resguardar os valores, virtudes e a pureza que eram próprias do fenômeno esportivo, valores estes, que eram refletidos nos universitários brasileiros. O Estado passou a ver o amadorismo no esporte acadêmico como um dos fatores fundamentais para que ele precisasse ser subsidiado pelo governo:

Causou agradável impressão nos círculos esportivos de nossa capital o gesto do governo federal, por intermédio do Ministério da Educação e Saúde Pública, concedendo um auxílio de 50:000\$000 à Federação Universitária Paulista de Esportes, para a realização da 2ª Olimpíada Brasileira, que deverá realizar-se em São Paulo, no próximo mês de março. Esse auxílio foi autorizado, atendendo-se a que o esporte universitário constitui uma expressão do amadorismo, capaz de, completando a educação física dos estabelecimentos de ensino primário, normal e secundário, contribuir decisivamente para assegurar a mocidade as

¹¹⁰ AS ACTIVIDADES do esporte-base. **Correio Paulistano**, São Paulo, 26 mai. 1936, p. 8.

¹¹¹ VÁRIAS Esportivas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1941, p. 20.

condições físicas e morais de vida são e de harmonioso desenvolvimento das suas faculdades, conforme determina a Constituição¹¹².

O amadorismo não é a única chave interpretativa para compreendermos como ocorreu o alargamento da prática esportiva dentro das universidades do país, porém, ele se configura como um aspecto fundamental para que possamos entender como se constituiu a retórica em torno do desporto acadêmico, este discurso foi tinha como ponto fulcral algo que estava acima dos desejos individuais, para que os estudantes alcançassem a comunhão com o Estado, em busca de seu destino sacral de defender a pátria nos *fronts* que fossem necessários. Talvez um dos maiores entusiastas das “formas puras do esporte” seja o General Newton Cavalcanti, que já discursou várias vezes ao longo deste trabalho:

O general Newton Cavalcanti militar de têmpera e desportista de larga visão, não poderia ficar alheio ao movimento que se inicia graças à regulamentação ordenada pelo chefe do governo Membro destacado do Conselho Nacional de Desportos, o general Newton Cavalcanti tem acompanhado com muito interesse todos os problemas dos desportos brasileiros, tendo dado já inequívocas provas de seu desejo de ver o desporto amadorista em plano bem mais elevado. Por uma das figuras mais destacadas do nosso Exército e não menos brilhante membro do Conselho máximo do desporto nacional, será apreciado o último decreto-lei do presidente Getúlio Vargas sobre a nova ordem de coisas estabelecida para os esportes universitários¹¹³.

Os defensores do amadorismo viam no esporte universitário a expressão dos valores que seriam necessários para educar uma juventude coesa com os princípios da pátria, mais precisamente com as teleologias do Estado Novo. As discussões acerca do caráter amador do desporto acadêmico, não podem ser apartadas de todas as variáveis que se interpelavam no âmbito esportivo durante a vigência da ditadura de Vargas, mais precisamente, a utilização do esporte enquanto um veículo de aprimoramento da raça, o esporte como parte de um processo educativo que buscava a centralização dos estudantes, assim como, a utilização do esporte enquanto um espaço privilegiado para afirmação de uma identidade nacional. Portanto, quando analisamos a relação entre o amadorismo e o esporte universitário, precisamos ter em mente que na conjuntura política em que o país estava inserido, a construção do nacionalismo perpassava a maior parte dos discursos proferidos em prol da sistematização de um projeto esportivo no Brasil,

¹¹² DE TUDO Um Pouco. **Correio Paulistano**, São Paulo, 21 fev. 1940, p. 8.

¹¹³ PALAVRA das Mais Autorizadas. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 20 set. 1941, p. 8.

sendo que, o esporte universitário visto como “uma expressão do amadorismo”, seria um exemplo que precisava ser seguido. Nas palavras do General Newton Cavalcanti, o esporte universitário:

Fez renascer, por esse meio, o amadorismo em toda sua plenitude, apontando à mocidade das sociedades desportivas o sentido da educação física e espiritual para que, em breve, atinja às finalidades eugênicas e sociais, tornando-se útil a si própria, à família, à sociedade e por fim, constituindo-se em valores nacionais¹¹⁴.

Talvez uma das principais contribuições que este capítulo tenha trazido para a historiografia do esporte durante a vigência do Estado Novo, tenha sido a concepção de que o discurso do amadorismo foi aparelhado pelo Regime enquanto um espaço privilegiado para a afirmação de uma brasilidade, que estava sendo construída e veiculada por diferentes fenômenos culturais, dentre eles o esporte universitário. Em outras palavras, defender as cores de um centro acadêmico, por livre e espontânea entrega e não pela busca interessada, seria em equivalência defender a pátria por amor, sem que fossem pesadas as consequências, a constituição de uma atitude voluntarista¹¹⁵ talvez seja a chave para compreendermos a relação que o Estado estabeleceu entre o amadorismo, o nacionalismo e o esporte universitário.

3.2 O Desenvolvimento Perdido do Esporte Universitário no Brasil

Durante a introdução da dissertação foi proposto um questionamento que por sua natureza se torna difícil de ser solucionado, principalmente pelo fato do recorte temporal desta pesquisa não ser abrangente o suficiente para problematizar questões após o início da década de 1940, onde se encerra nossa investigação, portando, ainda haveria um longo caminho a ser percorrido até à contemporaneidade, tornando qualquer projeção teórica demasiadamente arriscada, porém, nos deparamos com uma fonte do ano de 1941, onde o cronista se faz exatamente a mesma pergunta, e a partir daí nos sentimos provocados a problematizar o passado, mesmo que a miúdo, para tentar entender o porquê de o esporte universitário não ter se desenvolvido a ponto de ser uma etapa importante na constituição de categorias de base para o esporte de alto nível nacional.

¹¹⁴ *Idem.*

¹¹⁵ Entendida como o apelo à vontade emocional em detrimento à racionalidade.

Rodrigues Augusto, cronista da revista *Diretrizes*, em 1941 expôs qual seria o motivo da baixa repercussão dos esportes universitários comparados ao futebol:

Os nossos jogos universitários não conseguem abalar muita gente. Não deslocam multidões como, por exemplo, um Fla-Flu. E citamos o Fla-Flu propositadamente. Na Inglaterra, há regatas de estudantes que despertam, lá, um interesse que, aqui, equivaleria ao do grande clássico do nosso "football". É o caso de perguntar: Quando, entre nós, uma competição universitária terá uma importância de Fla-Flu? Aparentemente essa possibilidade parece inaceitável. Que inaceitável coisíssima nenhuma! Tudo depende de novas condições que venham a ser criadas. De providências, de medidas inteligentes, de uma articulação de elementos. Em primeiro lugar, o esporte universitário precisa de um bom aparelho de publicidade. É preciso fazer barulho – senhores – é preciso forçar interesse, promover entrevistas, tirar retrato, pedir manchetes aos redatores conhecidos. Sem isso, sem rumor, sem um toque de sensacionalismo aqui e alí, nada se fará, absolutamente nada. É imprescindível que o público não seja o último a saber. Depois, surge a questão de uma regularidade absoluta. Competições esporádicas não constroem nada, não criam um público não mantem os fans (sic.) no mesmo ritmo de interesse. Organize-se um calendário. Fixem-se datas sagradas. Estabeleça-se um programa de jogos que se renovará cada ano. Isso para que o fan se possa habituar aos jogos de estudantes, passe a frequentá-los e a torcer violenta e agressivamente. O resto se limitará a uma questão de técnica que, embora pareça que não, é a menos importante, porque as nossas escolas não carecem de "astros"¹¹⁶.

A partir de uma análise holística acerca do fenômeno esportivo que foi o esporte universitário e de como ele se configura na contemporaneidade, mais de setenta anos depois, podemos estabelecer algumas relações que podem ter sido a causa de o desporto acadêmico não ter seguido o modelo do "velho mundo" e das universidades Norte Americanas. De certa forma, o cronista esportivo Rodrigues Augusto aponta alguns elementos que foram fundamentais para que os esportes se tornassem parte da cultura popular, principalmente a grande divulgação na mídia, como no caso do futebol. Todavia, ao analisarmos os periódicos de 1930 a 1941, percebemos que o esporte universitário foi largamente noticiado nos principais veículos de comunicação da época. Portanto, acreditamos que não tenha sido a falta de divulgação por parte da imprensa o motivo do desporto acadêmico não ter se massificado no país. Bourdieu, nos dá uma pista para compreendermos a relação que a elite estabelece com o amadorismo no esporte universitário:

Compreende-se que aqueles que guardaram a nostalgia do rugby universitário, dominado pelas elegantes corridas dos jogadores de pontas, tenham dificuldade em reconhecer a exaltação do *manliness* e o culto do *team spirit* no gosto pela violência (a "cotovelada") e na exaltação ao sacrifício obscuro e tipicamente plebeu até em suas metáforas ("cavar" o

¹¹⁶ RODRIGUES, Augusto. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, 16 out. 1941, p. 28.

jogo, etc) que caracteriza os novos jogadores de rugby e muito especialmente os corajosos que avançam mais. Para compreender disposições tão distantes da gratuidade e do fair play originais, é preciso ter em mente, entre outras coisas, o fato de que a carreira esportiva, que é praticamente excluída do campo das trajetórias admissíveis para uma criança da burguesia – tênis ou golfe à parte –, representa uma das únicas vias de ascensão social para as crianças das classes dominadas: o mercado esportivo está para o capital físico dos meninos assim como os concursos de beleza e as profissões as quais eles dão acesso – recepcionistas, etc. – estão para o capital físico das meninas (BOURDIEU, 2004, p. 196).

Portanto, o fato do esporte universitário se restringir a uma prática das elites, fez com que a maior parte da população não se identificasse com os atletas universitários, algo que de fato contribuiu para que ele fosse praticamente obsoleto fora dos círculos acadêmicos. Outra questão fundamental diz respeito ao desporto acadêmico não ser um fator de mobilidade social, algo que contribuiu sobremaneira para o seu insucesso enquanto um fenômeno esportivo, diferente do futebol que naquele contexto representava uma oportunidade de ascensão social a partir do esporte. Para que tenhamos uma ideia do caráter aristocrático do esporte universitário, no Brasil em 1940, dos homens e mulheres brancas que recebiam alguma instrução escolar, apenas 1,47% estavam no nível superior. A participação dos negros na academia naquele contexto era ainda menor, cerca de 0,08% dos homens e mulheres negras compunham as fileiras universitárias¹¹⁷. Estes dados afirmam de modo insofismável que em sua natureza o esporte universitário tinha um caráter elitista que ia ao encontro da retórica do amadorismo. “Fazer renascer o amadorismo”¹¹⁸ seria portanto, restringir o fenômeno esportivo às classes dominantes, assim como foi no início da sistematização do esporte no Brasil.

Fatores como a pretensão ao *fair play* e a entrega gratuita ao esporte fizeram com que não se desenvolvesse um mercado em torno do esporte universitário brasileiro. De acordo com Riess (2008), uma das principais variáveis para a consolidação dos esportes modernos está justamente na comercialização deste fenômeno. Se nos lembrarmos do modelo proposto por Vamplew (2013), podemos utilizá-lo como um dos fatores que explicam a singularidade do desporto acadêmico, principalmente por ele se constituir no terceiro nível de associativismo, ou seja, para fazer parte de um clube esportivo universitário seria necessário estar entre os

¹¹⁷ Recenseamento Geral do Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Série Nacional, Volume II. **Censo Demográfico, População e Habitação**. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1950, 209 p.

¹¹⁸ PALAVRA das Mais Autorizadas. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 20 set. 1941, p. 8.

1,47%, isto levando em conta a população branca, que é historicamente mais favorecida com relação aos negros. Como afirmamos anteriormente, devido ao recorte temporal é arriscado afirmar que o amadorismo tenha sido o único fator responsável pelo não desenvolvimento do esporte universitário brasileiro, a ponto de que na contemporaneidade, ele representasse uma etapa importante na formação esportiva do país, porém, acreditamos que esta seja uma contribuição importante para que futuras pesquisas tenham um ponto de partida para problematizar algo que compreendemos ser importante para a história do desenvolvimento esportivo no país.

4 – O ESPORTE COMO UM VEÍCULO DE AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES

O esporte no Brasil ao longo da primeira metade do século XX foi largamente utilizado como um veículo de construção de identidades¹¹⁹, principalmente por parte de intelectuais, do Estado e agentes relacionados à imprensa. A defesa das cores de um time se transformava em um espaço privilegiado para afirmações de valores nacionais e regionais, como se o que estivesse em campo na verdade, fosse uma representação da brasilidade, ou de qualquer outra identidade tida como um Tipo-ideal¹²⁰. De acordo com Damo (2012, p. 57):

A questão da identidade ou, como preferimos na antropologia, das identidades, está profundamente vinculada ao futebol. Isto se deve, em parte, ao fato de esta questão – que embora clássica, se renova de forma surpreendente – ser fulcral para a compreensão de qualquer dinâmica de grupo. De outra parte, o espaço do futebol, em particular aquele voltado para o espetáculo, oferece-se como uma fonte generosa de questões a serem investigadas, pois nele são extensos e multifacetados os arranjos em termos de identidades e alteridades. A estrutura agonística do jogo, que pressupõe uma disputa bem demarcada entre um eu (ou nós) e um outro (ou outros), favorece, sobremaneira, a instauração da identificação e da diferenciação. Ainda mais que um jogo, como o de futebol, é um rito do tipo disjuntivo, no qual os contendores lutam para promover uma cisão entre vencedores e vencidos.

Com os devidos cuidados podemos alargar esta compreensão para pensarmos o esporte como um todo, enquanto um fenômeno que celebra de uma forma geral este espaço entre o “eu/nós” e o “outro/s”. Dessa forma, podemos observar que a construção de uma identidade parte da confrontação com o que é antagônico, com aquilo que faz contraposição e é necessário para constituir uma ideia de união entre os que se identificam em meio a sentidos e significados atribuídos a determinadas classes, clubes, regiões e países.

No Brasil o processo de construção de uma identidade nacional através do esporte, mais precisamente do Futebol, teria se dado ao menos desde a primeira década do século XX, diferente do que é apontado por parte da historiografia do esporte brasileira, que estabelece este marco somente a partir da década de 1930 (PEREIRA, 1998). Ademais, não estariam somente os intelectuais e o Estado

¹¹⁹ Alguns estudos que apontam nesta direção: MACHADO, Felipe Morelli. (2016); PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (1998) ; COSTA, Maurício da Silva Drumond. (2013); FRANZINI, Fábio. (2003).

¹²⁰ Utilizo o conceito de Tipo-Ideal a partir do que foi postulado por Max Weber, para mais informações ver: QUINTANEIRO, Tânia. (2002).

envolvidos com o que seria a construção de um nacionalismo através do esporte. Este sentimento de representatividade da pátria através dos certames esportivos, também seria gestado no interior da classe trabalhadora, podemos utilizar como exemplo o jogo entre o selecionado brasileiro e o argentino que ocorreu no Rio de Janeiro no ano de 1908:

A grande comoção causada na cidade em 1908 pelo jogo contra os argentinos evidencia, porém, que nem só do brilho de intelectuais ou da força do poder público era feito o sentimento nacional. Distantes dos debates letrados, torcedores de origens e condições sociais diversas mostravam, nos campos, que o nacionalismo ia transformando-se em uma questão importante também para eles (PEREIRA, 1998, p. 96).

Em 1919, mais precisamente no dia 29 de maio, o Brasil voltaria suas atenções em torno da disputa entre a seleção brasileira e a uruguaia, que decidiria a final do Campeonato Sul Americano de *Football*, o entusiasmo era tão grande que Delfim Moreira então presidente da República, decretou ponto facultativo nas instituições públicas da capital do país naquele dia. “A despeito do seu forte sotaque britânico, o *football* unia o país e proporcionava a vívida manifestação popular do orgulho patriótico, como a indicar a “descoberta de uma vocação” (FRANZINI, 2003, p. 16), os brasileiros venceram aquela partida por 1 a 0 fazendo com que as ruas do Rio de Janeiro fossem tomadas por torcedores que acompanhavam o jogo no estádio e pelo rádio.

O inédito título continental transformava as chuteiras em expoentes de um traço nativo – no caso, a individualidade – que distinguiria e colocaria o Brasil em posição de superioridade diante de outras nações, ao menos dentro das quatro linhas. Demarcava-se assim um novo referencial para a identidade nacional, prosaico, porém perfeito tanto para a promoção da auto-identificação de uma coletividade quanto para a afirmação de suas diferenças em relação ao estrangeiro (FRANZINI, 2003, pg. 16-17).

Esta construção de uma identidade nacional não se deu de forma linear como é comumente apontado. O ideal patriótico defendido por vários intelectuais assim como pelo poder público, não eliminou os atritos regionais, fazendo assim com que a própria representatividade do selecionado brasileiro na década de 1920 fosse questionada, devido à ausência de jogadores de várias partes do país, sendo que havia uma tentativa do Rio de Janeiro e São Paulo de obterem a hegemonia da seleção brasileira. Neste sentido:

Uma das críticas possíveis a essas abordagens reside nas suas implícitas concepções não problemáticas de nação. Ao lançarem um olhar retrospectivo sobre o passado, tomando como historicamente inevitável o desfecho do esforço para afirmação de uma identidade nacional, esses trabalhos ocultam conflitos e minimizam divergências que muitas vezes o perpassaram (DIAS, 2017, p. 73).

O regionalismo passa a ser um fator importante para compreendermos a dinâmica do esporte ao longo das primeiras décadas do século XX. A forma como os cronistas dos jornais de maior circulação se referiam aos selecionados dos estados fazia com que o discurso regionalista desse o tom às crônicas, sendo que várias batalhas foram travadas nos periódicos em nome do pavilhão esportivo de cada região. Ao discutir o embate entre paulistas e cariocas, Machado (2016, p. 46), aponta que:

À medida que as desavenças se acirravam entre os lados em disputa, os debates nas páginas dos jornais davam mostras de que o orgulho regional paulista, que estava em jogo nos gramados, em realidade apontava para uma querela mais ampla, a saber a qual cidade caberia a supremacia política e cultural do país. É nesse sentido, por exemplo, que o sportman paulista Mario Cardim, em carta ao jornal carioca O Imparcial, defende que a superioridade dos paulistas se devia ao próprio "adiantamento moral e material" do estado de São Paulo.

As disputas entre os paulistas e cariocas fizeram com que em 1914 fosse criada a "Taça Rio versus São Paulo" que representou a materialização dos embates regionalistas entre os dois estados (MACHADO, 2016). O futebol sendo um fenômeno capaz de aglutinar várias pautas para além do próprio jogo, fez com que as disputas não se restringissem às quatro linhas, ambos os lados estavam preocupados em estabelecer seu posicionamento perante a nação, apesar de que os paulistas, assim como aconteceu no esporte universitário, se posicionavam com maior veemência:

Dentre as querelas mais acentuadas durante as primeiras décadas do regime republicano, no Brasil, está a rivalidade entre paulistas e cariocas, disputa que adentrou ao terreno futebolístico acompanhando o afã com que, em seu entorno, o regionalismo paulista reivindicava a posição de "cabeça" política e cultural da nação. Dessa forma, o futebol despontava como espaço privilegiado para observação de uma rixa com o Rio de Janeiro que ecoou nas ruas, na política e nas páginas esportivas, revelando a força aglutinadora desse esporte e sua importância crescente na promoção da unidade nacional (MACHADO, 2016, p. 2).

Sintomaticamente o regionalismo paulista não se diluiu no intuito de que se criasse uma identidade nacional, mesmo quando o selecionado brasileiro enfrentava outras nações, como foi o caso do Campeonato Sul-Americano de 1919, que foi

disputado no Rio de Janeiro (MACHADO, 2016). Reafirmando a tese de que existe uma linha tênue entre o regionalismo e o nacionalismo, que não pode ser interpretada superficialmente de forma a entender que exista uma simples justaposição de um pelo outro. A relação entre regionalismo e nacionalismo se deu de forma dinâmica ao longo das primeiras décadas do século XX, e foi de fato influenciada não somente pela esfera política, mas também pela esfera cultural. Mesmo tendo se manifestado através do futebol já no início do século XX, o regionalismo não desapareceria tão cedo das crônicas esportivas, sendo que ainda pautou embates até a virada do milênio, como foi o caso das discussões que se sucederam devido aos vários títulos conquistados pelo Grêmio durante a década de 1990, onde existiu claramente um atrito entre o regionalismo gaúcho e o que era compreendido enquanto o estilo do futebol brasileiro (DAMO, 1999).

A construção de uma identidade nacional orquestrada por uma elite intelectual encontraria sua gênese a partir da falência institucional da Primeira República, intelectuais nacionalistas autoritários como Azevedo Amaral, Francisco Campos e Oliveira Viana deram respaldo ao caminho de Getúlio Vargas rumo à constituição de uma ditadura no país. Estes intelectuais se alinharam ao Estado Novo principalmente devido suas características antidemocráticas, acreditavam que o povo brasileiro não tinha condições de decidir seu próprio destino a partir da democracia representativa, e viam no liberalismo o pior dos males. “A República viria arrasar a obra ainda inconclusa da construção nacional, ao trocar o realismo político, que tinha em conta a natureza de nossa formação, pelo exotismo do modelo liberal (FAUSTO. 2001, p. 34)”. Sendo assim, o povo precisaria ser guiado rumo ao futuro, e de certa forma a ditadura de Vargas foi justificada por vários argumentos, dentre eles de que seria o único caminho para uma industrialização em larga escala, até então sem precedentes no país. As ideologias nacionalistas autoritárias ressoariam em diversos meios alcançando diferentes âmbitos sociais:

O Estado Novo representou o apogeu dos ideólogos autoritários que constituíram um grupo amplo, não redutível a suas principais estrelas. Eles estiveram presentes nos campos mais diversos, da economia à cultura, e tiveram canais de expressão em jornais e revistas controlados ou censurados pelo governo (FAUSTO. 2001, p. 67).

A partir da década de 1930 o esporte se configurou como um importante veículo de construção da brasilidade através da cultura, e diferente de como ocorreu

nas primeiras disputas futebolísticas internacionais no país, as chuteiras não seriam um “expoente da identidade nacional” de forma espontânea. Havia uma intencionalidade em utilizar o desporto como um meio eugênico de purificação da raça brasileira, que teve sua matriz ideológica no pensamento nacionalista autoritário gestado a partir da década de 1920 e concretizado com a ascensão do Estado Novo. Alguns paralelos podem ser traçados entre o que ocorreu na Alemanha Nazista e a forma como o Estado Novo se apropriou da instituição esportiva:

As semelhanças entre as concepções político-sociais do esporte endossadas pelos Estados varguista e nazista fizeram com que os arcabouços legais e institucionais relacionados à prática e à assistência esportiva nesses países se aproximassem consideravelmente. Um dos primeiros pontos que mais se destacam nesse sentido trata-se do estímulo à prática esportiva, sobretudo para estudantes e trabalhadores, concebendo-a como uma ferramenta política para integrar os indivíduos ao projeto nacional, como também para “militarizar” e “moralizar” os corpos como forma de aprimorar a “raça” – ariana, no caso alemão, e nacional, no caso brasileiro –, preparando-os para o trabalho e para servir à nação. Assim, a militarização do corpo, higienizado, “aprimorado” e “fortalecido” contribuiria para transformar e unificar o próprio “corpo social” (LAGE; CORNELSEN, 2016, p. 280-281).

Em um contexto onde o Estado Novo buscava a centralização nacional, o esporte universitário se configurou como um importante veículo de afirmação desta identidade, sendo um expoente da raça brasileira, por representar o que havia de mais avançado em um país que se pretendia moderno em vias de um grande processo de desenvolvimento industrial em larga escala. Todavia, assim como será apresentado a seguir, o regionalismo não deixaria de se manifestar nas pugnas universitárias, e a linha tênue entre as identidades regionais e a construção da brasilidade esteve presente nos discursos que constituíram sua história.

4.1 – Os Filhos da Nação

A partir da década de 1930 com a criação das primeiras federações no Rio de Janeiro e São Paulo, o esporte universitário foi um dos fenômenos mais relevantes no meio acadêmico naquele período. Norteados pelo ideal de progresso e modernidade e preocupados em seguir o “bom exemplo” das universidades Europeias, os acadêmicos brasileiros incitaram um processo de alargamento da

prática esportiva dentro das universidades e escolas superiores do país¹²¹. Em larga medida, o desporto acadêmico foi veículo de afirmação de identidades de classe, discursos regionalistas, assim como espaço que abrigou a retórica sobre a elaboração de um ideário de nação e patriotismo, buscando criar a imagem de um Brasil unido e coeso, sendo que os estudantes universitários representavam vanguarda deste processo civilizatório. Com relação à afirmação de identidades regionais, podemos observar em uma matéria publicada no Diário de Pernambuco, a forma como a mídia enaltecia os universitários e a importância que representavam para o cenário esportivo do estado:

O próximo domingo, 21 de outubro, marcará a efetivação de mais um passo gigantesco do atletismo pernambucano, no sentido do seu definitivo triunfo. A nossa atividade no esporte-base vem sendo de há dois anos a esta parte assinalada por um progresso rápido e seguro, índice da segura orientação que lhe vem sendo impressa. Entre os animadores das modalidades clássicas do esporte entre nós, os Centros Atlético das nossas Escolas Superiores ocupam um lugar de inequívoco destaque. Contribuindo com apreciável contingente de atletas militantes para a movimentação do nosso atletismo, aquelas agremiações estudantinas cooperam para dar ao nosso esporte uma orientação caracteristicamente científica e racional. Científica na constante preocupação da melhoria do estilo, na busca infalível da “perfeição mecânica do gesto” Racional na subordinação desta preocupação de caráter técnico, aos princípios ditados pela fisiologia e pela higiene esportivas que estão orientando o nosso atletismo no sentido do benefício sócio-individual. É uma das etapas deste movimento renovador que o público vai assistir no próximo dia 21 no estádio da Escola de Aprendizes Marinheiros. Os universitários pernambucanos contam com o incentivo de todos aqueles que sabem compreender a grande significação estética, social e moral da competição que vão levar a efeito no próximo domingo¹²².

A mídia impressa cumpriu um papel fundamental para o desenvolvimento do esporte universitário¹²³, assim como para sustentar os discursos que eram basilares para o seu status enquanto eixo norteador de uma juventude saudável, disciplinada e guiada pelos princípios do progresso. O discurso regionalista não aparece desvinculado das questões higiênicas que estavam no seio das preocupações acerca do aprimoramento da raça brasileira durante as primeiras décadas do século XX¹²⁴. Não somente em Pernambuco, mas em outras regiões do país, os

¹²¹ O ESPORTE Universitário. **Correio do Paraná**, Curitiba, 11 set. 1933, p. 6.

¹²² ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14 out. 1934, p. 12.

¹²³ Em 1939 a Federação Atlética de Estudantes do Rio de Janeiro chegou a oferecer um “cock-tail” para agradecer aos representantes da imprensa carioca que muito contribuíram para o desenvolvimento do esporte universitário na capital do país. Ver: Festas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jun. 1939, p. 12.

¹²⁴ Para maior aprofundamento ver: Linhales (2006).

universitários eram eleitos como exemplo da nação, seriam eles os representantes do que havia de mais avançado no país, e pra este ponto, precisaria convergir a juventude brasileira.

O esporte universitário desde o início de sua sistematização na década de 1930, contou com os auspícios do Estado, seja pelos interventores federais ou por outras esferas do poder público, como no caso de Pernambuco, a realização do certame atlético, só obteve êxito devido ao apoio da Marinha:

O Comitê Organizador do 2º Campeonato Acadêmico de Atletismo, convidou o sr. comandante Haroldo Cox, da Escola de Aprendizes Marinheiros, para árbitro geral da competição máxima universitária. Coroando a serie de gestos de proteção e benemerência para com o nosso esporte universitário, o ilustre marinheiro resolveu aceitar o encargo. Tem assim os nossos acadêmicos, garantido o êxito da parte administrativa e disciplinar da sua competição atlética. E o comandante Cox, terá mais esta oportunidade de prestar um relevante serviço a causa do atletismo pernambucano¹²⁵.

A forma como o poder público dos estados dava apoio aos acadêmicos no sentido de incentivar o esporte universitário, não se configurou como uma política de governo, mas sim como uma forma de paternalismo, visto que o desporto acadêmico, mesmo na Federação Universitária Paulista de Esportes, não possuía nenhuma vinculação direta com o Estado, sendo assim não havia distribuição de renda para estas entidades, a F.U.P.E. por exemplo, organizava bailes e festas para arrecadar fundos para continuar exercendo sua função como promotora do esporte universitário Paulista:

Dizem que dançar é fazer esporte. A dança é um esporte elegante, de uma ginástica rítmica e complicada. Compreendendo isso, formou-se o departamento social da Federação Universitária Paulista de Esportes, cujo fito é fortificar a caixa “forte” dos esportistas universitários. Como todos sabem, o esporte universitário não conta com o menor apoio financeiro para se manter em condições dignas de representar S. Paulo. E dai, serem estas festas universitárias apoiadas por todos aqueles que querem ver os esportistas da Universidade Paulista num plano elevado¹²⁶.

O apoio das entidades oficiais, principalmente antes da fundação da Confederação Universitária Brasileira de Esportes em 1939¹²⁷, pode ser em larga medida, atribuído ao discurso regionalista que estava em voga nos estados que

¹²⁵ ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 out. 1934, pg .2.

¹²⁶ BAILE Universitário Carnavalesco. **Correio Paulistano**, São Paulo, 22 jan. 1936, p. 4.

¹²⁷ VÁRIAS Notícias. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 set. 1939, p. 12.

participavam do circuito nacional do esporte universitário¹²⁸. Sintomaticamente, os interventores federais e outros atores que tinham relação com o Estado, foram fundamentais para que as competições universitárias lograssem êxito. Além do já citado apoio da mídia, que através de uma retórica que buscava valorizar o desporto acadêmico, contribuiu para a afirmação de que ele seria um meio eficaz de constituir uma classe estudantil apta para tomar as rédeas da nação. Para realizar a Primeira Olimpíada Universitária Brasileira, a Federação Universitária Paulista de Esportes contou com o apoio do governo:

Cremos vitoriosa a ideia. Resta prática o mais difícil, Isto é, o esforço dos acadêmicos Paulistas que, em tudo o que se tem a fazer, se saem bem. Tudo pra tirar apenas de um auxílio: Governo do Estado. E não se amedrontem, porém, os poderes estabelecidos. A “fachada” será pequena, o suficiente para promover um fato que nunca se deu em São Paulo: em uma semana, Paulistas, Cariocas, Gaúchos, Paranaense, Mineiros, Pernambucanos e talvez outros numa camaradagem que só Esporte permite¹²⁹.

Este certame, que segundo o cronista havia sido um “fato virgem em toda América do Sul”¹³⁰, foi fundamental para que se constituísse no país um circuito universitário de esportes. Quando os selecionados universitários de diferentes estados se enfrentavam, o discurso regionalista dava a tônica ao ocorrido: “Uma das equipes que irão enfrentar o potente “five” Capixaba, é a do C.A.F.M.¹³¹ que tornará sobre os ombros o encargo de defender o nome esportivo acadêmico de Pernambuco.”¹³². Lima (2015), ao estudar a participação do estado de Pernambuco no Campeonato Brasileiro de Seleções em 1923, destaca que havia no esporte um espaço privilegiado para o fortalecimento de identidades regionais, segundo o autor:

Muitas vezes esse sentimento é exposto em matérias relacionadas ao futebol, seja exaltando uma vitória da seleção pernambucana ou de times pernambucanos contra times de fora do estado ou minimizando situações de jogo ou atitudes do adversário pela derrota. Como, por exemplo, acusar o adversário de utilizar jogadores profissionais ou as condições do campo de jogo, ou até mesmo reconhecer a derrota e exaltar a maneira de

¹²⁸ Ao utilizar a expressão “circuito nacional do esporte universitário”, me refiro principalmente à sistematização dos jogos interestaduais que se consolidaram oficialmente a partir da Primeira Olimpíada Universitária em 1935, realizada em São Paulo e organizada pela F.U.P.E. ver: A 1ª Olympiada Universitária Será realizada em fins de Abril próximo. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 12 dez. 1934, p. 4.

¹²⁹ *Idem*.

¹³⁰ *Ibidem*.

¹³¹ Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina.

¹³² ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 jul. 1934, p. 10.

reconhecer a derrota como algo tipicamente pernambucano (LIMA, 2015, pg. 2).

Notadamente em Pernambuco havia uma preocupação em defender o que seria o “nome esportivo” do estado, algo que ocorreu desde as primeiras décadas do século XX, e que seria reverberado no esporte universitário a partir da década de 1930. A mídia paranaense ao relatar a participação do selecionado do estado na Primeira Olimpíada Universitária Brasileira em 1935, deixa claro o tom regionalista dado ao relato:

Dentre os concorrentes, o Paraná, sem duvida alguma, é dos mais categorizados a uma classificação condizente aos seus méritos. Competiremos em futebol, bola ao cesto, atletismo e tênis, e em todas essas modalidades de esporte apresentaremos gente de fibra. O quadro futebolístico vai integrado por exímios manejadores da pelota, alguns dos quais, por diversas vezes, tem figurado na seleção paranaense com destacada atuação. Todos fazem parte dos “esquadrões” pertencentes à Divisão Principal da Federação. Em atletismo seremos representados por elementos de real valor e assim em todas as competições. Os embaixadores do esporte universitário paranaense, partem levando os votos sinceros de todos nós, por um brilhante desempenho da missão elevada de que, sob todos os aspectos, estão investidos¹³³.

Ao se referir à “seleção paranaense” o cronista diz respeito à seleção que representava o estado no Campeonato Brasileiro de Futebol. Durante a década de 1930 este campeonato era realizado com um selecionado constituído pelos melhores jogadores de cada estado, naquele contexto o pertencimento regional estava acima do clubístico¹³⁴, o regionalismo era um fator de construção de identidades, onde os universitários eram acima de tudo, responsáveis por defender a tradição esportiva de suas respectivas regiões. Ao relatar os resultados da Primeira Olimpíada Universitária, os paranaenses se sentiram orgulhosos por terem alcançado o terceiro lugar na classificação geral:

Em 1935, sob os auspícios da Federação Universitária Paulista de Esportes, realizou-se em São Paulo, a 1ª Olympiada Universitaria Brasileira. Nessa ocasião, compareceram cerca de 800 universitários do Rio de Janeiro, Estado do Rio, Rio grande do Sul, Minas Gerais, Paraná e Pernambuco. A turma paranaense salientou-se sobremaneira nesta Olympiada, levantando brilhantemente o 3º lugar. Chefiada por Benoni

¹³³ A PRIMEIRA olympiada universitaria brasileira. **O Dia Esportivo**, Curitiba, 25 abr. 1935, p. 5.

¹³⁴ Para um maior aprofundamento sobre Pertencimento Clubístico ver: Paixão Partilhada e Participativa – o caso do futebol, Damo 2012.

Laurin do Ribas, a turma do Paraná, soube erguer bem alto o nosso pavilhão esportivo¹³⁵.

Ao realizarem os primeiros jogos universitários das Alterosas em 1938, os mineiros destacaram a importância que o certame representara para o cenário nacional do esporte universitário, além de demonstrar a projeção do estado no que diz respeito ao desporto acadêmico:

Noticiando com devido destaque a próxima visita desses esportistas universitários, o “Diário da Tarde”, desta capital, acentua que quando a Federação Universitária Mineira de Esportes idealizou a realização dos Primeiros Jogos Universitários de Minas Gerais, não poderia supor, nem de leve, que eles fossem ter a repercussão que, desde já se esboça. A Fume tinha a certeza de que esses lograriam o mais completo êxito mas, nunca, que seriam disputados por 22 escolas superiores do país, representando três Estados e o Distrito Federal. É um fato raro que merece especial registro, pois vem atestar de forma eloquente, a projeção que tem nos meios acadêmicos-esportivos do país a novel entidade universitária de nosso Estado. Nunca em nosso país se realizaram jogos universitários tão concorridos como serão os da segunda quinzena de julho nesta capital. A 1ª Olympiada Universitária Nacional foi disputada por seleções estaduais e não por escolas. Portanto, os Primeiros Jogos Universitários de Minas Gerais representam o maior acontecimento do esporte acadêmico até hoje registrado no Brasil e dificilmente serão igualados por outra competição congênere futura¹³⁶.

Estes jogos aconteceram como parte comemorativa da Exposição Nacional de Pecuária que foi sediada em Belo Horizonte em julho de 1938¹³⁷. Os acadêmicos de São Paulo eram considerados hóspedes oficiais do governador mineiro Benedicto Valladares, porém não dispunham de verba para ir à capital mineira participar dos jogos, a solução foi recorrer ao secretário da agricultura do estado de São Paulo, visto que segundo o argumento dos estudantes, o evento fazia parte de sua “pasta”, sendo que se tratava de uma exposição de pecuária, dessa forma “O dr. Mariano Wendel externou aos atletas universitários paulistas, sua confiança nas lutas que irão encetar frente aos fortes adversários de outros estados”¹³⁸. Ao nos referirmos sobre o aspecto personalista no tocante à intervenção governamental nos torneios universitários, não contrariamos a tese de que o desporto acadêmico tenha sido em larga medida financiado pelo poder público, porém este financiamento acontecia

¹³⁵ PEDRITO. **Correio do Paraná**, Curitiba, 18 ago. 1939, p. 5.

¹³⁶ VINTE e duas escolas superiores participarão dos jogos universitários de Minas Geraes. **Correio Paulistano**, São Paulo, 9 jul. 1938, p. 10.

¹³⁷ *Idem*.

¹³⁸ SOB o patrocínio do Secretário da Agricultura, o esporte universitário paulista será representado nos jogos de Minas Geraes. **Correio Paulistano**, São Paulo, 6 jul. 1938, p. 8

paulatinamente por meio de solicitações feitas pelos próprios estudantes. Podemos perceber a proximidade que os estudantes possuíam do poder público e que de fato eram dotados de prestígio por representarem um exemplo para a juventude brasileira:

O certame da Fume foi oficializado pelo governo estadual, Este gesto dos nossos homens públicos é digno de elogios e representa a compreensão que já vem demonstrando o alcance social do esporte universitário, que é tratado em todos os países com o maior desvelo e que tem decidido o apoio dos governos das nações civilizadas¹³⁹.

Os acadêmicos Bandeirantes, por diversas vezes foram colocados e também se posicionavam como os paladinos do esporte universitário brasileiro. De acordo com a mídia paulista eles teriam sido os principais responsáveis pela fundação da Confederação Universitária Brasileira de Esportes, entidade que a partir de 1939 teria o encargo de congregar todas as federações universitárias esportivas do país¹⁴⁰. Neste mesmo sentido, ao discutir onde seria sediada a entidade:

Um dos pontos mais melindrosos era a localização da sede da cube. Argumentava um grupo que deveria ser no Distrito Federal, considerado o centro de irradiação de todas as atividades do território; outro grupo, do qual fazíamos parte, considerava que deveria instalar-se em S. Paulo, porque aqui nasceu a primeira federação esportiva universitária. Demais, contamos com gente mais apta e organizada para arcar com as responsabilidades futuras. Venceu a razão, e por unanimidade de votos foi escolhida a nossa capital por sede da novel Confederação. Desde o momento que os colegas do Distrito Federal façam júz a esta deferência estaremos dispostos a promovê-la. No tocante a esta instalação, não podemos deixar de mencionar o apoio dado pelo sr. Interventor Federal, quer no sentido moral como material. Estamos confortavelmente alojados em nova sede, onde serão recebidos todos os estudantes do Brasil, que nos visitem¹⁴¹.

De fato, além de organizar a primeira Olimpíada Universitária Brasileira em 1935, os paulistas através da F.U.P.E., foram os responsáveis pela relatoria do projeto da fundação da C.U.B.E.¹⁴². Porém, isto não quer dizer que outras regiões do país não tenham tido uma participação relevante no desenvolvimento do esporte universitário nacional, mesmo antes da fundação da entidade paulista, como é o

¹³⁹ VINTE e duas escolas superiores participarão dos jogos universitários de Minas Geraes. **Correio Paulistano**, São Paulo, 9 jul. 1938, p. 10.

¹⁴⁰ UMA aspiração esportiva dos universitários brasileiros. **Correio Paulistano**, São Paulo, 27 ago. 1938, p. 15.

¹⁴¹ "O tão decantado espirito universitario só pôde baserar-se nesta convivencia". **Correio Paulistano**, São Paulo, 10 nov. 1939, p. 10.

¹⁴² UMA aspiração esportiva dos universitários brasileiros. **Correio Paulistano**, São Paulo, 27 ago. 1938, p. 15.

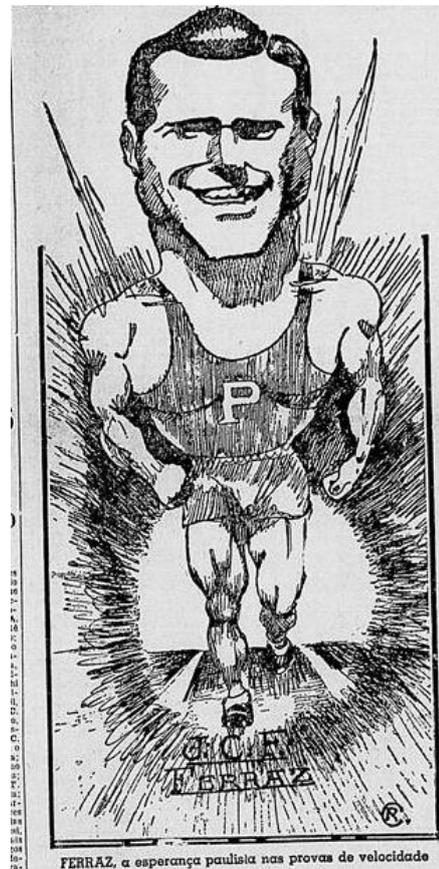
caso de Pernambuco, que em 1933 organizou um dos primeiros campeonatos universitários de atletismo do país¹⁴³. O que se pode afirmar é que a Federação Universitária Paulista de Esportes foi em larga medida responsável pela organização de um circuito esportivo universitário nacional a partir da década de 1930. Sintomaticamente ao discutir onde seria realizada a 2ª Olimpíada Universitária:

Que a Bahia rejeitasse a lembrança da F.U.P.E., em fazer a II Olimpíada Universitária em S. Salvador, é cabível, pois não contando com praça de esportes à altura de tão importante certame, viu-se impotente a assumir um compromisso, que caso fosse aceito, redundaria em um provável fracasso. Foi lembrada, então, uma cidade de Minas Gerais, tendo a F.U.P.E. enviado cartas e telegramas dando ciência de tal decisão. Mas estes até o momento nada resolveram, e segundo nos informaram, a resposta foi também negativa. Foi feito, então, idêntico convite aos cariocas, pois praças esportivas possuem em quantidade e ótimos aparelhos técnicos. Mas, de que vale belas pistas, estádios aproveitáveis, se falta o principal: a organização? E novamente, teremos em nossa capital os Jogos Olímpicos Universitários. Se, de um lado, sentimo-nos satisfeitos e mesmo orgulhosos de nossa soberba organização esportiva, de outro lado, tristes com a realidade do esporte em nossa terra, onde impera a falta de ordem e de valores, para organizar sem receio de fracasso uma competição de vulto, que pela ordem, não deveria ser efetuada novamente em nossa capital¹⁴⁴.

¹⁴³ ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 8 jul. 1934, p. 7.

¹⁴⁴ ESPORTE Universitário. **O Estado**, Curitiba, 24 abr. 1937, p. 5.

Figura 3 – Acadêmico paulista retratado nas páginas dos jornais



Fonte: Correio Paulistano, São Paulo, 07 abr. 1940, p. 14-15.

Assim como afirmamos anteriormente, a relação entre o regionalismo e o nacionalismo se deu de forma paradoxal nos meios esportivos, não houve como era esperado pelo Estado uma simples justaposição de um pelo outro, o regionalismo deixaria suas marcas no esporte mesmo na contemporaneidade. O que podemos afirmar é que paulatinamente houve um processo de centralização por parte do Regime, em busca de controlar os atritos regionais que teriam sido mote central de levantes contra o *status quo* imposto pelo Governo Provisório e posteriormente pelo Estado Novo. Por conseguinte, agentes do Governo e correligionários de Vargas utilizaram os jornais de maior circulação do país, para promover a retórica de que o esporte universitário era de fato um amplexo fraternal da juventude brasileira. E os paulistas por representaram o maior polo econômico do país naquele contexto precisariam se alinhar à retórica nacionalista que se intensificou sobremaneira a partir da deflagração do golpe de estado em 1937 (PANDOLFI; GRYNSZPAN, 1997). Sintomaticamente o discurso nas páginas dos jornais a partir de 1940,

mesmo dos periódicos paulistas, passou a exaltar o desporto estudantil enquanto um meio para se atingir o conagraçamento da juventude do país, ao fim da Segunda Olimpíada Universitária Brasileira:

Aos visitantes foram dispensadas as mais carinhosas atenções por parte de seus colegas bandeirantes. E estes por sua vez foram alvos de várias homenagens prestadas pelas delegações presentes. E o poder de brasilidade cresce, nas pelejas esportivas, da nossa juventude universitária¹⁴⁵.

Talvez o momento mais icônico com relação ao processo de centralização nacional por parte do Estado Novo, tenha sido a queima das bandeiras estaduais, que ocorreu poucos meses após o golpe de 1937. Vinte e um mastros dispostos em círculo, cada um representando um estado da união, foram hasteados com a bandeira do Brasil, e no centro as bandeiras estaduais foram queimadas ao som do hino nacional, representando a definitiva união do povo brasileiro, estavam presentes na cerimônia crianças e jovens de todas as escolas públicas da Capital Federal. O discurso do Ministro da Justiça, que foi proferido na ocasião, é sintomático para compreendermos a retórica que seria estabelecida pelo Estado Novo a partir daquele momento, no sentido da construção de uma identidade nacional, a busca pela brasilidade e a comunhão da raça brasileira:

Bandeira do Brasil, és hoje a única. Hasteada a esta hora em todo o território nacional, única e só, não há lugar no coração dos brasileiros para outras flamulas, outras bandeiras, outros símbolos. Os brasileiros se reuniram em torno do Brasil e decretaram, desta vez com a determinação de não consentir que a discórdia volte novamente a dividi-lo, que o Brasil é uma só pátria e que não há lugar para outro pensamento que não seja o pensamento do Brasil, nem espaço e devoção para outra bandeira que não seja esta, hoje hasteada por entre as bênçãos da Igreja e a continência das espadas e a veneração do povo e os cantos da juventude. Tu és única, porque só há um Brasil; em torno de ti se refaz de novo a unidade do Brasil, a unidade de pensamento e de ação, a unidade que se conquista pela vontade que somente pode reinar quando se instaura pelas decisões históricas, por entre as discórdias e as inimizades públicas, uma só ordem moral e política, a ordem soberana, feita de força e de ideal, a ordem de um único pensamento e de uma só autoridade, o pensamento e a autoridade do Brasil¹⁴⁶.

¹⁴⁵ COM a mesma solenidade da abertura encerra-se hoje a II Olympiada Universitaria Brasileira. **Correio Paulistano**, São Paulo, 07 de abr. de 1940, p. 14-15.

¹⁴⁶ AS GRANDES Demonstrações Cívicas de Hontem nesta Capital. **Correio Da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 nov. 1937. p. 3.

Figura 4 – Queima das Bandeiras



Fonte: Correio Da Manhã, Rio de Janeiro, 28 de nov. de 1937. p. 3.

A regulamentação do esporte universitário que se deu no início da década de 1940, além de ter sido engendrada para que o Estado Novo aparelhasse a entidade máxima do desporto acadêmico, foi justificada acima de tudo, com o discurso de que ela seria o ponto fulcral para a união da juventude brasileira, algo que seria fundamental para que Vargas exercesse controle sobre a elite intelectual do país, que já havia no passado, se constituído como uma das principais ameaças ao projeto centralizador do Regime (DULLES, 1984). A promulgação do decreto que regulamentou o desporto acadêmico foi em equivalência à queima das bandeiras das federações esportivas acadêmicas estaduais. Não que elas deixariam a partir daquele momento de existir, mas seriam subordinadas à uma confederação controlada pelo Estado Novo. No primeiro capítulo discutimos detalhadamente os motivos que levaram à regulamentação do esporte universitário, porém nosso foco aqui é acima de tudo demonstrar como a retórica nacionalista constituiu o principal argumento para que o decreto fosse assinado pelo Presidente:

Nos últimos anos a mocidade acadêmica patrícia, não desmerecendo as tradições dos seus antepassados nos movimentos pró-fortaleza da raça, dedicou-se ao culto desportivo. Em todos os Estados da Federação os nossos jovens patrícios com o ardor próprio da idade irrequieta e emprehedora (sic.), organizaram certames sempre coroados de êxito. [...] Como resultados magníficos, no terreno puramente esportivo, tivemos superados alguns recordes nacionais, em mais de um ramo de esporte; e como demonstração eloquente de fraternidade entre filhos da mesma pátria, vimos irmanados, sob os impulsos dos mesmos sentimentos de brasilidade, os futuros dirigentes do nosso país. O governo Federal prestigiou àqueles certames, como o mesmo carinho que o presidente Getúlio Vargas, dedica sempre às causas que concorrem para assegurar a grandeza da nacionalidade¹⁴⁷.

O discurso eugênico ganharia ainda mais força com a consolidação das instituições do Estado Novo. O desporto estudantil significava acima de tudo um espaço para que os jovens do Brasil se preparassem para defender a pátria, seja nas peleias esportivas ou em cargos importantes no Governo:

O esporte universitário reconhecido oficialmente pelo governo federal passará a ter no currículo acadêmico o seu lugar de destaque, lugar que já conquistou em todos os países em que a educação é alguma coisa de real e de vivo. Estão, pois de parabéns os esportes nacionais, os estudantes brasileiros, a educação brasileira. Os benefícios que advirão para a nossa mocidade serão inúmeros. Breve teremos a mocidade brasileira esportivamente educada, partindo para vida com um cabedal magnífico de saúde que o esporte sempre enseja, quando cientificamente praticado, e portadora também de um caráter forte, formado no sadio ambiente das canchas esportivas. Praticando o esporte a mocidade acadêmica do Brasil está se defendendo e defendendo o Brasil ao mesmo tempo¹⁴⁸.

De fato os universitários eram os futuros líderes do país, e a partir disso era fundamental que estivessem em consonância com o Estado, algo que não aconteceu da forma como foi planejada pelos intelectuais de Vargas, podemos utilizar como exemplo a Passeata do Silencio que ocorreu em 1943, dentre várias outras manifestações estudantis ao longo da primeira metade da década de 1940 (LOPES, 2004). Afirmando acima de tudo, que os acadêmicos brasileiros não se renderam com a derrota da Revolução Constitucionalista em 1932, orquestrada sob os arcos da Faculdade do Largo de São Francisco.

Dessa forma, há uma distância entre o que se pretende e o que se alcança, tratando-se das teleologias dos regimes autoritários brasileiros, podemos citar como

¹⁴⁷ A MOCIDADE Universitária e sua nova organização esportiva. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 19 de set. 1941, p. 14.

¹⁴⁸ COMENTÁRIOS. **O Dia Esportivo**, Curitiba, 01 out. 1941, p. 2.

exemplo a educação física escolar durante a Ditadura Militar no Brasil, que foi aparelhada pelos militares com discursos que tangenciavam a retórica utilizada pelos intelectuais do Estado Novo, vendo no esporte uma ferramenta para “adestrar” a juventude. Todavia, assim como nos aponta o estudo de Marcus Aurélio Taborda, os professores de educação física mantiveram ao longo da Ditadura Militar um processo de resistência aos ditames arbitrários do Estado em seu cotidiano, a despeito das intencionalidades do Regime (OLIVEIRA, 2004).

A Utilização do esporte universitário como um meio para a centralização da juventude acadêmica através de uma retórica nacionalista foi de fato assimilada por representantes importantes da classe estudantil¹⁴⁹, caracterizando a efetividade do aparelhamento do desporto acadêmico por parte do Estado Novo. Porém, não podemos afirmar que o esporte universitário tenha suprimido o anseio dos acadêmicos brasileiros na luta pela democracia, que se intensificaria sobremaneira a partir da década de 1940. Utilizar o desporto acadêmico como uma janela interpretativa para compreendermos melhor a dinâmica entre o regionalismo e o nacionalismo durante o Estado Novo, nos permitiu compreender nuances fundamentais relacionadas à tenuidade entre estes dois fenômenos, que por vezes são tratados na historiografia dentro de uma lógica pautada na ruptura histórica, onde um começa onde o outro termina, de fato assim como no futebol, o regionalismo não deixaria de se manifestar nas pugnas universitárias após o Golpe de Estado de 1937, afirmando mais uma vez que entre a intencionalidade do Estado Novo e o que realmente se concretizou, existe uma distância que não pode ser tratada como algo trivial. De fato, a partir do final da década de 1930 o regionalismo paulatinamente vai perdendo espaço nas páginas dos jornais, obviamente influenciado pelo projeto que estava em curso desde a Revolução de 1930 pautado na centralização do país, porém a queima das bandeiras que ocorreu em 1937 não foi capaz de incinerar as identidades regionais. Paradoxalmente, ao menos no caso do esporte universitário, este mesmo período seria o de maior disputa regional entre os estados.

¹⁴⁹ A OFICIALIZAÇÃO dos Esportes Universitários. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 set. 1941, p. 12.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sempre um desafio concluir um trabalho acadêmico devido sua própria natureza, que instiga a antítese e nos leva a buscar caminhos até então não percorridos. Todavia é necessário estabelecer limites para que possamos de fato alçar voos possíveis. Trabalhar com a imprensa escrita sob o julgo do autoritarismo nos fez perceber que por detrás das fontes existem as pistas que podem nos levar a uma versão que diverge daquela interessada, escrita por quem pretendia, ou por aqueles que foram coagidos a publicar a versão oficial dos acontecimentos. Nas palavras de Chalhoub (1990, p. 17):

Os fatos nunca estiveram lá, de tocaia, prontos para tomar de assalto as páginas dos historiadores; foi preciso investigar seus rastros – os documentos – e construí-los a partir dos interesses específicos de cada autor e da imaginação controlada característica da disciplina histórica.

Portanto uma inspiração importante para este trabalho, que não podemos deixar de citar é o Paradigma Indiciário de Ginzburg (1998), que nos permitiu olhar para além do que estava nas páginas dos jornais, construindo a partir dos indícios uma representação do passado. O fato de não ter sido citado na metodologia, repousa na concepção de que não tínhamos intenção de elaborar uma pesquisa engessada em um quadro teórico apriorístico, no intuito de evitar uma “sobredeterminação pela teoria e subdeterminação pelo fato” parafraseando Jeffrey Alexander (1987), dessa forma, deixamos com que o desenrolar da pesquisa desse o tom às concepções teóricas. Além do mais, não podemos esquecer que todo o historiador trabalha a partir de um tempo histórico, que carrega consigo valores e perspectivas próprias de sua temporalidade, por conseguinte, o que apresentamos ao longo do trabalho foi uma representação do passado a partir de problematizações vigentes, “Em termos muito genéricos, diz-se, amiúde, que toda a historiografia é história contemporânea, não por ter como objecto o «tempo presente», mas devido à circunstância de ser o «presente» o foco das retrospectivas (CATROGA, 2010, p. 39)”.

Não foi nossa intenção fazer uma discussão exaustiva acerca da relação entre a teoria e a história, até porque nosso objetivo foi encontrar ao longo do texto, um ponto de equilíbrio que pudesse balizar o processo de construção da pesquisa.

Todavia entendemos que é importante ressaltar qual a perspectiva que utilizamos para compreender esta relação. As palavras Peter Burke foram fundamentais para nos apontar um caminho que pudéssemos trilhar entre as fontes primárias e as questões epistemológicas ao longo do trabalho, utilizando o exemplo de um dos fundadores da ciência moderna o autor aponta que:

Em um trecho famoso, Francis Bacon formulou críticas igualmente incisivas aos empiristas, que como formigas, simplesmente coletavam dados, e aos teóricos puros – aranhas cujas teias se originavam de seu próprio interior. Bacon recomendava o exemplo da abelha, que não se limita a procurar matéria prima; também a transforma. A parábola aplica-se tanto à história da pesquisa social e histórica quanto à história das ciências naturais. Sem combinar a história com a teoria, é provável que não consigamos entender nem o passado nem o presente (2002, p. 35).

Sendo assim, por mais que esta perspectiva não se configure como uma metodologia propriamente dita nos revelou uma forma de olhar para a construção historiográfica que supera a dicotomia entre empiristas e teóricos. Dessa forma, a partir destes pressupostos apresentaremos a seguir os resultados que foram alcançados ao longo da pesquisa, visando responder algumas perguntas que foram levantadas no início deste processo e deixando outras em aberto, visto que além de procurar respostas, o trabalho científico tem como prerrogativa o papel de fomentar questionamentos nos instigando ao desconhecido.

A história do esporte universitário no Brasil nos mostra acima de tudo, que o protagonismo estudantil representou no país uma contribuição fundamental no que tange ao desenvolvimento cultural e político em diversas instituições, principalmente as que tiveram a sua frente, acadêmicos abnegados responsáveis pelo sua consolidação, assim como foi a maior entidade de representação estudantil da América Latina, a União Nacional dos Estudantes e as Federações Atléticas Acadêmicas constituídas na década de 1930, que foram em larga medida responsáveis pelo alargamento da prática esportiva nas universidades do país.

O associativismo estudantil foi um fator fundamental para compreendermos quais foram as variáveis responsáveis pelo desenvolvimento do esporte universitário no Brasil. A partir da década de 1930, mais precisamente em 1933, acadêmicos do Rio de Janeiro e São Paulo se organizariam para acompanhar o que era uma tendência das principais potências econômicas mundiais, por conseguinte, uma organização esportiva universitária significava um passo rumo à modernidade. As federações universitárias iniciaram promovendo pequenos certames entre os centros

acadêmicos e grêmios das universidades dentro dos estados, até consolidar o que chamamos neste trabalho de Circuito Nacional do Esporte Universitário, inaugurado com a realização da Primeira Olimpíada Universitária Brasileira em 1935, que congregou vários universitários brasileiros nas praças esportivas da Paulicéia.

As federações desportivas acadêmicas não dispunham de verbas para a manutenção do seu funcionamento, portanto, organizavam eventos para arrecadar fundos a partir dos auspícios das elites locais, que viam nos atletas universitários um modelo a ser seguido. Desde o início da sistematização do esporte universitário no país, o Estado patrocinou grande parte dos certames que eram organizados pelos acadêmicos, porque de fato as teleologias dos correligionários de Vargas coadunavam com a consolidação de uma juventude atlética, firmada nos princípios puros do esporte, a partir de uma perspectiva eugênica de aprimoramento da raça brasileira.

A partir do final da década de 1930 e o início dos anos de 1940, o Estado Novo se aproximaria cada vez mais de um aparelhamento da entidade esportiva universitária, dessa forma, com a promulgação do Decreto-lei nº 3.617, de 15 de setembro de 1941, que instituiu a Confederação Brasileira dos Desportos Universitários, o regime autoritário de Vargas tomaria o controle absoluto da instituição acadêmica, sendo que até mesmo seu estatuto, seria aprovado a partir de decretos do próprio presidente¹⁵⁰. Tomando como base as fontes analisadas podemos observar que o ato de oficialização do esporte universitário, foi algo não somente desejado por parte dos estudantes, mas seria a concretização do destino sacral do desporto acadêmico, como se todos os esforços desde o início da década de 1930 tivessem sido empreendidos em prol do dia em que Getúlio Vargas assinaria o decreto presidencial. Nenhuma das fontes aponta algum tipo de movimentação contrária a este processo, mas como diria Carl Sagan, a ausência de evidência não é evidência de ausência, portando em um contexto onde a imprensa sofria censura direta do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado, o fato de não observarmos manifestações contrárias não significa que elas não existiam principalmente se levarmos em conta a obra de John Dulles (1984) que traça um quadro bem divergente da relação entre os estudantes universitários e o Estado entre os anos de 1938 e 1945, em que diversas vezes os acadêmicos da maior

¹⁵⁰ De acordo com o Art. 3º do Decreto-lei nº 3.617, de 15 de Setembro de 1941.

universidade do país confrontaram abertamente a arbitrariedade de Vargas, sintomaticamente, no mesmo mês em que o decreto foi assinado, em setembro de 1941, os estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo fizeram greve para que o Presidente Vargas não recebesse o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de São Paulo.

A União Nacional dos Estudantes (UNE) cumpriu um papel fundamental no que tange ao fomento do esporte universitário no país. Ao longo de todas as edições do Conselho Nacional de Estudantes, o desporto acadêmico esteve entre as principais pautas do congresso, mostrando de fato que havia um envolvimento político do movimento estudantil brasileiro com a pauta esportiva no interior das universidades. A relação entre o Centro Acadêmico XI de Agosto e o esporte universitário foi fundamental para compreendermos a antítese do que era apresentado nas páginas dos maiores periódicos em circulação naquele contexto, os estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo foram responsáveis pela tentativa de depredação da sede da Confederação Brasileira de Desportos Universitários (C.B.D.U.) em 1941, em decorrência das declarações pro-Vargas do estudante José Gomes Talarico, que estava a frente da instituição desde o final da década de 1930. Atestando que existiu uma distância entre as teleologias do Estado e o ímpeto dos estudantes, que não estava presente nas crônicas esportivas, afirmando a necessidade de compreendermos as pistas deixadas nas entrelinhas da história.

O amadorismo foi uma das chaves interpretativas que nos permitiu compreender o *ethos* do esporte universitário. Em um contexto onde as discussões sobre o profissionalismo alcançavam seu ápice, o desporto acadêmico representou um refúgio para os defensores dos valores considerados “puros” do esporte, que buscavam através das páginas dos jornais, elevar os atletas acadêmicos a um patamar de expoente da juventude nacional. Para que possamos ter uma ideia do caráter aristocrático das universidades brasileiras naquele contexto, apenas 1,47% dos homens e mulheres brancas que recebiam algum tipo de instrução escolar no país estavam no ensino superior, ao observarmos a população negra os números são ainda menores, cerca de 0,08%. A partir destes dados podemos perceber que os universitários faziam parte de uma restrita elite econômica e intelectual do país, tornando os ideais do amadorismo típicos do modo cavalheiresco inglês, uma conduta que ia ao encontro daqueles que se pretendiam civilizados. Sendo assim, o

esporte universitário gerava um capital simbólico que distinguia os acadêmicos dos demais atletas que estavam fora do círculo universitário.

Assim como aponta Bourdieu (2004), a carreira esportiva é praticamente excluída das trajetórias dos jovens da burguesia, portanto o esporte universitário não se constituía como um fator de mobilidade social, até porque estes estudantes já se encontravam no topo da pirâmide econômica. O fato do desporto acadêmico não se pretender profissional, contribuiu sobremaneira para que ele fosse praticamente obsoleto fora dos circuitos universitários, fazendo com que não se desenvolvesse um mercado em torno da sua prática, algo que é apontado por vários autores como um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento do fenômeno esportivo. A partir destes indícios, podemos nos questionar se o fato do esporte universitário não ter se profissionalizado, foi o motivo para que ele não se tornasse na contemporaneidade, uma etapa importante no esporte de alto nível. Talvez não sejamos capazes de responder esta pergunta sem uma incursão nas fontes de 1942 até a atualidade, porém acreditamos que levantar questionamentos também é parte do processo de conclusão da pesquisa.

O Estado Novo se apropriou do discurso amador no intuito de utilizar o esporte universitário com um meio de aprimoramento da juventude brasileira através de uma perspectiva eugênica. A pureza do desporto acadêmico representava os valores que eram pretendidos para uma juventude coesa, que estaria apta para defender a nação acima de qualquer interesse individual. Ademais, o amadorismo representava uma defesa contra o liberalismo, algo que era combatido pelos intelectuais correligionários de Vargas, que gestaram a ideia de um estado autoritário desde a década de 1920. Em suma o ideal amador foi parte da concatenação de fatores que compuseram as estratégias de dominação do regime autoritário que se instalou no país na década de 1930.

O esporte universitário foi um importante veículo de afirmação de identidades regionais, assim como na construção de uma identidade nacional, servindo como uma ferramenta para o Estado Novo exercer controle sobre a elite intelectual do país que representava uma ameaça aos seus desígnios. Observar a relação entre o regionalismo e o nacionalismo durante a década de 1930 e 1940 a partir do desporto acadêmico, nos permitiu revelar questões fundamentais para compreendermos a tenuidade entre estes dois fenômenos que são fulcrais para a historiografia do esporte no Brasil.

As identidades regionais não deixariam de fazer parte do fenômeno esportivo, mesmo sendo a construção de uma identidade nacional a principal bandeira do governo de Getúlio Vargas. O regionalismo paulista, assim como foi no futebol, deixaria suas marcas no esporte universitário, sendo que em larga medida foram os responsáveis por sistematizar uma rede de disputas nacional e acima de tudo, na constituição da Confederação Universitária Brasileira de Esportes (C.U.B.E.). Os acadêmicos bandeirantes eram retratados pela imprensa como os paladinos do esporte universitário, e a pauliceia como a sua capital no país. Em 1939 após várias discussões no Congresso Universitário de Esportes, a cidade de São Paulo foi escolhida para ser a sede da confederação que congregaria todas as federações estaduais, dando ainda mais centralidade ao estado, que já se pronunciava como a principal potência esportiva nos meios acadêmicos. Porém como os paulistas representavam uma ameaça ao Presidente Getúlio Vargas, pelo fato do estado ser responsável pela maior parte da produção industrial no Brasil e ter um histórico de enfrentamento ao *status quo* imposto pelo regime, em 1941 a sede seria transferida para o Distrito Federal com a promulgação do decreto que oficializou o esporte universitário, sendo parte de várias outras ações que buscariam o aparelhamento do desporto acadêmico.

Grande parte dos certames estudantis tiveram os auspícios do Estado, principalmente porque representavam um “amplo fraterno” da juventude brasileira. Nos discursos transcritos nas páginas dos jornais, a construção da brasilidade através do desporto foi um ponto fundamental para a intervenção oficial dos membros do governo. O Ministro Gustavo Capanema, o General Newton Cavalcanti, o Presidente da C.B.D. Luiz Aranha, dentre vários outros atores participaram ativamente da instrumentalização do esporte universitário. O principal argumento que sustentou a retórica sobre o papel do esporte estudantil na construção do Estado Novo, foi de que ele era a chave para a aproximação dos universitários brasileiros em torno de uma unidade nacional. Vargas teve sucesso em utilizar o esporte universitário como um veículo de propaganda dos ideais do Estado Novo, mas isso não foi o suficiente para silenciar os universitários brasileiros, que assim como nos mostra o exemplo dos bacharéis em direito da Universidade de São Paulo, a luta pela democracia não teve fim, e provavelmente as pugnas esportivas poderiam ser espaços de articulações políticas contrárias à manutenção do Estado Novo, mas ao se tratar do ofício da escrita da história, existem pegadas,

trilhas e indícios que só podemos conjecturar utilizando nossa imaginação controlada.

Não existem metodologias na história que sejam capazes de neutralizar a relação entre o historiador e seu objeto de investigação, talvez seja este o motivo de que ainda exista um toque de arte na construção historiográfica. Todavia, esta é uma representação a partir de indícios do passado, sobre a história dos homens no tempo, e sobre como jovens universitários ocuparam um papel importante no desenvolvimento do esporte no Brasil e acima de tudo, no enfrentamento da tirania exercida pelo Estado Novo, muitas vezes perdendo sua liberdade em nome da democracia. No imaginário de milhões de brasileiros talvez ainda exista uma visão de que Vargas foi um dos melhores presidentes do país, principalmente para a classe trabalhadora, mas se o século XX nos ensinou algo, é que os regimes totalitários e autoritários nunca foram e nunca serão soluções para os problemas da humanidade.

Não tivemos a pretensão de esgotar o tema acerca da história do esporte universitário no Brasil, muito pelo contrário, este trabalho foi um passo rumo ao desconhecido e como tal, talvez tenha suscitado mais perguntas do que repostas. Nosso objetivo principal foi trazer uma contribuição original à historiografia do esporte no Brasil e fomentar outras pesquisas que consigam trazer novas representações sobre a história destes estudantes, que sem dúvida tiveram um papel fundamental na história do esporte nacional.

REFERÊNCIAS

“COLLEGAS de todo Brasil, S. Paulo vos espera de braços abertos”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 out. 1939, p. 8.

“O TÃO DECANTADO espirito universitario só póde baserar-se nesta convivencia”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 10 nov. 1939, p. 10.

A 1.^a OLYMPIADA Universitária Será realizada em fins de Abril próximo. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 12 dez. 1934, p. 4.

A F.U.P.E irá à Piracicaba. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 23 maio 1935, p. 4.

A FEDERAÇÃO Universitária Paulista esportes homenageia o senhor secretário da Educação. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 25 maio 1935, p. 3.

A MOCIDADE Universitária e sua nova organização esportiva. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 19 set. 1941, p. 14.

A POLÍTICA das Arcadas em plena effervescência. **Correio Paulistano**, São Paulo, 4 set. 1935, p. 12.

A PRIMEIRA olympiada universitaria brasileira. **O Dia Esportivo**, Curitiba, 25 abr. 1935, p. 5.

ALEXANDER, J. O novo movimento teórico. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 2, n. 4, p. 5-28, 1987.

AS ACTIVIDADES do esporte-base. **Correio Paulistano**, São Paulo, 26 maio 1936, p. 8.

AS GRANDES Demonstrações Civicas de Hontem nesta Capital. **Correio Da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 nov. 1937. p. 3.

ASSOCIAÇÃO Athletica Guanabara. **Correio Paulistano**, São Paulo, 24 mar. 1938, p. 16.

ATLETISMO. **Diário de Pernambuco**, Recife, 21 out. 1934, p. 6.

BAILE Universitário Carnavalesco. **Correio Paulistano**, São Paulo, 22 jan. 1936, p. 4.

BURKE, P. A Nova História, Seu Passado e Seu Futuro. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. 354 p.

BURKE, P. **História e Teoria Social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 275 p.

CAMPEONATO Universitário de Football da F.A.E. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 09 set. 1941, p. 3.

CATROGA, F. O valor epistemológico da História da História. Outros combates pela história. Presented at the 2010. Coimbra, 2010. Disponível em: <<https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/31570>>. Acesso em: 29/03/2017

CATROGA, F. Pátria, Nação, Nacionalismo Comunidades imaginadas: nação e nacionalismos em África. presented at the 2008. Coimbra, 2008. Disponível em: <<https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/32138>>. Acesso em: 29/03/2017

CHALHOUB, S. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13-28.

COLLINS, T. Work, rest and play: Recent trends in the history of sport and leisure. **Journal of Contemporary History**, v. 42, n. 2, p. 397-410, 2007.

COM A MESMA solenidade da abertura encerra-se hoje a II Olympiada Universitaria Brasileira. **Correio Paulistano**, São Paulo, 07 abr. 1940, p. 14-15.

COMENTÁRIOS. **O Dia Esportivo**, Curitiba, 01 out. 1941, p. 2.

COMO será resolvida a pendência do campo São Paulo? **Correio de São Paulo**, São Paulo, 26 jun. 1935, p. 5.

CONFEDERAÇÃO Universitária de Esportes. **Correio Paulistano**, São Paulo, 16 jul. 1940, p. 4.

CONJUNTO Desportivo Constâncio Vaz Guimarães – História. Disponível em: <http://www.selj.sp.gov.br/?page_id=987> Acesso em: 27 jun. 2017.

CONSELHO Nacional de Estudantes Primeira reunião desse foi ocorrida ontem a novo órgão. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 ago. 1937, p. 6.

CORBIN, A. (Org.). **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 1995.

DAMO, A. S. **Ah! Eu Sou Gaúcho!:** o nacional e o regional no futebol brasileiro. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1999. p. 87-118.

DAMO, A. S. Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol. História: **Questões & Debates**, Curitiba, n. 57, p. 45-72, jul./dez. 2012.

DE OLIVEIRA, M. A. T. Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 2, 2004.

DE TUDO Um Pouco. **Correio Paulistano**, São Paulo, 21 fev. 1940, p. 8.

DIAS, C. Esportes nos confins da civilização: Mato Grosso, 1920-1930. **Topoi** (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, p. 66-90, Jan. 2017

DIAS, C. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. **Materiales para la Historia del Deporte**, v. x, p. 24-36, 2012.

DIAS, C. Literatura, esportes e regionalismo no Brasil: O Grande Desportista, de Pascoal Toti Filho. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S.l.], v. 26, n. 3, p. 69-86, abr. 2017. ISSN 2317-2096.

DRUMOND, M. O Esporte nos Estados Novos de Salazar e Vargas (1933-1945): um estudo comparado. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. 15 p.

DRUMOND, M. **Estado Novo e esporte:** uma análise comparada dos usos políticos do esporte nos regimes de Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945). 2013. Tese (Doutorado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

DULLES, J. W. F. **A Faculdade de Direito de São Paulo e a resistência anti-Vargas: 1938-1945**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984. 377 p. (Brasil século 20)

DURHAM, E. R. **O Ensino Superior no Brasil: Público e Privado**. NUPES-USP, São Paulo, 2003, 45 p.

ELEITA a nova Diretoria da União Nacional dos Estudantes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 ago. 1939, p. 15.

ELEITA a Nova Diretoria. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 04 out. 1940, p. 6.

ENTRE ESTUDANTES Conselho Nacional de Estudantes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 abr. 1938, p. 10.

ESPORTE Universitário - os últimos Sucessos do Atletismo Acadêmico Brasileiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 19 set. 1934, p. 2

ESPORTE Universitário. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 17 dez. 1935, p. 4.

ESPORTE Universitário. **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 abr. 1936, p. 8.

ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14 out. 1934, p. 12.

ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15 jul. 1934, p. 10

ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 18 out. 1934, p. 2.

ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 jul. 1934, p. 10.

ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 23 out. 1934, p. 6

ESPORTE Universitário. **Diário de Pernambuco**, Recife, 8 jul. 1934, p. 7.

ESPORTE Universitário. **O Estado**, Curitiba, 24 abr. 1937, p. 5.

FAUSTO, B. **O pensamento nacionalista autoritário: (1920-1940)**. [S.l.]: Zahar, 2001.

FAVERO, M. L. A. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006.

FESTAS. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jun. 1939, p. 12.

FOOT Ball. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 ago. 1905, p. 4.

FOOT-Ball. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 5 ago. 1905, p. 4.

FRANZINI, F. Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 95 p.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. [S.l.]: Companhia das Letras, 1986.

HATZIDAKIS, G. Esporte universitário. In: DACOSTA, Lamartine (Org.). Atlas do Esporte No Brasil. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

HOBSBAWM, E. J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 598 p.

III CONGRESSO Universitário Brasileiro de Esportes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 06 nov. 1940, p. 12.

INICIADO o Campeonato de Bola ao Cesto. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 out. 1940, p. 6.

INJUSTAS as acusações feitas à Federação Atlética de Estudantes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 abr. 1940, p. 12.

INSTALA-SE, hoje, o IV Congresso Nacional de Estudantes. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 jul. 1940, p. 3.

INSTALLA-SE, hoje, o Congresso Universitario de Esportes. **Correio Paulistano**, São Paulo, 29 set. 1939, p. 8.

KANITZ, R. **Villa Nova Athletic Club**: futebol operário e educação dos corpos (1908 - 1952). 2017. Tese. Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LAGE, M. V. C.; CORNELSEN, E. L. A instrumentalização política dos esportes em perspectiva comparada: o totalitarismo nazista (1933-1945) e o autoritarismo varguista (1930-1945). In: BETTINE, Marco (Org.). **Estudos Interdisciplinares do Esporte**: aspectos filosóficos, sociais, políticos e econômicos. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2016, p. 277-300.

LIMA, E. J. S. Futebol à moda da casa: a construção do Regionalismo e disputas culturais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS, 28, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.n.], 2015.

LINHALES, M. A. **A escola, o esporte e a “energização do caráter”**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

LINHALES, M. A. **A trajetória política do esporte no Brasil**: interesses envolvidos, setores excluídos. 1996. 242 f. Dissertação – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

LOPES, Marta Aparecida Rodrigues. **O movimento estudantil brasileiro e o ensino superior no período de 1937 a 1964**. 2004. 109 f. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Educação) – Universidade São Francisco. Bragança Paulista, 2004.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas..** São Paulo: Ed. Contexto, 2005. p. 111-153.

MACHADO, Felipe Morelli. **"Morram" os cariocas! o regionalismo paulista nas páginas esportivas (1901-1938)**. 2016. 196 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

MACLEAN, M. A Gap but Not an Absence: Clubs and Sports Historiography. **The International Journal of the History of Sport**, v. 30, n. 14, p. 1687-1698, 2013.

MAIS UMA sessão semanal da Federação Universitária Paulista de Esportes. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 4 jul. 1935, p. 3.

MALAIA, J. M. Brazil: An Emerging Power Establishing Itself in the World of International Sports Mega-Events. **The International Journal of the History of Sport**, p. 1-16, abr. 2014.

MALAIA, J. M. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923). **Leituras de Economia Política**, Campinas, v. 13, p. 125-155, jan./jul. 2008.

MANHÃES, E. D. **Política de esportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986, 136 p.

MELO, V. A. A educação física e o Estado Novo (1937-1945): a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. In: PONTES JR, G.; PEREIRA, V. H. A. (Orgs.). **O velho, o novo, o reciclável Estado Novo**. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2008, p. 157-166.

MELO, V. A. **Escola Nacional de Educação Física em Desportos: uma possível história**. 1996, p. 199. Dissertação – Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas, São Paulo, 1996.

MELO, V. A. **Cidadesportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Relume Dumará, 2001, 233 p.

O 2.º CONGRESSO Nacional de Estudantes Preparativos para a instalação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2 dez. 1938, p. 15.

O ESPORTE Universitário. **Correio do Paraná**, Curitiba, 11 set. 1933, p. 6.

O OFICIALIZAÇÃO dos Esportes Universitários. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 set. 1941, p. 12.

O'HANLON, T. School Sports as Social Training: The Case of Athletics and the Crisis of World War I. *Journal of Sport History*, v. 9, n. 1, p. 5-29, 1982. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/43611462>>. Acesso em: 19/08/2016

OLIVEIRA, R. C. S. As diversões em Diamantina: uma história registrada pela imprensa (1888-1915). 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

OS ESTUDANTES brasileiros ao Presidente Getúlio Vargas. **A Batalha**, Rio de Janeiro, 16 jul. 1940, p. 1.

OS FLUMINENSES são campeões universitários de natação. **Correios São Paulo**, São Paulo, 2 maio 1935, p. 5.

OS NOSSOS universitários também criaram um “caso”. **Correio Paulistano**, São Paulo, 18 set. 1935, p. 8

OS PAULISTAS são campeões olímpicos universitários de futebol. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 2 maio 1935, p. 4.

OS UNIVERSITÁRIOS e o Sul-Americano de Futebol. **O Dia Esportivo**, Curitiba, 17 dez. 1940, p. 10

PACIFICAÇÃO dos Esportes Universitários. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 abr. 1940, p. 12.

PALAVRA das Mais Autorizadas Como o general Newton Cavalcanti falou sobre o amparo do governo ao esporte universitário. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 20 set. 1941, p. 8.

PANDOLFI, D. C.; GRZYNSZPAN, M. Da Revolução de 30 ao Golpe de 37: a depuração das elites. **Revista de Sociologia e Política**, [S.l.], n. 09, p. 7-23, dez. 1997. ISSN 1678-9873. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/39295>>. Acesso em: 02 ago. 2016.

PEDRITO. Correio do Paraná, Curitiba, 18 ago. 1939, p. 5.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Campinas: [s.n.], 1998. 380 p.

QUINTANEIRO, T. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 159 p.

RECENSEAMENTO do Brazil. Ministério da Agricultura, Industria e Commercio. Directoria Geral de Estatística. Realizado em 1 de Setembro de 1920, Republica dos Estados-Unidos do Brazil. Rio de Janeiro, Typ. Da Estatística, 1927. 696 p.

RECENSEAMENTO Geral do Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Série Nacional, Volume II. Censo Demográfico, População e Habitação. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1950, 209 p.

RIESS, S. A. Associativity and the evolution of modern sport. **Journal of Sport History**, v. 35, n. 1, p. 33-38, 2008.

RODRIGUES, A. **Diretrizes**, Rio de Janeiro, 16 out. 1941, p. 28.

RODRIGUES, M. A. A. *et al.* Mapeando as primeiras ações de políticas públicas de esporte em Minas Gerais (1927-1946) In: RODRIGUES, M. A. A.; ISAYAMA, H, F. (Orgs.). **Um olhar sobre a trajetória das políticas públicas de esporte em Minas Gerais: 1927 a 2006**. Contagem: MJR, 2014.

SANTOS, M. A. **O teatro em Mato Grosso (1889-1930)**. 2017 Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SCHWARTZMAN, S. A universidade primeira do Brasil: entre intelligentsia, padrão internacional e inclusão social. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 56, São Paulo, p.159-188, Jan./ Apr. 2006.

SERÁ preciso licença para o universitário disputar campeonato em outras entidades. **Correio Paulistano**, São Paulo, 17 nov. 1940, p. 15.

SOB O PATROCÍNIO do Secretário da Agricultura, o esporte universitário paulista será representado nos jogos de Minas Geraes. **Correio Paulistano**, São Paulo, 6 jul. 1938, p. 8

SOUZA, E. S. **Primórdios do esporte em Manaus – 1897 a 1911**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

STAREPRAVO, F. A. *et al.* Esporte Universitário brasileiro: uma leitura a partir de suas relações com o estado. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 131-148, mai. 2010.

STAREPRAVO, F. A. **O esporte universitário paranaense e sua relação com o poder público**. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

STRATA. E. Os Brasileiros em Berlim. **Correio Paulistano**, São Paulo, 30 jul. 1936, p. 10.

SZYMANSKI, S. A Theory of the Evolution of Modern Sport: responses to comments. **Journal of Sport History**, v. 35, n. 1, p. 57-64, 2008.

SZYMANSKI, S. *et al.* A theory of the evolution of modern sport. **Journal of Sport History**, v. 35, n. 1, p. 1-32, 2008.

TEM NOVA direção o Sport Universitário do Distrito Federal. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 14 ago. 1941, p. 8.

TERCEIRO Congresso Universitário de Esportes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 05 nov. 1940, p. 12.

TÓPICOS esportivos. **Correio de São Paulo**, São Paulo, 1 jun. 1937, p. 4.

UM GRANDE torneio colegial de Basket-ball promovido pela Federação Atlética de Estudantes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 ago. 1933, p. 14.

UMA ASPIRAÇÃO esportiva dos universitários brasileiros. **Correio Paulistano**, São Paulo, 27 ago. 1938, p. 15.

VÁRIAS Esportivas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1941, p. 20.

VÁRIAS NOTÍCIAS. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 set. 1939, p. 12.

VINTE E DUAS escolas superiores participarão dos jogos universitários de Minas Geraes. **Correio Paulistano**, São Paulo, 9 jul. 1938, p. 10.

WASHINGTON, M. Field Approaches to Institutional Change: The Evolution of the National Collegiate Athletic Association 1906–1995. **Organization Studies**, v. 25, n. 3, p. 393–414, 2004.

WRAY, V. Theories and Typologies: A Historical Exploration of the Sports Club in Britain, **The International Journal of the History of Sport**, v. 30, n. 14, p. 1569-1585, 2013.

YAMANDU, W.; GÓIS JUNIOR, E. Profissionalismo “Marrom” Do Futebol e a Imprensa Paulista (1920-1930). **Recorde: Revista de História do Esporte**. v. 5, n. 2, p. 1-13, jun./ dez. 2012.

ANEXOS

ANEXO I



Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO-LEI Nº 3.617, DE 15 DE SETEMBRO DE 1941.

Estabelece as bases de organização dos desportos universitários

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Fica instituída a Confederação dos Desportos Universitários.

Art. 2º A Confederação dos Desportos Universitários organizar-se-á de acordo com as seguintes bases, desde já em vigor:

I. Haverá em cada estabelecimento de ensino superior, uma associação atlética acadêmica, constituída por alunos, e destinada à prática de desportos e à realização de competições desportivas. A associação atlética acadêmica de cada estabelecimento de ensino superior estará anexa ao seu diretório acadêmico, devendo o presidente daquela fazer parte deste.

II. As associações atléticas acadêmicas formarão dentro de cada universidade, uma federação atlética acadêmica, que estará anexa ao diretório central acadêmico da mesma universidade, devendo presidente daquela fazer parte deste.

III. As associações atléticas acadêmicas dos estabelecimentos isolados de ensino superior, no Distrito Federal ou dentro de um mesmo Estado ou Território, reunir-se-ão para a constituição de uma federação atlética acadêmica, salvo se preferirem filiar-se à federação da universidade ou de uma das universidades aí existentes.

IV. As federações atléticas acadêmicas de todo o país formarão a Confederação dos Desportos Universitários.

V. Se, em determinado Estado ou Território, só existir um estabelecimento de ensino superior, filiar-se-á a sua associação atlética acadêmica diretamente à Confederação dos Desportos Universitários.

VI. A sede da Confederação dos Desportos Universitários é o Distrito Federal.

VII. Deverão as universidades e os estabelecimentos isolados de ensino superior construir e montar praças desportivas para uso de seus alunos, constituindo esta obrigação uma das condições da autorização e do reconhecimento federais, de que trata o decreto-lei número 421, de 10 de maio de 1988.

VIII. As pessoas naturais ou jurídicas, que mantenham estabelecimentos de ensino superior autorizados ou reconhecidos pelo Governo Federal, deverão conceder às respectivas associações atléticas acadêmicas uma subvenção anual destinada a auxiliar-lhes a manutenção. As associações atléticas acadêmicas dos estabelecimentos federais do ensino superior será concedida anualmente uma subvenção federal, observado o regime estabelecido pelos decretos-leis números 527, de 1 de julho de 1938, nº 693, de 15 de setembro do mesmo ano, e nº 1.500, de 9 de agosto de 1939. A mesma subvenção, e de acordo com o mesmo regime, poderá ser concedida à Confederação dos Desportos Universitários e às federações atléticas acadêmicas. Não se exigirá, para a concessão da subvenção federal, num e noutro caso, parecer de órgão colegial opinativo.

IX. São extensivos aos desportos universitários todos os favores instituídos para os desportos em geral pelo decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941; as disposições do referido decreto-lei, que digam respeito à organização desportiva, são igualmente extensivas aos desportos universitários, em tudo que lhes forem aplicáveis.

X. Ficam instituídos os Jogos Universitários Brasileiros, com o caráter de competições nacionais, a serem realizados bienalmente. Ficam considerados como Primeiros, Segundos e Terceiros Jogos Universitários Brasileiros, respectivamente, a Primeira Olimpíada Universitária Brasileira, realizada em São Paulo, em 1935, os Jogos Universitários de Minas Gerais, realizados em 1938, e a Segunda (Olimpíada Universitária Brasileira, realizada em São Paulo, em 1940.

XI. Não poderá o aluno do estabelecimento de ensino superior participar de competição desportiva não universitária sem licença especial da federação atlética acadêmica à que estiver filiado, ou, no caso do nº V deste artigo, da diretoria da sua própria associação, sendo que nenhum efeito aquela participação, se a licença for negada.

Art. 3º Os regulamentos dos desportos universitários, e bem assim os estatutos da Confederação dos Desportos Universitários, serão aprovados por decreto do Presidente da República. Os estatutos das associações atléticas acadêmicas deverão ser aprovados pelas federações a que estiverem filiadas, ou, não havendo filiação à federação, pela Confederação dos Desportos Universitários. Os estatutos das federações atléticas acadêmicas deverão ser aprovados pela Confederação dos Desportos Universitários.

Art. 4º Dos estatutos da Confederação dos Desportos Universitários constarão as relações desta com o Conselho Nacional de Desportos.

Art. 5º Os símbolos da Confederação dos Desportos Universitários e das federações e associações atléticas acadêmicas serão definidos nos respectivos estatutos. Dependerão de aprovação da Confederação dos Desportos Universitários os símbolos das associações atléticas acadêmicas.

Art. 6º Até a realização dos Quartos Jogos Universitários Brasileiros, em São Paulo, no primeiro semestre de 1942, deverão estar os desportos universitários organizados nos termos do presente decreto-lei, cabendo ao ministro da Educação, para este efeito, dar as necessárias providências.

Art. 7º Este decreto-lei entrará em vigor na data da sua publicação.

Art. 8º Ficam revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1941, 120º da Independência e 53º da República.

GETULIO VARGAS.
Gustavo Capanema.

Este texto não substitui o publicado na CLBR PUB 31/12/1941